

THIAGO ANDRÉ RODRIGUES LEITE

**A enunciação no rádio amador:  
produtividade lexical e manifestação de alíngua**

UBERLÂNDIA-MG  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERÂNDIA  
2010

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



THIAGO ANDRÉ RODRIGUES LEITE

**A enunciação no rádio amador:  
produtividade lexical e manifestação de alíngua**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Linguística.

**Área de concentração:**

Linguística e Linguística Aplicada.

**Linha de pesquisa:**

Linguagem, texto e discurso.

**Tema:**

Linguagem e constituição do sujeito.

**Orientadora:**

Dra. Carmen Lúcia Hernandes Agustini.

## FICHA CATALOGRÁFICA

L533e Leite, Thiago André Rodrigues, 1981-  
A enunciação no rádio amador [manuscrito] : produtividade lexical e manifestação de alíngua / Thiago André Rodrigues Leite. - Uberlândia, 2010.  
134 f.

Orientadora: Carmen Lúcia Hernandes Agustini.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,  
Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos.

1. Palavras e expressões – Rádio amador - Teses. 2. Língua portuguesa – Jargão – Teses. 3. Jargão (Terminologia) – Teses. I. Agustini, Carmen Lúcia Hernandes. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em Estudos Lingüísticos. III. Título.

CDU: 801.3

LEITE, Thiago André Rodrigues. **A enunciação no rádio amador**: produtividade lexical e manifestação de alíngua. Dissertação de Mestrado pela Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Uberlândia, 2010.

Dissertação defendida em 11 de fevereiro de 2010.

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Carmen Lúcia Hernandes Agustini – UFU  
(Orientadora)

---

Profa. Dra. Maria Onice Payer – UNIVAS

---

Prof. Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo – UFU



Dedico este trabalho, com muito amor e  
carinho, aos meus primeiríssimos,  
Barra Forte e Dona Baixinha.





## AGRADECIMENTOS

Radioperando e transmitindo,  
QRA de Merrinha,  
tá bão, tubarão...

Satisfação imensa  
poder apresentar este texto  
na tentativa de defesa de uma dissertação de mestrado,  
que bacana!

Taí, né, começo agradecendo ao Papai do Céu,  
Proteção Divina, fazendo presença na caminhada  
dentro e fora do mestrado, que maravilha!

Ah, poositiva, poositivado, agora...  
Aos meus primeiríssimos  
eu venho agradecer: Barra Forte e Dona Baixinha  
(Seu Vicente e Dona Imaculada).  
Presença constante, modulando comigo sempre,  
é só motivo, então, de agradecimento!  
Luz... Fortaleza... Fortaleza!!!

Minhas avós... Minha(s) vós... Oração!!!  
Vó Duca e Vó Seluta,  
obrigado, de coração...  
Tudo que é de bão!

Cláudia, minha irmã e sua-nossa família  
(Anderson, Arthur e Isabella), e  
Karine e Katriane, minhas primas.  
TKS pela estadia, moradia, em Uberlândia...  
Que bacana! Pelas ideias trocadas,  
que foram muitas e bem aproveitadas!

Meus tios  
Ronaldo, Lourival, Ziza e Zinho,  
por todo o carinho.  
Minha prima Mariana,  
pela constante disposição!

Ah, poositivo, Carmen Agustini!  
Minha orientadora, satisfação imensa poder  
deixar uns dizeres a ela.  
Pessoa maravilhosa! Amiga-mãe!  
Identificação por demais.  
De seus dizeres, adorei ir atrás.  
Meu muito obrigado, de coração, hoje, amanhã e sempre!

Agradeço a um anjo da guarda da academia:  
minha amiga-irmã, Sirlene Alferes.  
Muito me ajudou e incentivou.  
Me mostrou caminhos.  
Me deu uns toques academiquinhos.  
TKS pela atenção, Si!

Aos professores da Banca de Qualificação,  
que me deram uma grande lição,  
no sentido de leitura,  
com cada recomendação!  
Ernesto e Evandro, meu carinho, respeito e admiração.  
(Ernesto, meu professor em várias disciplinas).

Aos amigos-irmãos totais...  
Menciono alguns deles:  
Bianca, Célio, Edson, João de Deus, Hélder,  
Martins, Perereca, Públio e Wilton,  
braço direito,  
eu muito os respeito!

Agradeço aos meus amigos-professores  
pela força, pela força... Pela Força!!!  
Em nome de todos eles,  
toco nos nomes de Maria Cristina e Maria José,  
(E. E. Cel. José Faleiros de Aguiar – Grupiara/MG).  
Mulheres de muita fé!  
Obrigado pela compreensão,  
incentivo e educação...

## TENTE OUTRA VEZ

Raul Seixas

Veja  
Não diga que a canção está perdida  
Tenha fé em Deus, tenha fé na vida  
Tente outra vez

Beba  
Pois a água viva ainda tá na fonte  
Você tem dois pés para cruzar a ponte  
Nada acabou, não não não, oh oh oh oh oh

Tente  
Levante sua mão sedenta e recomece a andar  
Não pense que a cabeça aguenta se você parar, não, não, não, não, não, não  
Há uma voz que canta, uma voz que dança, uma voz que gira  
Bailando no ar

Queira  
Basta ser sincero e desejar profundo  
Você será capaz de sacudir o mundo, vai  
Tente outra vez

Tente  
E não diga que a vitória está perdida  
Se é de batalhas que se vive a vida  
Tente outra vez



## RESUMO

Com o nosso trabalho de pesquisa, objetivamos analisar a produtividade lexical do e no espaço enunciativo do grupo PX de rádio amador, focando o ASPECTO LEXICAL INUSITADO. Cumpre ressaltar que denominamos como INUSITADO um vocábulo ou expressão que “escapa” ao esperado no encadeamento linguístico onde emerge, já que o sistema apresenta outro vocábulo e/ou outra expressão estabilizada pela prática social e que se adequaria à circunstância. Sob a perspectiva teórica da Linguística da Enunciação, atravessada por algumas noções da Psicanálise lacaniana, analisamos o INUSITADO. Para tanto, embasamo-nos em Saussure (2006), Benveniste (2005, 2006), Lacan (1998), Authier-Revuz (1990, 1998, 2004), Milner (1984, 1995, 2006), entre outros. Por outro lado, destacando aspectos lexicais e relacionados à formação de palavras, embasamo-nos em Biderman (2001), Coseriu (1979, 1980, 1982), Rio-Torto (1993, 1998), entre outros. De acordo com o nosso conhecimento de integrante do grupo pesquisado, é de suma importância, para a pesquisa, conhecer o jargão do grupo PX para a realização das análises, uma vez que esse conhecimento permite distinguir aquilo que é da ordem do jargão daquilo que é da ordem do INUSITADO. A enunciação via o aparelho de rádio amador aponta para um espaço enunciativo em que os radioamadores (operadores de rádio amador) parecem ocupar uma posição enunciativa outra. Essa posição se dá pelo fato de haver, nesse espaço, certas características, como, solidariedade, amizade, afeto, etc. O grupo PX é constituído, em sua maioria, por motoristas de caminhão, carreta ou carreta bi-trem (base móvel). Há aqueles que possuem rádio amador em residência e/ou estabelecimento comercial que, também, constituem esse grupo (base fixa). Investigamos a enunciação relativa a interações de radioamadores do grupo PX no município de Monte Carmelo, Minas Gerais. São interações entre os próprios radioamadores desse município e entre esses radioamadores com radioamadores motoristas de outros lugares. As gravações que possuímos, a saber, de duas fitas cassetes, constituindo-se como nosso material de análise, não seguiram nenhum critério relativo a características dos informantes, como, sexo, faixa etária ou grau de escolaridade, dado que nos interessamos pela produtividade lexical no espaço dessa prática. A constituição do *corpus* ocorreu a partir de *recortes* de transcrições dessas fitas, enfatizando as enunciações em que pudemos construir o ASPECTO LEXICAL INUSITADO, foco do trabalho. O INUSITADO, conforme nossa hipótese de pesquisa, além de apontar para uma produtividade lexical característica da oralidade nesse espaço de interação, representaria uma manifestação de ALÍNGUA. Nesse sentido, vale dizer que uma das características desta diz respeito ao fato de registrar o hiato na língua. Com o decorrer de nosso trabalho, pudemos concluir que nossa hipótese foi confirmada, ressaltando que, para as ocorrências do INUSITADO, conforme nosso envolvimento com o *corpus*, construímos algumas categorias: METAFÓRICO, EUFÊMICO, HIPERBÓLICO e EQUÍVOCO. Entretanto, cumpre salientar que, a despeito dessa construção, isso não significa que coadunamos que haja um fechamento de sentido, já que há real. O que está para a ordem do (im)previsto não cessa de emergir.

**Palavras-chave:** Enunciação, léxico, jargão, INUSITADO, ALÍNGUA.



## ABSTRACT

This dissertation aims at investigating the lexical productivity of and in the enunciative space of the amateur radio PX group, focusing on the UNUSUAL LEXICAL ASPECT. It's necessary to say that we denominate as UNUSUAL a word or expression that "escape" to the expected in the linguistics enchainment where it emerges because the system presents other word and/or other expression fixed by the social practice, adapting to the situation. Under the theoretical perspective of the Linguistics of Enunciation, crossed by some notions from the lacanian Psychoanalysis, we investigate the UNUSUAL. Theoretically, the research was based on Saussure (2006), Benveniste (2005, 2006), Lacan (1998), Authier-Revuz (1990, 1998, 2004), Milner (1984, 1995, 2006), and others. To what concerns lexical aspects and word formation, Biderman (2001), Coseriu (1979, 1980, 1982), Rio-Torto (1993, 1998), and others were chosen. According to our knowledge of the researched group, it was very important to know the jargon of the PX group to undertake the investigation because this knowledge allowed us to distinguish if a word or expression belonged to a certain jargon or to the UNUSUAL. The enunciation by the amateur radio users points to an enunciative space in which the operators seem to occupy a different enunciative position, considering some of its characteristics such as solidarity, friendship, affection, etc. The PX group is constituted, in its big part, by truck drivers. It's necessary to say that there are operators in residences and/or business, too. We investigated the enunciation related to interactions of amateur radio operators in Monte Carmelo, Minas Gerais. These interactions are among operators from this town and among operators from this town with truck drivers from other places. Our recordings, two tapes, constituting our investigation material, did not follow any criterion related to the informants, such as sex, age or schooling, considering that we were interested in the lexical productivity in the space of this practice. The *corpus* was constituted by parts of transcriptions of these tapes in which it was possible to construct the UNUSUAL LEXICAL ASPECT, focus of our research. The UNUSUAL, according to our research hypothesis, besides pointing to a lexical productivity characteristic of the orality in this interaction space, would represent a manifestation of THELANGUAGE (lalangue). In this way, it's important to say that one of its characteristics concerns to the fact of registering the hiatus in the language. In the course of our work, we concluded that our hypothesis was confirmed, emphasizing that, to the UNUSUAL occurrences, we constructed some categories: METAPHORIC, EUPHEMISTIC, HYPERBOLIC and EQUIVOCAL. Although these categories proved to be of great importance to understand the object of our research, we do not agree that there is an enclosure of meaning, because there is "real". What concerns to the (un)expected does not stop emerging.

**Key words:** Enunciation, lexicon, jargon, UNUSUAL, THELANGUAGE.





## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	19
CAPÍTULO I	
PONTUANDO A TEORIA: VIDA PULSANTE DA E NA ENUNCIÇÃO.....	25
1. Introdução.....	25
2. Noção de jargão, gíria, neologismo e <u>INUSITADO</u> .....	27
2.1 Noção de estilo.....	30
3. O funcionamento do sistema linguístico: incessante atualização.....	31
4. Sistema, norma e enunciação: (im)previsibilidade de emergência do <u>INUSITADO</u> .....	35
5. Teoria do valor: uma forma de considerar a opacidade da linguagem.....	39
6. Noção de contexto e de situação: algumas considerações.....	42
7. Significado e sentido: algumas distinções.....	43
8. O sujeito da enunciação: sujeito do inconsciente, desejante, enfim, dessemelhante..	48
9. Espaço enunciativo do grupo PX de rádio amador: extravasando a singularidade.....	51
10. R, S, I: algumas considerações.....	54
11. Alíngua: um aspecto singular da subjetividade que toca no real.....	56
11.1 Um pouco de chiste: aproximando-o da <u>ALÍNGUA</u> .....	60
12. Construção de algumas categorias para o <u>INUSITADO</u> .....	61
CAPÍTULO II	
GRUPO PX DE RÁDIO AMADOR: HISTÓRIA, PRÁTICA, VOZ E FORMAÇÃO DE PALAVRAS.....	67
1. Aspectos históricos do rádio amador: ressaltando o agrupamento PX de Monte Carmelo, Minas Gerais.....	67
2. O aparelho de rádio amador: seu funcionamento e “console”.....	70
3. A prática de radioamadorismo do grupo PX: uma espécie de “estilo de vida”.....	72
3.1 A fuga da solidão das estradas.....	72
3.2 A amizade.....	75
3.3 A religiosidade.....	77
3.4 O respeito.....	79
3.5 A ludicidade.....	80
3.6 A poesia.....	81

4. A voz no rádio amador: enfatizando a musicalidade.....	82
5. A oralidade: ampliação lexical, formação de palavras e <u>INUSITADO</u> .....	85
CAPÍTULO III	
O ASPECTO LEXICAL INUSITADO EM ENUNCIÇÃO VIA RÁDIO AMADOR.....	91
1. Introdução.....	91
2. Constituição do <i>corpus</i> . <i>Os dados não falam!</i> .....	92
3. Um modo de descrever e analisar a enunciação no rádio amador focando o <u>INUSITADO</u> .....	95
4. <u>INUSITADO</u> : uma análise (do) (im)possível.....	97
4.1 <u>LEVANTA O DEDO QUE O BARRA FORTE ESCUTA</u> .....	97
4.2 <u>MEIO PROBLEMÁTICO AÍ DA GRIPE e PITIMBADINHA</u> .....	99
4.3 <u>CATIRÃO e CHECÃO</u> .....	101
4.4 <u>PÁ CABÁ</u> .....	102
4.5 <u>ESSA GALERA TUBARÔNICA e O ESCONDERIJO DO RICARDÃO</u> ..	105
4.6 <u>UM PUNHADINHO DE KM</u> .....	108
4.7 <u>A NOTONA BRABA</u> .....	110
4.8 <u>UMA COSTELINHA FORA</u> .....	111
4.9 <u>CODORNONA</u> .....	113
4.10 <u>A DONA ONÇA</u> .....	115
4.11 <u>DO LADO CANHOTO e O CARONA DA VEZ</u> .....	117
4.12 <u>ESSA VOZ DE LOCUTOR DE OURO e VIAGINHA</u> .....	119
4.13 <u>UM BANHO NA MINHOCA</u> .....	121
4.14 <u>GARGANTONA e BOA</u> .....	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127
BIBLIOGRAFIA.....	129
1. Referências bibliográficas.....	129
2. Bibliografia consultada.....	132
ANEXO	
RADIOAMADORES PARTICIPANTES DA PESQUISA: NOSSO MUITO OBRIGADO!.....	133

## INTRODUÇÃO

Nunca se vence uma guerra lutando sozinho. Cê sabe que a gente precisa entrar em contato. Raul Seixas (1979)

Gostaríamos de iniciar nosso trabalho destacando que o avanço tecnológico afeta a vida social, inclusive minimizando distâncias e obstáculos às relações humanas. De certa forma, tal avanço tem influído nas mais variadas formas de interação. O aparelho de rádio amador é uma dessas tecnologias que faz parte do cotidiano de grupos sociais específicos e que interfere, de um modo ímpar, nas relações humanas, dado que institui, como veremos no decorrer de nossa dissertação, um modo peculiar de interação. Esse modo peculiar de interação nos permite dizer que o aparelho de rádio amador parece suscitar um modo diferente de enunciar, conforme nosso entendimento. Nesse sentido, os operadores de rádio amador, os radioamadores, ressaltando um grupo específico, o PX, interagem entre si de um modo que não o fazem em espaços enunciativos formais, por exemplo. Desse modo, vale dizer que a língua, como parte concreta de práticas languageiras, que possibilita a emergência de vocábulos e expressões distintas daquelas já estabilizadas na e pela prática social, está, nesse espaço, marcada pela possibilidade de jogo (com o) significante, dada como demanda do próprio espaço, como veremos.

A partir de enunciações relativas a interações entre radioamadores do grupo PX, especificamente as enunciações no<sup>1</sup> município de Monte Carmelo, Minas Gerais, é possível observar que essa prática de rádio amador movimenta, de modo específico, a ocorrência de subversões e transformações lexicais. Assim, na perspectiva daquilo que está para a ordem do “imprevisível”, do “diferente”, do “novo”, trabalhamos a emergência do ASPECTO LEXICAL INUSITADO nessa prática. Compreendemos que o INUSITADO está presente naqueles constituintes lexicais que “escapam” ao esperado no encadeamento linguístico onde emergem, visto que o sistema já apresenta outra forma (signo linguístico) estabilizada pela prática social e que se adequaria à circunstância. Esse caráter contingente reside no fato de o INUSITADO vir no lugar daquilo que está para a ordem do jargão do rádio amador ou da cultura popular. Dessa forma, chama a atenção que o INUSITADO, previsto pelo próprio

---

<sup>1</sup> Gostaríamos de enfatizar que enunciamos *no* em vez de *do* pelo fato de lidarmos com interações entre radioamadores do município de Monte Carmelo e, também, entre radioamadores desse município com radioamadores de outros lugares, abrangendo outros Estados brasileiros, conforme radioamadores motoristas de caminhão, carreta ou carreta bi-trem.

sistema linguístico no processo de enunciação que o mobiliza, emerge via um modo outro de subjetivação, marcado pela solidariedade, o humor, a descontração, a afetividade, etc.

Sob essa perspectiva do INUSITADO, elegemos como escopo do nosso trabalho a sua análise. Assim, cumpre dizer que há vocábulos e expressões que passam a integrar o jargão do grupo PX, enquanto outros vocábulos e outras expressões permanecem reclusas à efemeridade e à contingência de sua ocorrência singular. Como o sistema linguístico prevê todas essas possibilidades, o importante, para nós, não está somente na possibilidade de ocorrência do INUSITADO, mas na efemeridade e contingência de seu acontecimento, visto que há, na prática desse grupo, uma relação específica daquele que enuncia com aquilo que diz, ao modo das “associações livres”<sup>2</sup>.

Nesse sentido, para a descrição e análise do ASPECTO LEXICAL INUSITADO, levamos em conta certas características: a efemeridade (caracteriza também a enunciação, pontual) e a contingência (não esperado, visto que poderia ter se dado de outra forma) numa dada conjuntura (espaço sócio-histórico da enunciação).

Essa compreensão do INUSITADO nos leva a trabalhar com a hipótese de que sua emergência, além de apontar para uma produtividade lexical característica da oralidade no espaço do grupo PX, representaria uma manifestação de ALÍNGUA<sup>3</sup>.

Dada nossa hipótese de pesquisa, trabalhamos com os objetivos:

### **Objetivos gerais**

- realizar um trabalho de pesquisa no quadro teórico da Linguística da Enunciação;
- estudar a enunciação na prática de rádio amador;
- compreender a relação entre esse espaço de interação e a produtividade lexical.

---

<sup>2</sup> Faz-se necessário frisar que a “associação livre”, método inventado por Freud, objetiva orientar o paciente a dizer o que vier à mente. Para tanto, “é precisamente após o relaxamento da ação inibitória da atenção ou, para falar mais precisamente, graças a esse relaxamento, que se instala a livre sucessão das associações”, conforme Freud (*apud* KAUFMANN, 1996, p. 52). Parece que o espaço enunciativo do rádio amador propicia esse relaxamento, uma vez que os radioamadores, por exemplo, não se interagem face a face.

<sup>3</sup> Tocamos em aspectos da noção de ALÍNGUA durante a dissertação, sobretudo no capítulo I, tópico: **12. Alíngua: um aspecto singular da subjetividade que toca no real.**

## Objetivos específicos

- analisar o ASPECTO LEXICAL INUSITADO que emerge nas interações via rádio amador;
- diferenciar o ASPECTO LEXICAL INUSITADO do estilo e do jargão do rádio amador;
- analisar os fatores que possibilitam a emergência do ASPECTO LEXICAL INUSITADO na prática de rádio amador.

Para tanto, analisamos transcrições de interações entre radioamadores do grupo PX ocorridas em Monte Carmelo, de 01 de agosto de 2007 a 31 de setembro de 2007. Assim, cumpre dizer que a realização das análises somente foi possível porque o pesquisador conhece o jargão do grupo PX, dado que também pratica essa forma de interação. Sem o conhecimento do jargão do grupo PX, a distinção entre aquilo que é da ordem do singular e aquilo que é da ordem do regular tornar-se-ia impraticável, porque o jargão poderia ser tomado como algo efêmero, contingente e conjuntural. No entanto, vale dizer que, como não é possível conhecê-lo todo, assumimos a implicação da subjetividade do pesquisador no trabalho realizado.

Por outro lado, considerando-se a prática de rádio amador, ressaltamos que "a linguagem é para o homem um meio, na verdade, o único meio de atingir o outro homem, de lhe transmitir e de receber dele uma mensagem" (BENVENISTE, 2006, p. 93). Nessa perspectiva, apresentamos um fato verídico passado por Barra Forte e por sua esposa Dona Baixinha, ambos radioamadores, para demonstrar a importância que o rádio amador pode assumir para aqueles que por ele se interagem. De acordo com Barra Forte<sup>4</sup>:

Eu, *José Pereira da Silva*<sup>5</sup>, mais conhecido por Barra Forte, apelido no rádio amador, vou contar uma pequena história da ajuda e importância do rádio amador. Eu e minha patroa estávamos em nossa casa. Chegaram ladrões e nos prenderam no banheiro. Disseram que buscavam o meu veículo D20 diesel. Levaram o veículo e vários pertences eletrônicos, inclusive o rádio do veículo. Consegui sair do banheiro. Como eu tenho base em minha casa, estação de rádio amador, através do rádio, comuniquei com os amigos na BR 365. Eles me passaram que viram o veículo passar pela BR. Através do rádio, a polícia foi comunicada. Foram recuperadas as coisas e o veículo. Graças a Deus, o rádio foi o fator principal na comunicação. *O rádio tem sua*

---

<sup>4</sup> FORTE, Barra. **Comunicação pessoal**. Monte Carmelo-MG: 06/09/08. É importante destacarmos que os operadores de rádio amador Barra Forte e Dona Baixinha têm diversas participações em nosso trabalho.

<sup>5</sup> Nome fictício para manter o anonimato do informante, segundo normas do Comitê de Ética da UFU.

*importância e utilidade em ajudar e fazer amizades através da comunicação via vento* (grifos nossos).

Com base nessa enunciação de Barra Forte, gostaríamos de dizer que, na contemporaneidade, vivenciamos um individualismo que domina os mais diversos espaços de prática social. Esse individualismo parece sintoma do capitalismo, uma vez que o “ter” parece ser mais importante do que o “ser”, no sentido de que, conforme nossa impressão, um homem é mais respeitado quando possui mais bens materiais. Desse modo, as relações humanas tornaram-se cada vez mais superficiais e frágeis. Ou seja, parece ser cada vez mais difícil encontrar espaços que possibilitem uma relação social forte e amigável que permita aos homens expressar sentimentos e expor-se a si, o que parece não coadunar com o espaço enunciativo do rádio amador, já que, conforme Barra Forte, *o rádio tem sua importância e utilidade em ajudar e fazer amizades através da comunicação via vento*.

Dessa forma, cumpre frisar que, parafraseando parte do poema *Motivo*, de Cecília Meireles, estamos enunciando porque o instante existe (MEIRELES, 2008, p. 29). É um momento oportuno-único para se dizer, visto que estamos em um espaço acadêmico. De certa forma, nosso trabalho nos proporciona que digamos algo sobre a importância do rádio amador, considerando ser um instrumento de aproximação e de ações conjuntas. Isto é, a prática de radioamadorismo parece se constituir como um modo de “combater” o individualismo, configurando-se como um espaço em que a solidariedade, a amizade e o afeto prevalecem nas interações e manifestam-se na linguagem, na voz, nos modos de dizer, etc.

Ressaltando a solidariedade, a amizade e o afeto que transparecem na prática de rádio amador do grupo PX, vale dizer que essas características despertaram, de certa forma, nosso interesse de modo a tomar a enunciação no rádio amador como objeto de estudo. Além disso, os próprios vocábulos e expressões do jargão desse grupo chamaram nossa atenção, já que parecem apontar para a existência de uma originalidade própria ao grupo PX. Por outro lado, a enunciação via o aparelho de rádio amador leva-nos a refletir acerca de uma voz marginalizada, no sentido de estar restrita a um grupo. Entretanto, com nosso estudo, talvez seja possível contribuir um pouco para a saída dessa marginalidade.

Nesse sentido, para avançarmos em nosso estudo, trabalhamos com uma pergunta de pesquisa. Essa pergunta se deu pelo fato de, ao analisarmos o ASPECTO LEXICAL INUSITADO, encontrarmos uma frequência significativa de sua emergência na prática de

rádio amador, o que nos levou a questionar o porquê de o espaço enunciativo do rádio amador se configurar como um espaço propício à emergência do INUSITADO. Objetivando lidar com essa pergunta e avançar no estudo da enunciação no rádio amador, dividimos nossa dissertação em três capítulos.

No capítulo I, abordamos a Linguística da Enunciação, relacionada a alguns pressupostos teóricos da Psicanálise lacaniana, que permite trabalhar com o INUSITADO. A Linguística da Enunciação é fundamental porque nos permite lidar com o dizer e com aquilo que é da ordem das marcas do sujeito no enunciado, as representações do sujeito; nesse campo, há o estudo dos efeitos do sujeito na língua. Por outro lado, ressaltando aspectos da noção do sujeito do inconsciente e de ALÍNGUA, trabalhamos afetados pela Psicanálise lacaniana, especificamente naquilo que é da ordem do inapreensível, tendo relação com a própria enunciação. Para tanto, embasamo-nos em Saussure (2006), Benveniste (2005, 2006), Lacan (1998), Authier-Revuz (1990, 1998, 2004), Milner (1984, 1995, 2006), entre outros. Ademais, abordamos aspectos teóricos de Coseriu (1979, 1980, 1982), que toca em questões lexicais, destacando a produtividade lexical no espaço de enunciação do rádio amador, bem como alguns conceitos oriundos da Análise de Discurso de linha francesa.

No capítulo II, discorremos sobre a história e a prática do rádio amador, frisando o grupo PX de radioamadores. Discorremos, também, sobre a voz se manifestar de forma mais musicada nessa prática, conforme nosso entendimento. Além disso, tocamos em questões relacionadas à formação de palavras, visto que muitas ocorrências do INUSITADO se dão por via da derivação sufixal. Para tanto, embasamo-nos em Santos (2003), Maliska (2008), Biderman (2001), Rio-Torto (1993, 1998), entre outros.

No capítulo III, dissertamos sobre o fato de haver várias verdades na Linguística, conforme várias teorias. Abordamos a constituição do *corpus*, enfatizando o lugar do observador. Dissertamos que, no campo da enunciação, há possibilidades de análise e, portanto, sentidos possíveis. Em decorrência, construímos um modo de descrever e analisar a enunciação no rádio amador, focando o ASPECTO LEXICAL INUSITADO. Para tanto, levamos em consideração o sentido em sua modalidade semântica abordada por Benveniste (2006); também, levamos em consideração a teoria do valor de Saussure (2006), já que esta pode ter relação com aquela modalidade semântica. Assim, descrevemos e analisamos conforme o que foi delineado na parte teórica e metodológica desta dissertação.



Por fim, em nossas considerações finais, procuramos discorrer sobre alguns resultados alcançados, os quais parecem responder, minimamente, a nossa pergunta de pesquisa. Além disso, nessas considerações, deixamos registrado um desejo.

## CAPÍTULO I

### PONTUANDO A TEORIA: VIDA PULSANTE DA E NA ENUNCIÇÃO

#### 1. Introdução

A teoria passa a ser a lente com a qual vemos o mundo (AGUSTINI, 2008)<sup>6</sup>.

A Linguística, que é uma ciência heterogênea, possui diversos campos de estudo, e, em decorrência, semeia diferentes verdades. Nesse sentido, vale dizer que não há teoria que abarque toda a linguagem; também, não há complementaridade nessa ciência. As teorias recortam aspectos da linguagem, dado que para se configurar como teoria é imprescindível uma operação de divisão que produza algum resto. Ou seja, uma teoria não dá conta do todo da linguagem, heteróclita e multiforme, como dizia Saussure (2006). Nessa perspectiva, há um histórico de leitura do pesquisador que, de certa forma, afeta a teoria e a sua prática.

Considerada tradicionalmente a ciência que estuda a linguagem verbal humana, a Linguística abrange uma diversidade teórica. Até num mesmo campo, como o da enunciação, há pontos de vista diferentes. Todavia, “o objeto da lingüística da enunciação é todo o mecanismo lingüístico cuja realização integra o seu próprio sentido e que se auto-referencia no uso. A enunciação é, pois, o que constitui esse processo” (FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 106). Ou seja, compreendemos que a enunciação é o objeto de estudo nesse campo, que considera o sujeito em operação na língua, isto é, movimentando as formas linguísticas. Dessa forma, diferente da tradição dos estudos linguísticos, o campo da enunciação estuda os efeitos do sujeito na língua.

As possibilidades linguísticas previsíveis pela língua, a questão dos sentidos outros, dos deslocamentos entre significante e significado, de certa forma, têm a ver com o campo da

---

<sup>6</sup> Enunciado proferido pela profa. Dra. Carmen Agustini no dia 17 de setembro de 2008, durante uma aula da disciplina Teorias Linguísticas, na Universidade Federal de Uberlândia, UFU.

enunciação. Em outros campos, essas características, talvez, não teriam a atenção que têm nesse campo.

Sob essa perspectiva, em nossa revisão da bibliografia, abordamos alguns aspectos da teoria de Saussure (2006), enfatizando o funcionamento do sistema. Lidamos com alguns aspectos linguístico-enunciativos<sup>7</sup>, o que implica dizer que, para haver deslocamentos na língua, deve haver a presença de sujeito. Nesse sentido, Saussure traz questões relacionadas à função-sujeito em sua teoria, a aspectos enunciativos. Em decorrência, a teoria saussuriana é tomada como base para a construção da Linguística da Enunciação e, portanto, de nosso trabalho.

A teoria de Saussure afeta as teorias linguísticas relacionadas à Linguística da Enunciação. Essas teorias ocupam o nível “lato sensu” entre os autores, uma vez que estes estão inseridos no campo da enunciação, mas o objeto de estudo possui relação heterogênea entre eles. Todavia, há que se ressaltar que as teorias da enunciação estudam as marcas do sujeito no enunciado. Por isso, cabe dizer que, conforme Normand (1996), o campo da enunciação diz respeito ao sujeito. Entretanto, esse campo não teoriza sobre este, uma vez que a linguagem fornece somente representações do sujeito.

Nesse sentido, é possível uma intervenção da Psicanálise, que discorre acerca do sujeito do inconsciente<sup>8</sup>. Tomamos a Psicanálise lacaniana, portanto, para a produção de uma noção de sujeito da enunciação. O sujeito da enunciação é o sujeito cindido: enquanto o Eu produz uma representação de unidade, o mim retorna trazendo à tona a fragmentação do sujeito via o insabido do inconsciente. Essa cisão afeta a constituição da linguagem de modo singular em cada homem. Dessa forma, o sujeito não é formado do mesmo modo, podendo dizer algo “diferente” em meio ao semelhante. Nessa perspectiva, o INUSITADO parece ter

---

<sup>7</sup> Tocar em aspectos enunciativos, baseando-nos em Saussure, torna-se possível quando consideramos o funcionamento do sistema linguístico e compreendemos sistema como um princípio de ordenação posto em movimento por uma função-sujeito. Assim, se consideramos a metáfora do jogo de xadrez, há neste uma função-sujeito que opera os movimentos das peças ao jogar, embora o movimento sem se dar conta do que faz com a língua. Parece-nos, portanto, que há aspectos da enunciação na teoria de Ferdinand de Saussure, levando-se em conta o Curso de Linguística Geral. Nesse sentido, parece ser possível dizer que Saussure é neo-estruturalista, ao considerar uma função-sujeito fazendo parte da estrutura, tocando-a, movimentando as formas linguísticas, e, por conseguinte, mantendo o sistema aberto. Falamos em função-sujeito porque estamos compreendendo esse jogo (com o) significante como um lugar de emergência do sujeito. Nesse sentido, não trabalhamos com um conceito de sujeito cognoscente. Trata-se de uma decorrência de considerarmos a noção de sujeito vinda da Psicanálise.

<sup>8</sup> Aprofundamos na noção de sujeito no tópico: **8. O sujeito da enunciação: sujeito do inconsciente, desejanste, enfim, dessemelhante**, deste capítulo.

relação estrita com o sujeito que enuncia, uma vez que associações estão em movimento, ou seja, em presença.

## **2. Noção de jargão, gíria, neologismo e INUSITADO**

Para tocarmos na noção de gíria, objetivando diferenciar essa noção da noção de jargão, gostaríamos de destacar que, conforme Biderman (2001), a gíria pode ser motivada por dois aspectos: pode ser uma criação popular para uma maior expressividade, ou, então, pode ser uma criação de um grupo que se defende para dificultar a compreensão de outros membros da sociedade, sobretudo a compreensão por parte de policiais. Por outro lado, cumpre dizer que a noção de jargão se aproxima da noção de gíria, mas são de ordens diferentes, conforme nosso entendimento.

Sob essa perspectiva, para distinguirmos essas noções, tomamos por base a distinção feita por Ducrot e Todorov (*apud* PETERSON, 1999, p. 14). Assim, segundo esses autores,

jargão significa as modificações que um grupo sócio-profissional traz para a língua nacional, especialmente no vocabulário e na pronúncia. Às vezes não é possível distinguir se as modificações estão relacionadas à natureza específica do que está sendo dito, ao desejo de não serem compreendidos, ou ao desejo do grupo de demarcar sua própria originalidade. A gíria (*argot*) pode ser considerada um caso particular de jargão. É um jargão que se apresenta como indício de uma situação social, não apenas privada, mas marginal.

Dessa citação, julgamos relevante dizer que o grupo PX de radioamadores é um grupo, de certa forma, sócio-profissional, uma vez que a maioria desses operadores são motoristas. Assim, afirmamos haver nesse grupo um jargão próprio, ressaltando o vocabulário próprio ali existente e a pronúncia outra se comparada a de outros espaços enunciativos. Ou seja, é a posição enunciativa outra incidindo, parece-nos, na voz.

Compreendemos que os radioamadores do grupo PX interagem entre si por meio de um código que não está relacionado a uma “defesa”, no sentido de não poderem ser compreendidos. A interação de dois radioamadores pode ser ouvida por outros radioamadores do grupo PX, ou, então, por indivíduos que não fazem parte desse grupo, mas que possuem o aparelho de rádio amador. A nosso ver, esse grupo anseia por originalidade, no sentido de marcar uma diferença, o que parece ter implicação até mesmo na voz.

Face a essas considerações, interessa-nos destacar um ponto em que o jargão parece se diferir da gíria. Esse ponto diz respeito ao fato de o jargão permear um grupo sócio-profissional, destacando, por exemplo, o grupo dos radioamadores, enquanto que a gíria não está para a ordem de um grupo sócio-profissional, mas para outros grupos sociais. Esse ponto de distinção nos permite afirmar que é comum se dizer: o jargão dos médicos, por exemplo, mas não a gíria dos médicos.

Considerando-se que tanto o jargão como a gíria pertencem ao léxico<sup>9</sup> e são parte da criação lexical, gostaríamos de destacar que, segundo Biderman (2001), a criação lexical é incessante, já que a língua permeia a oralidade e a escrita, o que aponta para a possibilidade do neologismo. Nesse sentido, a autora considera que “o *neologismo* é uma criação vocabular nova, incorporada à língua” (grifo da autora) (BIDERMAN, 2001, p. 203). Desse modo, distingue dois neologismos: o conceptual e o formal. O primeiro diz respeito a uma acepção nova a um vocábulo já existente, enquanto que o segundo diz respeito a um vocábulo novo no idioma, podendo se dar por meio de um termo vernáculo, ou, então, por meio de um empréstimo estrangeiro. Assim, compreendemos que tanto o jargão como a gíria podem comportar o neologismo.

Todavia, o jargão e a gíria estão relacionados, de certa forma, ao modo de dizer específico de um grupo; já o neologismo se refere não propriamente a um grupo. Assim, ressaltamos que o jargão do grupo PX está permeado por formas (signos linguísticos) da linguagem do cotidiano, adquirindo, nesse grupo, acepções novas. Essas acepções configuram o neologismo semântico, isto é, significados novos a formas já existentes, compondo o jargão do grupo PX, restringindo-se, de certa forma, a ele.

Por outro lado, o INUSITADO representaria uma manifestação de ALÍNGUA no dizer, conforme nossa hipótese, não se restringindo à produção de uma nova forma a partir de formas já existentes ou à mudança de sentido de uma forma já existente. Desse modo, diferenciar o INUSITADO do jargão da prática de radioamadorismo do grupo PX torna-se imprescindível, uma vez que nos permite apontar quando um dado vocábulo ou expressão é da ordem do INUSITADO, do jargão, ou, então, já permeia a cultura popular. Nesse sentido,

---

<sup>9</sup> Vale enfatizar que, conforme Biderman (2001, p. 12), “o léxico é, pois, um sistema aberto com permanente possibilidade de ampliação, à medida que avança o conhecimento, quer se considere o ângulo individual do falante da língua, quer se considere o ângulo coletivo da comunidade lingüística”. Ou seja, o léxico comporta, pois, a emergência do “imprevisto”, já que é aberto às possibilidades.

faz-se necessário dizer que, no decorrer de nosso trabalho, definimos em nota de rodapé, conforme enunciação de radioamadores, vocábulos e expressões que integram o jargão do PX. Para ilustrar o jargão pxiszeiro, observemos a enunciação de dois radioamadores:

BARRA FORTE: Tá legal... Regulando duas caxinhas pro Totonho ali, fazê o sertanejo ali no sábado. Touro, mas comenta pra *nóis*<sup>10</sup>, o senhor perguntou pro Feiticeiro se tem a pecinha pra colocá na radiola ou não?

TOURO SENTADO: Negatocha! Num conversei com ele ainda não... Nem conversei com ele, Barra. Agora que tô conversano, tá bão, tubarão?! Depois dá um grito nele aí, dá um grito nele aí, vê se ele tem aí.

BARRA FORTE: Ah... Tá legal! Agora mesmo dô um grito nele lá. Comentei com o senhor que passei um baixa frequência pro Luiz Meixinha, né?! Aí, amanhã eu pego a danadinha. Aí, deixo aí um borrachudo com o senhor pra garantir, pegá os *QJ*<sup>11</sup> dele e trazê pro senhor aí, positivo?! E trazê a outra pro senhor ajeitá.

A produção lexical sublinhada nessa *materialidade linguística*<sup>12</sup> faz parte do jargão do rádio amador. O vocábulo *negatocha* (não), que foi enunciado pelo radioamador Touro Sentado, é um vocábulo produzido a partir da junção do verbo negar e do substantivo tocha: uma formação por aglutinação, visto que houve perda de elemento na união. *Negatocha* não é, a nosso ver, uma forma conhecida por outros grupos. Esse mesmo operador de rádio amador enunciou o vocábulo *tubarão* (tipo de peixe, substantivo), adquirindo na prática de rádio amador o significado de *bom operador de rádio amador*: um substantivo adjetivado.

Por outro lado, o radioamador Barra Forte enunciou o vocábulo *caxinha* (na acepção popular, caixa pequena) e o vocábulo *radiola* (na acepção popular, toca-discos); todavia, esses vocábulos adquiriram na prática de rádio amador o significado de *aparelho de rádio amador*. Além disso, Barra Forte enunciou uma expressão que também faz parte do jargão dos

---

<sup>10</sup> Consideramos interessante dizer que esse *nóis* parece ter tido como referência apenas a pessoa “eu” (Barra Forte). Nesse sentido, Benveniste (2005) nomeia “nós exclusivo”, quando “eu” predomina em oposição a “tu” e “vós”, o que parece apontar para o *nóis* por nós destacado. Ou seja, um *nóis*, de certa forma, diferente, mas previsível pelo sistema linguístico. Ademais, vale dizer que “(...) em ‘nós’ é sempre ‘eu’ que predomina, uma vez que só há ‘nós’ a partir de ‘eu’ e esse ‘eu’ sujeita o elemento ‘não-eu’ pela sua qualidade transcendente. A presença do ‘eu’ é constitutiva de ‘nós’” (grifos nossos) (BENVENISTE, 2005, p. 256). Compreendemos, portanto, que é a propriedade “eu” que subjetiva o “tu”.

<sup>11</sup> Um exemplo acerca do código Q internacional, que permeia outros espaços enunciativos do rádio amador, além do espaço pxiszeiro. QJ significa dinheiro.

<sup>12</sup> Segundo Orlandi (2005, p. 53), “quando dizemos materialidade, estamos justamente referindo à forma material, ou seja, a forma encarnada, não abstrata nem empírica, onde não se separa forma e conteúdo: forma linguístico-histórica, significativa”.

radioamadores, a saber, *passai um baixa frequência* (passar um baixa frequência significa telefonar), não fazendo parte da prática oral de outros grupos, a nosso ver.

Associando a palavras do músico e compositor Cazuzza, a partir de sua música *O tempo não para*, valemo-nos da metáfora do tempo para aludir às mudanças que a língua comporta. No entanto, compreendemos que essas mudanças não são propriamente decorrentes da ação do tempo, mas do fato de que a língua é constitutiva das relações sociais. É nas interações, via enunciação, que a língua expõe-se ao “imprevisível”, ao “diferente”, ao “novo”, e, portanto, à mudança. E tal se dá porque o sujeito da enunciação é um sujeito cindido, ou seja, não sabe tudo de si.

Nesse sentido, gostaríamos de destacar o seguinte trecho da música citada: “eu vejo o futuro repetir o passado. Eu vejo um museu de grandes novidades” (CAZUZA, 1997). Na primeira parte do trecho, se trocarmos *futuro* por *outras formas (signos linguísticos)*, de certa forma, elas repetem o passado, conforme o vocábulo *negatocha*, que é um exemplo acerca de signos linguísticos existentes na língua incidirem na constituição de um outro signo linguístico. Já na segunda parte do trecho, se trocarmos *um museu* por *vocábulos já existentes*, teríamos que *de grandes novidades* está relacionada ao fato de os vocábulos existentes ganharem novas acepções, com o passar do tempo, conforme um dado grupo. Assim, *caxinha*, *radiola* e *tubarão* são exemplos de novos significados para vocábulos já existentes na língua nacional, que é, de certa forma, representada nos dicionários léxicos e gramaticais da língua. Há um léxico próprio do rádio amador que, de certa forma, marca o grupo de radioamadores, identificando-o. Esse léxico é parte integrante do estilo pxiszeiro.

## 2.1. Noção de estilo

O estilo dos radioamadores do grupo PX está intimamente relacionado ao seu modo de se interagir. Eles parecem “brincar” com a língua, no sentido de jogar com os elementos linguísticos. O jargão desse grupo é parte de seu estilo; no entanto, estilo e jargão não são sinônimos, estão implicados. Para Barthes (1988, p. 135),

o estilo é visto, então, como a exceção (codificada, entretanto) de uma regra; ele é a aberração (individual e, no entanto, institucional) de um uso corrente, que ora é visado como verbal (se se define a norma pela linguagem falada), ora como prosaico (se se opõe a Poesia a ‘outra coisa’).

A despeito de haver, nessa definição de estilo, uma peculiaridade outra para a língua, levamos em consideração o estilo definido como um modo de enunciar que se especifica em um certo espaço de sociabilidade e que, por isso, se regulariza de modo a identificar os membros de um grupo (social). Assim, para Possenti (2004), o estilo não está para a ordem de uma individualidade, de uma expressão desta; todavia, envolve tanto uma tomada de posição como um efeito de singularidade. Compreendemos a tomada de posição como posição enunciativa semelhante num dado espaço enunciativo, o que aponta para a prática de rádio amador do grupo PX, apesar da singularidade de cada sujeito, já que os radioamadores têm um modo próprio de enunciar.

O estilo e o jargão do espaço pxiseiro se distinguem do INUSITADO, dado que, enquanto aqueles estão para a ordem da regularidade, este está para a ordem da ocorrência única, embora possa vir a se repetir em outras circunstâncias. Trata-se de uma produção local e, portanto, singular, que pode ou não passar a integrar o estilo se os praticantes de radioamadorismo, ou seja, se o grupo passar a produzi-la em sua prática. Assim, cumpre dizer que o INUSITADO mostra que a língua possui um caráter de não fixidez.

### **3. O funcionamento do sistema linguístico: incessante atualização**

Ao construirmos o conceito de INUSITADO em nossa pesquisa, percebemos que ele já é previsível pela língua. Nesse sentido, baseando-nos em Saussure (2006, p. 90), cumpre destacar que “uma língua é radicalmente incapaz de se defender dos fatores que deslocam, de minuto a minuto, a relação entre o significado e o significante. É uma das conseqüências da arbitrariedade do signo”. Ou seja, entendemos que, se a língua é deslocada frequentemente, a emergência do INUSITADO é possível e, portanto, previsível pelo sistema, no sentido de que o sistema permite sua produção. Incontroláveis são os efeitos de sua emergência por aquele que o produziu. Dessa citação, uma questão surge para nós: parece haver uma função-sujeito inserida na teoria saussuriana, uma vez que para haver deslocamentos entre significado e significante, é necessário que haja sujeito. Isto é, a língua é, sob o prisma saussuriano, *tarafa de toda gente*<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> Ao considerar que a língua é *tarafa de toda gente*, Saussure nos leva a associar a Coseriu (1979, p. 32), ao dizer que a “língua” pertence ao indivíduo e, ao mesmo tempo, à sua comunidade, e no próprio indivíduo se apresenta como **alteridade**, como *algo que pertence também a outros*” (grifo em negrito do autor) (grifos em itálico nossos). Ou seja, associamos *tarafa de toda gente* a *algo que pertence também a outros*, o que nos permite compreender que a linguagem é heterogênea.



Ademais, Saussure (2006, p. 90) afirma que “a língua (...) não está limitada por nada na escolha de seus meios, pois não se concebe o que nos impediria de associar uma idéia qualquer com uma seqüência qualquer de sons” (grifos nossos). Essa citação nos permite dizer que, se a língua não está limitada por nada na escolha de seus meios, é possível se tocar na possibilidade do equívoco numa mesma forma linguística, o que nos remete ao fato de a língua estar para a ordem da não fixidez. O equívoco registrado na língua é uma das características da ALÍNGUA, indicando que o sistema linguístico está em incessante atualização.

Dentro dessa perspectiva da não fixidez da língua, vale destacar aspectos do signo linguístico saussuriano. Assim, a partir da ideia, funda-se o significado (conceito) e a partir do som, o significante (imagem acústica). No entanto, significante e significado são entidades psíquicas. O signo linguístico passa por um processo de discretização, tornando-se unidade concreta, unidade linguística, opondo-se a todo o resto, ou seja, passa a ser limite<sup>14</sup> para outros signos; toda vez que se tem um signo, esse processo se deu.

Assim, de acordo com Saussure (2006, p. 80) “o signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica”. Esse autor discorre que há questões relacionadas à ambiguidade do termo *signo* tomado como *imagem acústica* apenas, daí ele ter substituído *conceito* por *significado*; *imagem acústica* por *significante*; mas *signo linguístico* é conservado. Nesse sentido, *significado*, *significante* e *signo* podem se relacionar e se opor ao mesmo tempo.

Cabe dizer que a língua passa por mudanças relacionadas a seus mecanismos de ordem, não havendo mudança *abrupta* e *individual*. Desse modo, há, além da *mutabilidade* do signo, da língua propriamente dita, mudanças que não afetam o sistema e suas regras, que são da ordem da *imutabilidade*. A imutabilidade diz respeito à ordem da língua enquanto sistema, um princípio de ordenação, visto que essa ordem transcende ao individual, o que aponta para o fato de não ser possível fazer qualquer coisa com a língua, que lhe impõe limites, isto, é, não é qualquer combinação entre os elementos linguísticos que é aceita pelo sistema. Dessa forma, a língua é concreta, já que não se pode fazer qualquer coisa com ela.

---

<sup>14</sup> Acerca dessa questão do limite, parece ser possível associá-la à ALÍNGUA, ressaltando que esta rompe com o esperado, marcando o não-todo do dizer. Assim, é um limite de uma outra ordem.

Desse modo, é possível estabelecer uma associação entre essas questões e um trecho da música *Como os nossos pais*, do músico e compositor Belchior (2002). Observemos o trecho:

mas é você / Que ama o passado / E que não vê / É você / Que ama o passado / E que não vê / Que *o novo sempre vem...* (...) Minha dor é perceber / Que apesar de termos / Feito tudo, tudo / Tudo o que fizemos / Nós ainda somos / Os mesmos e vivemos / Ainda somos / Os mesmos e vivemos / *Ainda somos / Os mesmos e vivemos / Como os nossos pais...* (grifos nossos).

Diríamos que *o novo sempre vem* (mutabilidade), ressaltando o fato de a língua sempre passar por mudança no que diz respeito a seus mecanismos de constituição de signos linguísticos; entretanto, enfatizando que *ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais* (imutabilidade), diríamos que a língua é uma herança de épocas anteriores, e não há mudança *abrupta* (*ainda somos os mesmos*) e *individual* (*e vivemos como nossos pais*).

Sob essa perspectiva, vale dizer que Saussure não fecha a estrutura. Segundo Saussure (2006, p. 139), “um sistema linguístico é uma série de diferenças de sons combinadas com uma série de diferenças de idéias”, o que não implica dizer que o sistema linguístico é um somatório de signos linguísticos, mas sim, conforme considera esse autor, um sistema aberto. O sistema linguístico é composto de inumeráveis signos linguísticos: os que estão em circulação e os que estão em estado de latência. Estes são pelo fato de não estar circulando socialmente numa dada língua, estão para a ordem, pois, do idioleto ou daquilo que ainda não apareceu em nenhuma enunciação registrada.

Conforme nossas análises, concebemos que há vocábulos que estão para a ordem daquilo que denominamos de INUSITADO. Esses vocábulos remetem a deslocamentos entre *significado* e *significante*, representando-se como signos linguísticos outros. São signos pelo fato de existir ali a associação entre um dado significado (conceito) a um determinado significante (imagem acústica). São outros pelo fato de estarem para a ordem do estado de latência.

Dentro do quadro da teoria saussuriana, destacando os princípios do signo linguístico, este é *arbitrário*, ou seja, não há motivação na relação entre *significado* e *significante*, o que sugere a possibilidade de alterações, deslocamentos, etc. Por outro lado, o signo linguístico é uma *convenção*, mesmo havendo objeções relacionadas a *onomatopéias* (aproximativas e

autênticas) e *exclamações*. Além disso, é *linear*, isto é, há uma linha na qual um elemento segue após o outro, formando uma cadeia, apresentando-se sintagmaticamente.

O sistema linguístico e outros sistemas da mesma ordem, como, o sistema escrito, têm o funcionamento de forma semelhante, visto que todo elemento é *relacional* (é na relação que se constitui), *negativo* (não existe antes do sistema, só tem existência quando posto em sistema) e *opositivo* (se opõe aos demais elementos do sistema). Um elemento é o que os outros não são. Assim, vale dizer que a língua é um sistema de oposições. Conforme Zanotto (2006, p. 26), “toda oposição supõe *identidade e diferença*. A identidade permite que os elementos possam ser comparados. A diferença permite que se distingam”. Ou seja, compreendemos que cada signo tem a sua singularidade, ou seja, a sua própria identidade. Todavia, um elemento pode ser comparado a outro, conforme as características semelhantes: relacional, negativo e opositivo.

Considerando-se a previsibilidade de deslocamento entre elementos no encadeamento linguístico, formando um novo signo, vale destacar que o INUSITADO, conforme um dado vocábulo, é fruto de um deslocamento previsível. Esse deslocamento em nada altera o sistema, já que faz parte das possibilidades da língua. Segundo Saussure (2006, p. 199-200), “em nenhum momento um idioma possui um sistema perfeitamente fixo em unidades. (...) A língua é um traje coberto de remendos feitos de seu próprio tecido”. Isto é, compreendemos que é a construção de um signo linguístico a partir daquilo que já há no sistema. Assim, o que é da ordem do “imprevisto” na língua segue o princípio de ordenação, o que não implica dizer que não seja uma criação.

Nessa perspectiva, baseando-nos em Coseriu (1982), cabe frisar que a criação é, portanto, constante na linguagem, não só pelo fato de um novo símbolo (lemos como significante) aparecer, mas também pelo fato de todo ato enunciativo ser um ato de (re)criação, o que parece abranger a previsibilidade de emergência do INUSITADO, já que este está para a ordem de uma combinação possível a partir dos elementos do sistema numa dada enunciação.

#### 4. Sistema, norma e enunciação: (im)previsibilidade de emergência do INUSITADO

A alegria, a tristeza, a dor e o medo do homem, a sua maneira de considerar o mundo e a sua atitude para com ele, tudo isso se reflete na palavra, no ato de criação lingüística. *O homem conhece, e ao mesmo tempo pensa e sente, estabelecendo analogias inéditas, na intuição como na expressão, analogias que contêm e manifestam o seu modo peculiar de tomar contato com a realidade* (grifos nossos) (COSERIU, 1982, p. 75).

No ato enunciativo, as associações entre elementos linguísticos, diferentes de associações já esperadas e estabilizadas socialmente na prática languageira, ressaltando um dado espaço enunciativo, estão para a ordem da previsibilidade do sistema linguístico, conforme já abordamos. Comparamos, portanto, o estabelecimento de *analogias inéditas* pelo homem, *analogias que contêm e manifestam o seu modo peculiar de tomar contato com a realidade* a esses tipos de associações diferentes, no sentido de estas romperem com o esperado no encadeamento linguístico onde emergem.

Sob essa perspectiva do (in)esperado, vale destacar que Coseriu (1979), em seu texto *Sistema, norma e fala*, afirma que “o sistema é um conjunto de oposições funcionais”, ao passo que “a norma é a realização ‘coletiva’ do sistema” (COSERIU, 1979, p. 74). Ou seja, a norma é a realização normal do sistema, no sentido de se repetir modelos anteriores; está, pois, para a ordem da tradição, do costume. A despeito de o sistema linguístico ser único, há várias normas para ele, o que não implica dizer que é menos abrangente do que elas.

Desse modo, o sistema, que está para a ordem da estrutura da língua, está para a ordem das possibilidades, abrangendo fatos não realizados, mas possíveis, levando-se em conta as oposições e as regras de combinação dos elementos linguísticos, ou seja, o próprio funcionamento do sistema. Dessa forma, parece ser possível dizer que o sistema é inapreensível, já que não é possível apreender todas as suas possibilidades, porém verifica-se seu funcionamento, por exemplo, mediante “os atos lingüísticos concretamente registrados no próprio momento de sua produção” (grifos nossos) (COSERIU, 1979, p. 74). Essa citação remete-nos ao conceito de enunciação com o qual trabalhamos, visto que toca em *momento de sua produção*, produção dos atos linguísticos. Ou seja, a enunciação está para a ordem da efemeridade, conforme dizeres de Benveniste (2006). Por outro lado, o enunciado está para a ordem do repetível, é o produto da enunciação; vindo numa tentativa de marcá-la.

Diríamos que a enunciação é, pois, um *momento*, algo efêmero e irrepitível, o que nos permite associá-la ao poema *Romanceiro das palavras aéreas*, de Cecília Meireles, conforme trecho: “ai, palavras, ai, palavras, / Que estranha potência a vossa! / Ai, palavras, ai, palavras, / Sois de vento, ides no vento, / *No vento que não retorna*, / *E, em tão rápida existência*, / *Tudo se forma e transforma!*” (grifos nossos) (MEIRELES, 1977). Isto é, associamos as palavras *vão no vento que não retorna* à efemeridade e à irrepitibilidade da enunciação. Ademais, associamos *e, em tão rápida existência, tudo se forma e transforma* às possibilidades várias permitidas pelo sistema linguístico, embora haja sempre o resto, não se apreendendo por meio das cadeias da linguagem. Referimo-nos ao real<sup>15</sup>.

Sob essa perspectiva das possibilidades, remetemo-nos a dizeres lacanianos. Segundo Lacan (1998, p. 506), “é na cadeia de significante que o sentido *insiste*, mas que nenhum dos elementos da cadeia *consiste* na significação de que ele é capaz nesse mesmo momento” (grifos do autor). Ou seja, compreendemos que há possibilidade de sentidos outros emergirem num ato enunciativo, já que há sujeito movimentando o sistema linguístico.

Nesse sentido, cumpre ressaltar que o sistema admite “variantes<sup>16</sup>” no que dizem respeito ao ponto de vista significativo e formal. Assim, “uma costuma ser a normal, enquanto que as demais, ou são *anormais*, ou têm um determinado valor estilístico” (grifo nosso) (COSERIU, 1979, p. 67). Desse modo, gostaríamos de construir para o vocábulo *anormais* um sentido possível de *restrito, de certa forma, a determinado grupo*. É a possibilidade de ressaltar vocábulos e expressões, conforme seus significados ou formas, peculiares a um dado grupo, não conhecidos, talvez, por outros grupos.

O grupo PX de radioamadorismo possui esses tipos de vocábulos e expressões, apontando para a existência de uma norma ali, isto é, para a existência de uma das realizações possíveis do sistema. Assim, vale frisar que o significado e, às vezes, até mesmo a forma de vocábulos e expressões desse grupo podem não ser conhecidos por outros grupos. Os vocábulos *batonete* (mulher) *crystalóide* (filho), *crystalina* (filha), *esparadapo* (irmão), e *primeiríssimo(a)* (pai, mãe) e as expressões *capital da mulher bonita* (Goiânia, Goiás), *munheca de pau* (iniciante na prática de radioamadorismo) e *pé de breque* (carro), por

---

<sup>15</sup> Tocamos na noção de real no tópico: **10. R, S, I: algumas considerações**, deste capítulo.

<sup>16</sup> No âmbito do presente trabalho, compreendemos o termo “variantes” como modos de dizer que se repetem, de certa forma, em enunciações específicas relativas a determinados grupos sociais.

exemplo, remetem à questão dos significados próprios a esse grupo, embora as formas já sejam, talvez, conhecidas por outros grupos. Ou seja, esse jargão é parte integrante da norma do grupo PX, o que nos leva a dizer que há um modo de dizer estabilizado nessa prática. Todavia, cabe salientar que é via enunciação que a norma é afetada. Nesse sentido, faz-se relevante destacar que

mesmo assim é evidente que nem todas *as associações possíveis no sistema* (pelo lado do conteúdo ou pelo lado da forma) ocorrem também na norma: considere-se que o valor criativo na linguagem, e particularmente o labor poético, consiste, em grande parte, em descobrir novas associações significativas (imagens) ou formais (rima, assonância, aliteração, harmonia imitativa, etc.), possíveis no sistema (isto é, virtualmente existentes), mas *inéditas na norma*” (grifos nossos) (COSERIU, 1979, p. 68).

Face à norma na prática de radioamadorismo do grupo PX, vale dizer que *as associações possíveis no sistema*, levando-se em consideração a criatividade linguística<sup>17</sup> nessa prática, deixam-nos entrever a previsibilidade de vocábulos e expressões *inéditas na norma*. Ou seja, tomamos o vocábulo *inéditas*, no sentido de que era esperado um outro vocábulo ou uma outra expressão no lugar onde emerge um ASPECTO LEXICAL INUSITADO. Nesse sentido, faz-se interessante ressaltar que o INUSITADO está para a ordem da (im)previsibilidade. Isto é, é previsível pelo sistema, mas imprevisível onde emerge, posto que o sistema já apresenta outra forma estabilizada pela prática social e que se adequaria à circunstância. Imprevisível também porque está em relação de dependência às associações (subjetivas) daquele que enuncia.

Sob a perspectiva da (im)previsibilidade, gostaríamos de estabelecer um paralelo com o poema *Procura da poesia*, de Carlos Drummond de Andrade, conforme o trecho:

chega mais perto e contempla *as palavras*. / Cada uma / tem mil faces secretas sob a face neutra / e te pergunta, sem / interesse pela resposta / pobre ou terrível, que lhe deres: / Trouxeste a chave?” (ANDRADE, 2008, p. 25-26).

Tomando *palavras* aqui por *signos linguísticos*, ressaltando que *cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra*, diríamos que o “novo” está para a ordem da previsibilidade do sistema linguístico, já que só se possa fazer com a língua aquilo que é permitido pelo próprio sistema linguístico.

---

<sup>17</sup> Concebemos a “criatividade linguística” como algo constitutivo da inter(relação) via rádio amador. Também é oportuno dizer que, para nós, essa criatividade constitui uma demanda desse espaço específico de inter(ação).

Assim, dentro das possibilidades permitidas pelo sistema, pode haver inumeráveis deslocamentos entre os elementos constitutivos do signo linguístico. Parece, portanto, que o INUSITADO é uma dessas *faces secretas* que podem afetar a norma via a enunciação.

Destacando a previsibilidade de emergência do INUSITADO, vale dizer que Saussure (2006, p. 16) considera que a linguagem é, a *cada instante*, além de um produto do passado, uma *instituição atual*. Isto é, entendemos ser possível conceber uma função-sujeito que atualiza o sistema. Ademais, é a possibilidade de relacionar essa *instituição atual*, levando-se em conta *cada instante*, com a possibilidade de emergência do INUSITADO.

Considerando-se aspectos enunciativos na teoria de Saussure, é relevante afirmar que, conforme Flores et alii (2008), a Linguística da Enunciação, além de ser tributária dessa teoria, só é definida relacionando-se a ela. Afirmam que a fala, conforme CLG, não é algo que “sobrou” para os estudos da enunciação, já que a fala, nessa obra, tem um componente de irregularidade, afastando-se da própria enunciação. Assim, “a Lingüística da Enunciação não estuda ‘irregularidades’ nem seu objeto circunscreve algo que poderia ser chamado de ‘o individual’” (FLORES, 2008, p. 17). Vale lembrar, então, que a Linguística da Enunciação não é a da fala, conforme essa concepção de fala.

Todavia, embora fala, no CLG, e enunciação não estejam para a mesma ordem, gostaríamos de tecer uma aproximação. Segundo Benveniste, é justamente a *enunciação* que determina as alterações lexicais. De acordo Saussure, uma associação entre um *significado* e um *significante* se dá, de início, num *ato de fala*. Ou seja, a aproximação que tecemos está para a ordem de esses autores considerarem que, de certa forma, um dado deslocamento lexical pode ocorrer quando o sujeito diz. Ademais, cumpre frisar que, para Saussure, a fala precisa da língua para que produza *todos os seus efeitos*, o que parece abranger os efeitos contingentes.

Dessa forma, algo pode “escapar” no encadeamento linguístico, mesmo havendo formas linguísticas apropriadas para uma dada situação enunciativa. Isto é, o axioma da contingência está para aquilo que não se controla. Nesse sentido, a língua é suscetível de equívoco, polissemia, sentidos outros, já que a linguagem, conforme concepção com a qual coadunamos, é opaca.

## 5. Teoria do valor: uma forma de considerar a opacidade da linguagem

Um modo singular de produzir equívoco, eis o que é uma língua entre outras (MILNER, 1995, p. 15).

No Curso de Linguística Geral, é enfatizado que o sistema configura uma ordem própria que determina o seu funcionamento, o que torna pertinente dizer que os elementos linguísticos se relacionam. Todavia, gostaríamos de destacar que “o valor de qualquer termo que seja está determinado por aquilo que o rodeia” (SAUSSURE, 2006, p. 135). O valor está relacionado à posição do termo, ao seu lugar, podendo se modificar sem que o significado seja afetado; também, pode mudar de classe gramatical, dependendo da localização do termo na frase.

Acerca da mudança de classe gramatical, citamos como exemplo o conhecido trecho do livro *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. No primeiro parágrafo do capítulo 1, *Óbito do autor*, Brás Cubas, o protagonista do livro, decide contar suas memórias a partir de sua morte e faz a seguinte afirmação: “não sou propriamente um *autor defunto*, mas um *defunto autor*” (grifos nossos) (ASSIS, 1996). Nota-se que a classe gramatical dos termos *autor* e *defunto* mudou. Em *autor defunto*, *autor* (substantivo) e *defunto* (adjetivo), ao passo que em *defunto autor*, *defunto* (substantivo) e *autor* (adjetivo). Assim, o valor de cada termo mudou, já que houve alteração na relação entre os termos.

Embora haja termos conhecidos nas expressões que se configuram como ocorrência do ASPECTO LEXICAL INUSITADO, eles podem ganhar novos valores devido à relação que constituem com os outros termos da enunciação, podendo afetar o sentido<sup>18</sup>. Desse modo, cumpre dizer que a teoria do valor é uma teoria relacional que diz respeito a lugar. Um lugar pode ser ocupado por um conjunto de coisas que poderia entrar e outras não. A própria enunciação determina o lugar, o que sugere que a teoria do valor pressupõe uma função-sujeito na língua.

A noção de valor, em Saussure (2006), refere-se ao princípio de ordenação. Sem este não há língua, que é um princípio de ordenação igual para todos os falantes de uma língua específica; dessa forma, ela é homogênea. Por outro lado, no que tange à questão da prática

---

<sup>18</sup> Abordamos uma distinção entre significado e sentido no tópico: **7. Significado e sentido: algumas distinções**, deste capítulo.



social, esta está para a ordem da heterogeneidade, o que nos leva a associar à não transparência da linguagem, ou seja, à opacidade, já que heterogeneidade remete-nos a algo que não é uniforme, desliza-se, diferencia-se.

Ressaltando a metáfora do jogo de xadrez, vale lembrar que, se houver a mudança de uma peça, muda-se todo o resto, afetando as relações. Nesse jogo, cada peça tem a sua singularidade; o rei, por exemplo, tem seu norte, o que está para a ordem da língua também, salientando o signo linguístico. Conforme Saussure (2006, p. 104), “o valor respectivo das peças depende da sua posição no tabuleiro, do mesmo modo que na língua cada termo tem seu valor pela oposição aos outros termos”. Saussure traz o exemplo desse jogo para afirmar que *tudo na língua é relacional*. Assim, se uma peça do jogo de xadrez é movimentada, muda-se toda a relação. O valor linguístico de um dado termo depende de sua posição na relação com outros termos.

A teoria do valor, enfatizando ainda o jogo de xadrez, parece ter relação com o fato de que não há garantia de como o dizer incide no outro, já que não se controla o que se diz, no sentido de que sempre se diz mais do que acredita dizer, visto que somos sempre dessemelhantes. Assim, comparando a um lance desse jogo, Saussure (2006, p. 104) afirma que “é impossível ao jogador prever com exatidão os limites desse efeito. [...] Tal lance pode transtornar a partida em seu conjunto e ter conseqüências mesmo para as peças fora de cogitação no momento”. Ou seja, compreendemos que é a não garantia de como uma mudança de valor repercute sobre todo o sistema.

Comparando com a visão de linguagem com a qual coadunamos, é a não garantia de como o dizer chega ao outro, já que as relações são relações de não-encaixe perfeito, no sentido de que a linguagem é opaca. Esse não-encaixe se dá porque o significante é uma representação de algo ausente. Por isso, está fadado a não poder ser ele mesmo. No entanto, também nunca é aquilo que representa, porque é representação. Essa impossibilidade lhe traz uma hiância constitutiva, que o habilita ao jogo da língua. A compreensão, nesse sentido, está para a ordem do imaginário<sup>19</sup>.

---

<sup>19</sup> Abordamos aspectos da noção de imaginário no tópico: **10. R, S, I: algumas considerações**, deste capítulo.

Entendemos que *não há garantia*<sup>20</sup> alguma de como um dizer incide no outro, no sentido de se enunciar algo e de ser compreendido da forma como imagina que o seria compreendido, deveria sê-lo.

Assim, parece que Saussure deixa entrever algo da ordem da opacidade da linguagem em sua teoria. Nesse sentido, “entre todos os indivíduos assim unidos pela linguagem, estabelecer-se-á uma espécie de meio-termo: todos reproduzirão – *não exatamente*, sem dúvida, *mas aproximadamente* – os mesmos signos unidos aos mesmos conceitos” (grifos nossos) (SAUSSURE, 2006, p. 21). Essa questão do *não exatamente, mas aproximadamente* leva-nos a dizer que cada um constrói sua própria realidade, apontando para o fato de que os homens não veem a mesma realidade, já que a linguagem é opaca, ou seja, incide singularmente em cada um.

Nesse sentido, é interessante e pertinente citar Lacan (1998), que subverte a associação *significante e significado* teorizada por Saussure, dizendo que o primeiro tem prevalência sobre o segundo, no sentido de que o *significado* se dá a partir da relação entre significantes. Estes são singulares para cada sujeito. Assim, um mesmo significante difere de um sujeito para outro. Nos dizeres lacanianos, o sujeito é um significante representando para outro significante na cadeia de significantes.

A despeito dessa subversão, entendemos que há a possibilidade de tecer certa aproximação a dizeres saussurianos, ressaltando a não fixidez do signo linguístico. Ou seja, é o significado ocorrendo numa relação também; entretanto, essa relação está para uma outra ordem: a dos signos linguísticos. Por outro lado, gostaríamos de tentar uma outra aproximação também. Saussure afirma que os indivíduos não reproduzem os mesmos signos linguísticos; já Lacan, os significantes são diferentes de um sujeito para outro. Isto é,

---

<sup>20</sup> Um exemplo acerca dessa não garantia diz respeito a uma cena do filme *De olhos bem fechados* (Eyes wide shut), de Stanley Kubrick; Bill (Tom Cruise), ao enunciar que confia em sua esposa Alice (Nicole Kidman), parece ter tido uma surpresa, já que Alice começa a rir desmedidamente e confessa já ter tido atração por outro homem, desencadeando uma série de efeitos em Bill. Parece que este esperava chegar de uma outra forma em sua esposa, mas não foi o que aconteceu. Um outro exemplo acerca dessa questão da não garantia pode ser observada a partir de um conto de Machado de Assis (2005): *Missa do galo*, na parte em que a personagem Sr. Nogueira diz a personagem dona Conceição: “Que velha o que dona Conceição?”. É a possibilidade de afirmar que há a compreensão por parte de quem lê, mas há a não garantia de como esse enunciado vai incidir em cada leitor. Dá a impressão de que pode ser percebido como uma cantada, um simples elogio, uma ironia, etc. Assim são com os dizeres de qualquer falante, que não os controla.

compreendemos que a partir dessa aproximação seja possível considerar a opacidade da linguagem.

Os signos linguísticos, sob prisma saussuriano, parecem ter uma abordagem linguístico-enunciativa, enfatizando que

para escapar às ilusões, devemos nos convencer, primeiramente, de que *as entidades concretas* [signos linguísticos] *da língua não se apresentam por si mesmas à nossa observação*. Mas se procuramos apreendê-las, tomaremos contato com o real; partindo daí, poder-se-ão elaborar todas as classificações de que tem necessidade a Linguística para ordenar os fatos de sua competência (grifos nossos) (SAUSSURE, 2006, p. 127).

Se *as entidades concretas* [signos linguísticos] *da língua não se apresentam por si mesmas à nossa observação*, isso sugere que a opacidade da linguagem está incidindo ali. Compreendemos que é a possibilidade de tocar em equivocidade da linguagem, baseando-nos em Saussure. Assim, cumpre ressaltar que a linguagem nunca consegue ser ela mesma, já que a opacidade a constitui.

Nesse quadro, coadunamos com a perspectiva de que a linguagem é sempre metafórica, visto que ela determina o mundo, medeia a relação do homem com o mundo. Desse modo, o homem via linguagem estabelece um mundo de uma forma e não de outra. Ademais, nossa visão acerca da linguagem está relacionada ao fato de esta ser parte da cultura, é algo adquirido, uma herança, conforme perspectiva saussuriana.

Todavia, a cultura está sempre em movimento, já que há sujeito produzindo, sugerindo que o sistema linguístico também está para essa ordem do movimento, visto que tem sujeito atualizando-o sempre. Essa atualização se dá via a enunciação, ressaltando um determinado contexto e situação.

## **6. Noção de contexto e de situação: algumas considerações**

Considerando-se que a Linguística da Enunciação estuda os efeitos do sujeito na língua, conforme já abordamos, faz-se necessário discutir a noção de contexto e de situação no âmbito de nosso trabalho, já que esses efeitos se dão em um determinado contexto e situação. Essas noções produzem mudanças epistemológicas na Linguística, visto que, ao

tratar a língua de forma descontextualizada, subtrai-se, pois, o gesto interpretativo, o que não coaduna com a perspectiva enunciativa, que produz uma noção específica de contexto.

Na Linguística da Enunciação, o contexto não é a situação empírica emergencial. Conforme Rastier (1998), uma situação diz respeito a uma ocorrência de uma prática social. Nesse sentido, pode haver diferentes situações de enunciação num mesmo contexto, embora haja parâmetros de coerções na sociedade. Além disso, o contexto é uma representação histórica relativa a uma prática social específica. Portanto, trata-se de uma construção inscrita na própria linguagem que nele se produz. É uma exterioridade constitutiva.

Sob essa perspectiva, vale destacar que o contexto não é segmentável, é um bloco. “O contexto suporta e suscita um feixe de antecipações e de retroações, ambas tanto inibidoras quanto ativadoras” (tradução nossa) (RASTIER, 1998, p. 100). Assim, considerando-se esse caráter de *suportar* e *suscitar* algo, parece que nada é autônomo, no sentido de que tudo está na relação com a história, que está implicada na própria linguagem. Ademais, o contexto tem a ver com as condições sociais e linguísticas comuns entre os interlocutores ali implicados e representados.

Por outro lado, a “língua constitui um sistema de valores puros que *nada determina fora do estado momentâneo de seus termos*” (SAUSSURE, 2006, p. 95). A língua delimita unidades, e o valor resulta de combinações e de oposições entre os termos, conforme já discutimos. Portanto, ressaltando que *nada determina fora do estado momentâneo de seus termos*, torna-se relevante afirmar que não há como prever o que pode acontecer, em termos linguísticos, no ato da enunciação, embora esta ocorra sempre num dado contexto. Ou seja, num dado espaço enunciativo, aquilo que é da ordem do estabelecido socialmente pode não ocorrer, já que o sentido está sempre em construção.

## **7. Significado e sentido: algumas distinções**

De certa forma, os termos *significado* e *sentido* têm relação, mas é necessário dizer que este permeará nossas questões de análise. Assim, torna-se pertinente afirmar que o *sentido* é construído no ato de enunciação e está relacionado ao fato de que não há ato de enunciação fora de uma prática social. Já o significado está relacionado comumente a uma imanência própria à palavra, expressão ou texto. Dessa forma, no que diz respeito ao sentido de um

enunciado, Fish (1992) diz que é óbvio ou pelo menos acessível pelo fato de estar em determinada enunciação, o que sugere não haver, portanto, uma *infinita pluralidade de sentidos*, já que há limites, levando-se em conta o contexto e as relações ali implicadas.

Salientando o limite para o(s) sentido(s) de um texto, Lemos (1992, p. 37) afirma que “é a produção de um efeito de unidade de sentido no discurso, cuja condição é o *silenciamento* não de outro sentido, mas *de toda uma força de proliferação de sentidos que é própria da linguagem*” (grifos nossos), um ponto de limite. Assim como é ponto de limite a subjetividade daquele que lê.

Para ilustrar a questão do limite para o(s) sentido(s), destacamos o espaço enunciativo do grupo PX de rádio amador. Desse modo, acerca do vocábulo *tapetão*, que no espaço de enunciação do futebol significa “qualquer local onde se resolvam problemas de futebol fora do campo” (HOUAISS, 2001), no espaço de enunciação do rádio amador, outro significado lhe é atribuído com frequência, ocorrendo, pois, o *silenciamento de toda uma força de proliferação de sentidos que é própria da linguagem*. Observemos o recorte abaixo, que está permeado pelo jargão desse grupo:

MUSEU: Ah... Positivo! Então, véio, brigado e *TKS*<sup>21</sup> pelas palavras aí, o *Papai do Céu te proteja* na *rodage*<sup>22</sup>, um abraço aí, tudo de bão aí.

BARRA FORTE: Tá legal, Museu. Não... Beleza aí, *aquela boa viajada* pra ti, tá bão, meu jóvio, *Papai do Céu faz presença no QT de Lataria*<sup>23</sup> e sem *QRM*<sup>24</sup> na *rodagem*<sup>25</sup>, ô Museu, *okapa*<sup>26</sup>?!

MUSEU: Sem *QRM*<sup>27</sup>, só botá aceleração aí, só botá pressão aí...

BARRA FORTE: Tá legal, o *tapetão*<sup>28</sup> tá um filé, né?! Aí *fica só o ouro*<sup>29</sup> pu lado do senhor aí, ok?!

A partir dessa materialidade linguística, gostaríamos de chamar a atenção para algumas características da prática de rádio amador do grupo PX, ressaltando que abordamos

---

<sup>21</sup> Obrigado.

<sup>22</sup> Estrada.

<sup>23</sup> Caminhão ou carreta.

<sup>24</sup> Complicação.

<sup>25</sup> Estrada.

<sup>26</sup> Positivo.

<sup>27</sup> Complicação.

<sup>28</sup> Rodovia de asfalto.

<sup>29</sup> Fica bom. Parece-nos que essa expressão também permeia a cultura popular.

as características dessa prática no capítulo II, tópico: 3. A prática de radioamadorismo do grupo PX: enfatizando algumas características. Assim, vale dizer que o afeto e a religiosidade se configuram como características dessa prática, o que parece condizer com esse recorte, já que há dizeres dessa ordem, conforme entendemos: *TKS pelas palavras. Papai do Céu te proteja. Aquela boa viajada. Papai do Céu faz presença no QT de Lataria.*

No espaço de enunciação do rádio amador, o vocábulo *tapetão* tem o *significado* de *rodovia de asfalto*. Nesse sentido, diríamos que *tapetão* pode fazer parte, de certa forma, do repertório de todo radioamador do grupo PX. Por outro lado, quem não está inserido nesse grupo, talvez não compreenda o significado atribuído a *tapetão* nessa prática social.

De acordo com Lemos (1992), não há a possibilidade de falar sobre o(s) sentido(s) fora da *particularidade do sujeito* e da *história*; esta, conforme já foi assinalado, não se desvincula do *contexto de enunciação*. Ressaltando a *particularidade do sujeito*, parece ser possível tocar na questão da *subjetividade*<sup>30</sup> neste momento. Lemos (1992), que aborda alguns aspectos teóricos de Halliday acerca da questão do que faz texto, afirma que este autor tem uma “tendência a querer reconhecer ‘um fora da língua’ que faz efeito na linguagem” (LEMOS, 1992, p. 26). O que dá sentido(s), para essa autora, portanto, é a *subjetividade*.

Nesse sentido, tomamos a *subjetividade* relacionando-a à própria *significação*<sup>31</sup>, que é mobilizada pelo sujeito, já que tanto a *subjetividade* como a *significação* estão para a ordem da construção. Na perspectiva dessa construção, consideramos relevante um paralelo com o poema *Resíduo*, de Carlos Drummond de Andrade, conforme trecho:

*se de tudo fica um pouco, / mas por que não ficaria / um pouco de mim? no trem / que leva ao norte, no barco, / nos anúncios de jornal, / um pouco de mim em Londres, / um pouco de mim algures? / na consoante? / no poço? (grifos nossos) (ANDRADE, 2008, p. 93).*

Partindo do pressuposto de que o(s) sentido(s) está(ão) sempre em construção, embora não haja a *infinita pluralidade de sentidos*, então, *de tudo fica um pouco*. Os sentidos não estão prontos e acabados. É necessário o outro para fazer sentido(s). Assim, *por que não ficaria um pouco de mim?* Este dizer nos leva a refletir acerca de o(s) sentido(s) estar(rem)

---

<sup>30</sup> Tocamos em aspectos da noção de subjetividade mais adiante, baseando-nos em Benveniste.

<sup>31</sup> A *significação*, sob a perspectiva saussuriana, se dá não só no laço entre *significado* e *significante*, mas, sobretudo, na relação entre os *signos linguísticos*. Essa relação se dá no *ato de enunciação*.

para a ordem da *subjetividade*; é construído pelo sujeito, que deixa um pouco de si num texto, colocando o sistema linguístico em movimento, a partir da posição que ocupa socialmente e da história de linguagem que o constitui.

Nessa perspectiva da construção do(s) sentido(s), gostaríamos de destacar a enunciação de dois radioamadores, levando-se em consideração a expressão *é pá cabá*. A nosso ver, essa expressão permeia a cultura popular, não fazendo parte, portanto, do jargão do rádio amador. Observemos a enunciação:

BARRA FORTE: Tá legal, tá bão, Carabina, quero ver não conhecer, né, ESSA VOZ DE LOCUTOR DE OURO<sup>32</sup>, né, tubarão<sup>33</sup> todo aí do Monte Carmelo, retornando a city em busca dum descarregamento, tá bão, ô Carabina, bom dia!

CARABINA: Ah... Ok, Barrinha, não é memo, chegano aqui agora aqui ó [xxx] pô a carreta no lugar, dô outra VIAGINHA<sup>34</sup> na semana, é pá cabá, né?! Tá bão, Barrinha, vô ficá aqui na city hoje, amanhã, domingo do Faustão, aí vai sair à tarde, vô fazê o carregamento mais cedo, é pá cabá, né?! Tá bão, Barrinha [xxx] com a permissão do senhor e os demais aí, eu vô pô os pé no chão pra ver cumé que vai ficá as coisera<sup>35</sup> aqui, Barrinha. Depois a gente fala novamente.

BARRA FORTE: Tá legal, Carabina, eu agradeço o senhor a visita, viu?! Fica à vontade aí. Bom descarregamento pro senhor, quando quisé e pudé aí, arrocha o grito<sup>36</sup> aí que vô tá aqui pra contestar<sup>37</sup> o amigo novamente, tá bão, Carabina?! Tchou, tchau...

TOURO SENTADO: Quem tem QJ<sup>38</sup> pra emprestá? *Cumé que tá as coisas? Cumé que tá a vida, rapaz?* Eu olhei aquele transistor do seu radinho, rapaz, eu nunca tinha visto aquele transistor uai, 2073, é pá cabá, viu?!

A partir dessa materialidade linguística, parece ser possível atribuir sentidos diferentes para a expressão *é pá cabá*, levando-se em conta momentos diferentes. Dessa forma, vale destacar que “*um segmento linguístico adquire sentidos em relação às situações, aos contextos e aos textos*” (tradução nossa) (grifos nossos) (RASTIER, 1998, p. 105). Ou seja,

---

<sup>32</sup> ASPECTO LEXICAL INUSITADO analisado no capítulo III. Assim, chamamos a atenção para características da prática de rádio amador, conforme esse recorte, nesse capítulo também.

<sup>33</sup> Bom operador de rádio amador.

<sup>34</sup> De acordo com a nota 32.

<sup>35</sup> Coisa.

<sup>36</sup> Chamar via rádio amador.

<sup>37</sup> Atender.

<sup>38</sup> Dinheiro.

entendemos que *é pá cabá* é um segmento linguístico que parece ter adquirido sentidos outros em relação às situações em que ele emergiu.

Antes da primeira ocorrência da expressão *é pá cabá*, o radioamador Carabina enunciou que faria outra viagem durante a semana. Assim, conforme o ASPECTO LEXICAL INUSITADO VIAGINHA, que parece amenizar o cotidiano de trabalho, atribuímos um sentido possível de *conformismo* à expressão *é pá cabá* pela viagem que ocorrerá durante a semana.

Por outro lado, antes da ocorrência da segunda expressão *é pá cabá*, esse mesmo radioamador enunciou que ficaria em Monte Carmelo no sábado e que viajaria no domingo à tarde, daí *fazê o carregamento mais cedo*. Dessa forma, levando-se em conta o fato de se viajar justamente no domingo, *no domingo do Faustão*, atribuímos um sentido possível de *revolta* à expressão *é pá cabá*.

A terceira expressão *é pá cabá* emergiu nos dizeres do radioamador Touro Sentado. Em meio a um dizer com certo tom lúdico, esse radioamador perguntou: *quem tem QSJ pra emprestá?* Antes da emergência de *é pá cabá*, Touro Sentado enunciou dizeres afetuosos, a nosso ver, por meio de algumas perguntas: *cumé que tá as coisas?*, *cumé que tá a vida, rapaz?*. Em seguida, afirmou que *nunca tinha visto aquele transistor*, emergindo *é pá cabá*. Para esta expressão, atribuímos um sentido possível de *surpresa*, já que Touro Sentado ainda não tinha visto o transistor 2073.

Embora num mesmo espaço enunciativo, do grupo PX, atribuímos sentidos diferentes para a expressão *é pá cabá*. Ou seja, é a possibilidade de dizer que o sentido está sempre em construção, levando-se em conta a *particularidade do sujeito* e a *história*, embora haja limites, conforme já abordamos. Ademais, no ato da enunciação, pode haver associações várias entre um *significado* e um *significante*, bem como entre *os signos linguísticos*, podendo emergir algo contingente.

Nessa perspectiva, enfatizando que há sentidos que estão para a ordem do esperado, conforme uma dada prática social, vale dizer que há também a (im)possibilidade de emergência do não esperado. Dessa forma, “a questão do sentido, ou melhor, da impossibilidade de uma determinação radical e definitiva do sentido, *introduz um impensável*



*que a língua não pode integrar*, porque, como ordem, ela só conhece a combinatória do possível, do dizível” (grifos nossos) (LEMOS, 1992, p. 27). Assim, acerca dessa questão de que o sentido *introduz um impensável que a língua não pode integrar*, tomamos esse *impensável* por *imprevisível*. Embora sob uma outra perspectiva teórica, diríamos que a língua pode integrá-lo. Para tanto, embasamo-nos em Milner (1995), levando em consideração que a ALÍNGUA é suportada pela língua, ou seja, é *integrada* pela língua, estando para a ordem da contingência, uma vez que o sujeito da enunciação, que é o próprio sujeito do inconsciente, é sempre suposto saber.

Nesse sentido, ao tocar em sujeito do inconsciente não é tocar em consciente e inconsciente separados, mas no sujeito que não sabe tudo de si, o que nos permite dizer que, conforme Saussure (2006, p. 104), “o deslocamento de uma peça [signo linguístico] é um fato absolutamente distinto do equilíbrio precedente e do equilíbrio subsequente”. Ou seja, compreendemos que um signo linguístico, em dois momentos distintos, é diferente, não possui a mesma identidade, o que parece apontar para a possibilidade de o sujeito da enunciação dizer algo “diferente”, é a contingência.

## **8. O sujeito da enunciação: sujeito do inconsciente, desejante, enfim, dessemelhante**

Há tantos quadros na parede, há tantas formas de se ver o mesmo quadro.  
*Ninguém = Ninguém* (grifos nossos) Engenheiros do Hawaii (1992).

Discorrer acerca da noção de sujeito, baseando-nos na Psicanálise lacaniana, é tocar na questão da singularidade, que se articula com a própria história do sujeito. Assim, cumpre dizer que a incidência da linguagem em cada um dá-se de forma singular, ou seja, a própria fundação do sujeito é sempre dessemelhante, algo escorregadio, da ordem do insabido.

Nesse sentido, gostaríamos de associar essa incidência a dizeres saussurianos. Desse modo, referindo-se às relações associativas, Saussure (2006, p. 143) afirma que “elas fazem parte desse tesouro interior que constitui *a língua de cada indivíduo*” (grifos nossos). Isto é, associamos *a língua de cada indivíduo* ao fato de o simbólico incidir de forma singular em cada um, o que não implica dizer que o sujeito seja fonte de seus dizeres, já que a linguagem, sob prisma saussuriano, é uma herança.

O sujeito, uma vez na ordem do simbólico<sup>39</sup>, articula a linguagem de forma única, já que o sujeito da enunciação é sempre único. A linguagem captura o sujeito, mas é também capturada por ele, uma vez que este produz novos sentidos nas mais diversas práticas de linguagem.

A noção de sujeito aponta para o fato de estar sempre em construção, não havendo um acabamento, fechamento. Há sempre a falta, o resto e algo que escapa à simbolização. Esse sujeito está para a ordem de um significante para outro significante, que é singular para cada sujeito.

Ressaltando essa construção, parece-nos possível associar ao fato de que, conforme Benveniste (2005, p. 278), “cada *eu* tem a sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único, proposto como tal” (grifo do autor). Ou seja, já que a “pessoa” que emergiu num ato enunciativo não é a mesma de um outro ato anunciativo, associamos à perspectiva de que o sujeito está sempre em construção e, por conseguinte, não controla seus dizeres.

Nesse quadro teórico, gostaríamos de abrir um parêntese para uma leitura de um dizer saussuriano. Saussure (2006, p. 139), ao afirmar que “na língua só existem diferenças”<sup>40</sup>, deixa-nos entrever que um elemento é aquilo que o outro não é, o que nos leva a uma comparação. Essas diferenças remetem-nos ao fato de o simbólico incidir de forma singular em cada um, conforme dizeres lacanianos. Ou seja, na linguagem, na língua, só existem diferenças. A maneira de suportar a realidade é única, o que implica dizer que algo considerado como “ironia” por um, pode não sê-lo para um outro.

Sob essa perspectiva da singularidade, vale dizer que, de acordo com Benveniste (2006, p. 82), “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. Em Benveniste, o objeto não é o texto, mas o próprio *ato* de produzir enunciado. Nesse sentido, considerando-se essa questão do *ato individual*, compreendemos que há margem para se tocar em singularidade, já que esta está para aquilo que é da ordem de um indivíduo, o que parece apontar para o fato de que “a relação do locutor com a língua

---

<sup>39</sup> Tocamos um pouco na noção de simbólico no tópico: **10: R, S, I: algumas considerações**, deste capítulo.

<sup>40</sup> Vale dizer que, conforme Milner (1995, p. 15), “ela [língua] se torna coleção de lugares, todos singulares e todos heterogêneos: de qualquer lado que se a considere, *ela é outra para ela mesma*, incessantemente heterotópica” (grifos nossos). Essa citação permite-nos dizer que, se a língua *é outra para ela mesma*, é o fato de o significante ser, conforme Psicanálise laciana, heterogêneo em si mesmo.

determina os caracteres lingüísticos da enunciação” (BENVENISTE, 2006, p. 82). Entendemos que essa relação é sempre singular para cada sujeito.

Esse sujeito é efeito de linguagem. Não é o sujeito cognoscente, mas o sujeito cindido. Assim, conforme Authier-Revuz (2004, p. 63) “o sujeito *não é uma entidade homogênea, exterior à linguagem*, que lhe serviria para ‘traduzir’ em palavras um sentido do qual ele seria a fonte consciente” (grifos da autora). É o sujeito barrado sobre quem o processo de castração<sup>41</sup> ocorreu. O sujeito do inconsciente é inacessível. Há, portanto, apenas representações desse sujeito.

Sob essas considerações acerca do sujeito do inconsciente, cumpre destacar, portanto, que esse sujeito está para a ordem da incompletude, no sentido de haver a falta, do gozo que se repete, jamais havendo completude, o que nos leva a associar à metáfora do tonel.

Essa metáfora diz respeito ao fato de haver, por parte do sujeito, uma tentativa de preenchimento do tonel; no entanto, jamais o tonel é preenchido, visto que em sua parte inferior há um furo, ocorrendo, pois, o eterno vazamento. “Ou seja, a partir do momento em que o sujeito entrou na linguagem, haverá perda de gozo, perda do Gozo suposto ao Outro” (RIOLFI, 1999, p. 198). Esse gozo diz respeito à satisfação da pulsão, que é a repetição da falta, o que move o sujeito, que não sabe o que lhe falta.

Nessa perspectiva da incompletude, gostaríamos de tecer uma associação à música *Ouro de tolo*, do músico e compositor Raul Seixas, conforme trecho abaixo:

*eu devia estar contente porque tenho um emprego*, sou um dito cidadão respeitável e ganho quatro mil cruzeiros por mês... (...) *Eu devia estar alegre e satisfeito por morar em Ipanema* depois de ter passado fome por dois anos aqui na cidade maravilhosa (grifos nossos) (SEIXAS, 2003).

Dessa citação, uma questão surge para nós: compreendemos que o sujeito do inconsciente parece estar sempre à procura de algo. *Eu devia estar contente porque tenho um*

---

<sup>41</sup> Cumpre dizer que a castração está para a ordem da fundação do sujeito, é a falta constitutiva. Todavia, a castração, que é a falta no Outro, pode ter como efeito a criação, que parece permear as enunciações de radioamadores. No que se refere ao Outro, vale ressaltar que, sob prisma lacaniano, o Outro está para a ordem da cultura, do social, do simbólico, envolvendo também a história. O sujeito se subjetiva no e com o Outro, que é o lugar dos significantes, ou seja, o tesouro dos significantes. Uma ordem da qual não se escapa. O sujeito é constituído pelo Outro. Cada sujeito tem uma relação singular com o Outro (não-semelhante). Por outro lado, o outro se relaciona ao eu (semelhante).

*emprego. Eu devia estar alegre e satisfeito por morar em Ipanema.* Ou seja, a despeito disso, não há completude, há sempre a falta, impulsionando o sujeito a buscar, a realizar coisas. A incompletude nos leva a associar, também, a um trecho do poema *Passagem do ano*, de Carlos Drummond de Andrade. Assim, “o recurso de se embriagar. / O recurso da dança e do grito, / o recurso da bola colorida, / o recurso de Kant e da poesia, / todos eles... e nenhum resolve” (ANDRADE, 2008, p. 46), no sentido de que, conforme parece ser possível construir, não há completude, embora haja tentativas de tamponar a falta. Mas nenhuma tentativa resolve.

Nesse sentido, o rádio amador parece ser uma possibilidade de “lidar” com a falta, já que há a demanda de intimidade na amizade, transparecendo solidariedade e afeto. Essas relações parecem fazer com que os radioamadores, embora a longas distâncias, muitos sem se conhecerem pessoalmente, mantenham suas interações com grande frequência. Dessa forma, o espaço enunciativo do grupo PX, dada a identificação entre os radioamadores, parece permitir com que a singularidade seja extravasada, no sentido de haver jogos com elementos linguísticos ao modo das “associações livres”.

## **9. Espaço enunciativo do grupo PX de rádio amador: extravasando a singularidade**

Sob a perspectiva teórica da Linguística da Enunciação, baseando-nos em Benveniste, gostaríamos de dizer que esse autor não considera a linguagem como instrumento, ou seja, a linguagem não está fora do homem. Conforme esse autor, “falar de instrumento é pôr em oposição o homem e a natureza” (BENVENISTE, 2005, p. 285), o que remete ao fato de que o homem é linguagem e esta está em sua natureza. Assim, “é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e *a linguagem ensina a própria definição de homem*” (grifos nossos) (BENVENISTE, 2005, p. 285). Ou seja, compreendemos que se diz-sabe do sujeito na e pela própria linguagem, já que, aproximando a dizeres lacanianos, *não há metalinguagem*.

De acordo com Benveniste (2006), no ato de enunciação, há sempre um *eu* se direcionando a um *tu*. O eu (aquele que enuncia; ato de discurso individual; aquele que diz “eu” na presente instância de discurso; “pessoa”<sup>42</sup> subjetiva) e o tu (a quem o eu se dirige;

---

<sup>42</sup> Vale dizer que pessoa, em Benveniste, é forma linguística, representação.

“pessoa” não subjetiva) são, a cada situação, únicos. Quem instaura o tu (interlocutor) é o eu (locutor). Quem subjetiva o tu é o eu. Ao dizer, o *eu* fala de *mim*. Na relação eu-tu, o *ele* (não-pessoa; não subjetivo; não participa da alocação), que está fora dessa relação, não diz respeito a nenhuma “pessoa” específica, mas refere-se sobre alguém ou alguma coisa fora da alocação. Ainda sobre a relação eu-tu, que em Benveniste é constitutiva do funcionamento da linguagem, ou seja, na relação de um locutor e de um interlocutor, cabe dizer que nenhum deles se concebe sem o outro. Ademais, são reversíveis. Nessa relação, há, portanto, a intersubjetividade.

Nesse quadro teórico, consideramos relevante enfatizar que “a condição de intersubjetividade é que torna possível a comunicação lingüística” (BENVENISTE, 2006, p. 78). Isto é, se a linguagem já é da natureza do homem, a comunicação é apenas uma consequência disso. Assim, faz-se relevante dizer que Benveniste não é um comunicacionista, no sentido de considerar a linguagem como instrumento. Ademais, como considera a comunicação um mero efeito do fato de que o homem fala, é possível aproximar sua teoria enunciativa à questão de que a comunicação é um efeito do Imaginário em funcionamento.

Flores e Teixeira (2005), embasando-se em Benveniste, afirmam que a intersubjetividade é condição da própria subjetividade, no sentido de que é pelo fato de aquela existir que se pode pensar nesta. Desse modo, cabe ressaltar que a subjetividade “não é mais que a emergência no ser de uma propriedade fundamental da linguagem” (BENVENISTE, 2005, p. 286), o que aponta para o fato de haver formas específicas para o locutor se colocar e converter a língua em discurso (exercício da linguagem, ou seja, linguagem posta em ação) nas mais diversas enunciações. Assim, Benveniste considera que a linguagem permite ao homem se subjetivar.

Se a enunciação é sempre única, parece ser possível dizer que a subjetividade está em construção, já que nenhuma enunciação é igual a outra, embora haja aquelas formas específicas. Por isso, tem-se acesso a aspectos da subjetividade, não a esta plenamente. Ademais, tem-se representação do sujeito. Não se tem acesso ao sujeito, visto que há linguagem. Esta só produz representações do sujeito da enunciação.

Ressaltando essa noção de subjetividade, gostaríamos de abrir um parêntese para um paralelo com a música *Metamorfose Ambulante*, do músico e compositor Raul Seixas. Nesse

sentido, vale ressaltar o trecho: “eu prefiro ser essa *metamorfose ambulante* do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo (...) sobre *o que é o amor*, sobre o que *eu nem sei quem sou*” (grifos nossos) (SEIXAS, 1973). De certa forma, esse trecho leva-nos a associar à *subjetividade*, levando-se em conta que está sempre em construção, daí a possibilidade de se associar ao fato de ser uma *metamorfose ambulante*. Também, leva-nos a associar ao seguinte dizer: *o que é o amor*, ou seja, o amor da língua, ALÍNGUA, ressaltando que uma de suas características é o não-controle, daí a possibilidade de se associar ao fato de que *eu nem sei quem sou*, já que via enunciação por emergir algo “diferente”, “novo”, “imprevisível”, nos estranhemos a nós mesmos.

No que se refere ao fato de haver aspectos da subjetividade, vale enfatizar que dá a impressão de haver, portanto, modos de subjetivação. Desse modo, frisando a possibilidade de emergência de uma associação entre elementos linguísticos diferente das associações já estabilizadas pela prática social do rádio amador, o ASPECTO LEXICAL INUSITADO parece ser um modo outro de subjetivação.

Se a cada enunciação o “eu” e o “tu” são únicos, refletimos que há a possibilidade de emergência de algo “diferente” sempre, já que a enunciação é irrepetível. Para essa reflexão, levamos em conta que há na prática de radioamadorismo do grupo PX espontaneidade, ressaltando ser, conforme nossa concepção, um espaço familiar, o que parece dar uma possibilidade maior para que algo “diferente” emerja.

As enunciações de radioamadores, conforme já abordamos, possuem um estilo próprio. São marcadas pela possibilidade de jogar com a língua, uma “brincadeira” que dá vazão à descontração própria a esse espaço.

Dada a certa liberdade que há, portanto, nessa prática, dá a impressão de ser um espaço propício para extravasar a singularidade. Assim, tecemos o seguinte trocadilho: extravasar a singularidade por conquistar certa liberdade. Entendemos que essa conquista está para a ordem do “diferente” face à regularidade, o que remete à possibilidade de se dizer que a subjetividade comporta a singularidade. Ou seja, compreendemos que a subjetividade está para a ordem da regularidade, ao passo que a singularidade está para a ordem do diferente. Por conseguinte, a emergência do sujeito via uma singularidade marca uma diferença.

A prática de rádio amador parece apontar para a subversão de certas coerções sociais, mesmo havendo coerções que tentam bloquear a emergência de singularidade, que é inapreensível, mas há manifestações sua. Isto é, vê-se o funcionamento da singularidade, porém não se apreende a singularidade.

Considerando-se essas questões, face à subjetividade na linguagem, parece haver momentos em que a singularidade é extravasada no espaço enunciativo do rádio amador, ressaltando a emergência do INUSITADO. Assim, cumpre dizer que, levando-se em conta que há certa liberdade de expressão no espaço enunciativo do rádio amador, isso parece dar uma abertura outra para aquele que enuncia via essa tecnologia, podendo emergir algo “diferente”, inclusive porque a linguagem não é mera representação do mundo.

Nesse sentido, a representação vem como (im)possibilidade, uma vez que a relação com o objeto é de desestabilidade, não é de totalidade, há sujeito em jogo. A representação não é, portanto, um “decalque”. Desse modo, embasando-nos em Milner (2006, p. 07), cabe dizer “que há *representável*, já que a representação nada supõe a não ser a similitude e a relação” (grifo nosso). Ou seja, compreendemos esse *representável* como algo que parece apontar para a previsibilidade de emergência de algo “diferente”, já que, em meio à operação do simbólico e do imaginário, pode haver a prevalência do real.

## **10. R, S, I: algumas considerações**

Milner (1995), em seu livro *O amor da língua*, logo no início do prefácio, afirma que “tudo não se diz”, o que nos permite dizer que há resto nas operações de linguagem, visto que há real em operação. Dessa forma, torna-se relevante dizer que a linguagem não apreende esse resto, levando-se em conta que o real é inapreensível. Significa dizer que há sempre aquilo que permanece no irrepresentável, como hiato, intervalo de opacidade.

Sob essa perspectiva do real, cumpre dizer que Milner (2006), em seu livro *Os nomes indistintos*, afirma que há três suposições: a primeira diz respeito ao real (há), a segunda, ao simbólico (há alíngua), a terceira, ao imaginário (há semelhante), ou seja, o nó borromeano R, S, I, que constitui psicicamente o sujeito, isto é, que o enoda, o estrutura. Essa constituição é singular para cada sujeito, que é não-simétrico.

Ressaltando o nó borromeano, vale dizer que tudo que é humano está para a ordem do R, S, I, que são inseparáveis. No entanto, parece que, dependendo da posição enunciativa em que se encontra um falante, um dos anéis pode se sobressair em relação aos demais, o que não implica dizer que os outros não estarão operando.

O simbólico, que é a própria linguagem, separa, é feito de representação; é aquilo que construímos em nosso entorno. Ademais, o simbólico está para a ordem da castração, já que há limites, valores, impostos pela própria cultura. É preciso ter simbolização para se ter imaginário.

O imaginário está para a ordem do semelhante, tenta produzir o um. Há um comum na sociedade. O imaginário produz um efeito de unidade. Todavia, o não-um, que está para a ordem do real, não cessa de romper o fio do dizer. O que escapa é da ordem do não-um. O imaginário é necessário para a própria vida, já que, a despeito de os sujeitos não verem a mesma realidade, se compreendem, produzem sentidos.

Por outro lado, o simbólico não dá conta do todo, já que há real operando, daí o simbólico se realizar de forma parcial. Nesse sentido, o real coloca limite, não havendo, pois, uma palavra final. O real é irrepresentável, está para a ordem do não-sentido<sup>43</sup>. Parece que o INUSITADO é um exemplo acerca da incidência do real, uma vez que fura o simbólico, no sentido de romper com o esperado no espaço enunciativo do rádio amador. O INUSITADO, portanto, sugere o funcionamento de não-um. Ou seja, é possibilidade de no mesmo ver o “diferente” irromper. Nesse sentido, além de a relação eu-tu fazer um, ela faz, também, não-um.

Enfatizando o real, diríamos que ele foge ao controle. Está para a ordem da *impossibilidade de formalização pela linguagem* (TEIXEIRA, 2000, p. 87). A despeito de ficar fora da linguagem, está no bordo. É o impossível de ser simbolizado, mas, havendo, de certa forma, aproximação. Assim, vale ressaltar que há certas coisas para as quais não se tem explicação, já que há real.

---

<sup>43</sup> O não-sentido é o objeto a, o não-um. O objeto a é a falta, que é constitutiva do sujeito e o demanda constantemente. É a causa do desejo. A mola propulsora.



Nesse quadro do real, gostaríamos de abrir um parêntese para um paralelo. O poema *Quadrilha*, de Carlos Drummond de Andrade, leva-nos a refletir acerca do real, levando-se em conta que este está para a ordem da contingência. Assim, Andrade (2008, p. 79) afirma que

João amava Teresa que amava Raimundo / que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili / que não amava ninguém / João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento, / Raimundo morreu de desastre / Maria ficou para tia, / Joaquim suicidou-se e Lili casou-se com J. Pinto Fernandes / que não tinha entrado na história.

Ou seja, associamos ao fato de que as coisas podem não acontecer conforme o esperado, já que há real em operação, desestabilizando o funcionamento do um. Por meio da metáfora da panela de pressão<sup>44</sup>, destacando o real, diríamos que ele é o feijão que está nessa panela. Há pequenos “flashes” do real (feijão), o que põe em evidência que não se “agarra” o real, que está para a ordem da verdade do sujeito. Assim, não se “agarra” toda a verdade. Por outro lado, a tampa da panela é o imaginário e o simbólico funcionando. Todavia, o real pode ser desestabilizado a qualquer instante, mostrando algo da verdade do sujeito. Poder-se-ia mostrar, por exemplo, via a manifestação de ALÍNGUA.

Sob a perspectiva do R, S, I, parece ser possível afirmar que, no espaço de enunciação do rádio amador, a norma, conforme abordada com base em Coseriu, está para a ordem da prevalência do imaginário (um), ou seja, semelhança. Todavia, há sujeito implicado, o que significa dizer que há possibilidade sempre de desestabilização, é o real incidindo, levando-se em conta, por exemplo, a emergência de INUSITADO, que representaria uma manifestação de ALÍNGUA.

## **11. Alíngua: um aspecto singular da subjetividade que toca no real**

Tal é a primeira figura do amor da língua: nós não a encontramos mais, pois ela é aquilo que a lingüística e a gramática passam seu tempo a se livrar. Guardemo-la, no entanto, na memória, pois talvez ela revele um poder da língua que tem a ver com a sua essência (MILNER, 1995, p. 23).

---

<sup>44</sup> Essa metáfora foi enunciada pelo Prof. Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo durante uma aula da disciplina Discurso e Ensino, no primeiro semestre de 2008, na Universidade Federal de Uberlândia.

A língua, com seus inumeráveis signos linguísticos, não cessa de ser *rompida, furada, enfim, fraturada* por algo “diferente”. Há um ponto em que a língua e o inconsciente se articulam. “Este ponto, ao contrário de Freud, Lacan o nomeou: é a língua – ou, o que é o mesmo conceito: o ser falante, o fala-ser” (MILNER, 1995, p. 42). A ALÍNGUA está para a ordem do “imprevisível”, do “diferente”. Ademais, rompe com o esperado. É suportada pela língua, que dá acesso a ela.

Nessa perspectiva, gostaríamos de destacar que a ALÍNGUA toca no real. Segundo Milner (1995), ela promove o equívoco, que diz respeito àquilo que suporta o duplo sentido, e o dizer em meias-palavras. Nesse sentido, um segmento linguístico marcado pelo equívoco é ele mesmo e um outro ao mesmo tempo, ou seja, *o idêntico e o não-idêntico*<sup>45</sup>. Ou seja, são coisas díspares coexistindo num mesmo segmento linguístico, o que remete ao fato de que “ele [equívoco] explode em univocidades combinadas” (MILNER, 1995, p. 13), desestratificando a língua. O equívoco é a não designação unívoca. “Ora, o Um é equívoco. Pois, ao lado do Um de S, e conectando-se com ele, existem o Um real e o Um imaginário”. (MILNER, 2006, p. 23). Assim, há “uns” no registro de ALÍNGUA, ou seja, é o um a mais.

Associando a dizeres saussurianos, gostaríamos de dizer que, conforme Saussure (2006, p. 25), “*o signo escapa sempre, em certa medida, à vontade individual ou social, estando nisso o seu caráter essencial; é, porém, o que menos aparece à primeira vista*” (grifos nossos). Ou seja, compreendemos que esse caráter essencial diz respeito, por exemplo, à não fixidez do signo linguístico. Assim, é a possibilidade de dizer que um signo pode ser uma coisa e outra ao mesmo tempo, já que *escapa à vontade individual ou social*. Há momentos em que há a prevalência do real.

Remetendo-nos à arbitrariedade do signo linguístico, a ALÍNGUA parece apontar para essa tese, visto que, se o significante é imotivado em relação ao significado, há possibilidades várias de deslocamento. Desse modo, diríamos que a ALÍNGUA é um deslocamento possível e previsto, de certa forma, pelo sistema linguístico.

---

<sup>45</sup> Flores (1999, p. 111), a partir da afirmação saussuriana de que *a língua é forma e não substância*, diz que essa afirmação permite ver a unidade/identidade, ressaltando que permite ver também que a substância é o não-idêntico, ou seja, o equívoco.

Cabe dizer que a ALÍNGUA está sempre “pronta” para emergir, não há controle; está para a ordem do não-controle, é contingente. O equívoco registrado por sua manifestação parece não se desfazer. Ademais, é o avesso da língua, comportando o furo.

A ALÍNGUA excede a língua, é a língua em excesso, é a possibilidade do amor, ou seja, *o amor da língua*. A língua não cessa de ser rompida pelo *amor*. “A alíngua é, pois, *uma multidão de arborescência pululante*, onde o sujeito enlaça seu desejo, qualquer nó podendo ser eleito por ele para fazer signo” (grifos nossos) (MILNER, 1995, p. 65). Compreendemos *uma multidão de arborescência pululante* como as possibilidades várias de manifestação de ALÍNGUA: homofonias, homossemias, etc., uma vez que *as palavras não nascem amarradas*, conforme dizeres drummondianos.

Nesse sentido, gostaríamos de ressaltar trechos do poema *Consideração do poema*, de Carlos Drummond de Andrade, levando-se em conta que “*as palavras não nascem amarradas, / elas saltam, se beijam, se dissolvem, / no céu livre por vezes um desenho, / são puras, largas, autênticas, indevassáveis*” (grifos nossos) (ANDRADE, 2008, p. 21). Assim, cumpre dizer que o adjetivo *indevassáveis* associado ao substantivo *palavras* nos leva a dizer que não se conhece todas as possibilidades da língua, ressaltando que *as palavras são indevassáveis*, uma vez que há ALÍNGUA. Por isso, o sistema linguístico está para a ordem das possibilidades, embora haja a regularidade.

Na teoria da enunciação de Benveniste (2005), a subjetividade na língua está para a ordem daquele que enuncia. A subjetividade está na pessoa “eu”. Nesse sentido, os *pronomes pessoais* e os indicadores da *déixis* são, por exemplo, uma prova cabal da subjetividade na linguagem. Compreendemos que a subjetividade está para a ordem da regularidade, está relacionada às representações (social), é uma marca. A língua comporta, pois, formas que representam os participantes da enunciação.

Nessa perspectiva da subjetividade, a ALÍNGUA está para a ordem de um aspecto da subjetividade, no sentido de marcar, de certa forma, um ponto de subjetivação da cadeia de significantes. Parece ser o signo sendo função da língua em excesso, isto é, a própria presença da ALÍNGUA. Todavia, diferente da regularidade na língua, a ALÍNGUA está para a ordem da irregularidade. Ademais, produz uma marca na língua, abrindo para uma possibilidade outra de sentido nas cadeias de ordem da regularidade.

Nota-se que há várias possibilidades de combinação entre os elementos linguísticos; assim, a ALÍNGUA, de certa forma, está para a ordem de uma combinação outra, distinta daquela já estabilizada socialmente, podendo fazer parte, após sua emergência, das possibilidades, reconhecidas socialmente, da língua.

A despeito de haver formas apropriadas para representar o sujeito na alocação, enfatizamos que o “imprevisível” na língua não cessa de emergir. O real, que está para a ordem das línguas, é contingente, é um elemento insistente, é o furo no dizer causado pelo funcionamento do inconsciente.

Nessa perspectiva do rompimento no simbólico, cabe dizer que um dos lugares da letra<sup>46</sup> é justamente o furo no sentido, no simbólico. A letra aborda o inconsciente, mostra o lugar do sujeito. “Ela dá acesso à verdade do desejo bem como à do gozo” (NAZAR, 2006, p. 160). Enquanto a letra está para o real, o significante está para o simbólico, para aquilo que faz laço social e que produz mensagem: o conteúdo, o sentido. Parece-nos, portanto, que a ALÍNGUA comporta letra, já que fratura o simbólico. Por outro lado, vale destacar que, segundo Flores (1999, p. 115),

*lalangue* [alíngua] não autoriza nenhuma proposição universalizante, ao passo que a língua como todo não cessa de encontrar a sua própria impossibilidade. O impossível, o proibido de *Lalangue* se distribui no *todo*. [...] Na língua, está o ilimitado que corrompe a universalidade (grifos do autor).

Enfatizando que a *lalangue* [alíngua] não autoriza nenhuma proposição universalizante, compreendemos que ela é, portanto, um aspecto singular da subjetividade, que rompe com proposições universalizantes. A ALÍNGUA é aquilo que irrompe na língua, já que há subjetividade. Então, o fio condutor sempre sofre rupturas, visto que há sujeito. A ALÍNGUA não está para a ordem do cálculo, uma vez que está para a ordem do impossível, no sentido de que, conforme entendemos, está para a ordem do imprevisível.

---

<sup>46</sup> A noção de letra em Lacan (1998) refere-se ao “osso” do significante, é a essência deste, enquanto suporte de uma (ex)istência do sujeito. A letra está para a ordem da perda do sentido. Conforme Lacan (1998, p. 498), “designamos por letra este suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem”. Nesse sentido, conforme já abordamos, há uma hiância no significante, que é representação e, por isso, não pode ser ele mesmo nem o que ele representa, permitindo que emerja letra.

Segundo Milner (1995, p. 72), “a alíngua é marcada pelo não-todo, nisto que ela falta sempre à verdade. Este não-todo se manifesta como uma série de pontos de impossível: pensar a língua é afirmar que estes pontos formam uma rede e que esta rede é representável”. O não-todo pode ser compreendido de diversas formas. Em relação ao hiato que o significante mantém com o referente, o que barra a produção de uma unidade entre eles. Ou seja, um não é o outro, embora possam se substituir. O hiato permite jogo e, em decorrência, que outros significantes possam representar um “mesmo” referente. O não-todo significa que a língua não faz um. Nesse sentido, o todo não passa de um efeito do imaginário, uma vez que seria o um, o unitário.

Nessa perspectiva do não-todo, vale ressaltar que há momentos em que o amor na língua é registrado via enunciação no rádio am(a(d)or). Assim, após o registro de ALÍNGUA, pode haver, conforme compreendemos, um efeito chistoso, já que um sentido outro resiste ao lado de um sentido “permitido”.

### **11.1 Um pouco de chiste: aproximando-o da ALÍNGUA**

Para tentar articular uma aproximação entre ALÍNGUA e chiste, baseando-nos em Lemos (1992), que discorre sobre o chiste fazer texto, essa autora afirma que, “se há uma tendência, ou mesmo uma necessidade de coesão, é porque, *na linguagem, opera algo do não-coesivo, do não-todo*” (grifos nossos) (LE MOS, 1992, p. 35). O não-todo que opera na linguagem leva-nos a relacioná-lo à própria ALÍNGUA, que está para essa ordem. Ademais, ao próprio chiste, já que, conforme Lemos, o chiste faz com que uma significação outra permaneça lado a lado àquela tida como “autorizada”, mas sem substituí-la. Ou seja, compreendemos ser algo do não-todo colocando limite na própria língua, assim como o faz a ALÍNGUA.

Sob essa perspectiva do não-todo, parece que a ALÍNGUA e o chiste se aproximam pelo fato de ambas registrarem o duplo sentido, isto é, o equívoco na língua. Por outro lado, se afastam pelo fato de o chiste estar para a ordem da jocosidade.

Lemos (1992, p. 36) afirma que, “nesse sentido, o chiste não é uma unidade semântica porque *só faz sentido ‘chistoso’ se as ligaduras coesivas não se fecharem em um único*

*sentido*” (grifos nossos). Ou seja, entendemos que é o duplo sentido resistindo, levando-se em conta, no entanto, a jocosidade.

Nesse quadro teórico, talvez seja possível dizer que o registro de ALÍNGUA, conforme um dado vocábulo ou uma dada expressão, pode causar um efeito chistoso, no sentido de, após haver o registro do equívoco na língua, promover dizeres espirituosos, o que parece condizer com algumas análises a ser realizadas aqui. Isto é, a emergência do INUSITADO EQUÍVOCO, tendo como efeito a jocosidade. Afirmamos algumas análises pelo fato de termos construído algumas categorias para o INUSITADO.

## **12. Construção de algumas categorias para o INUSITADO**

Neste momento, na tentativa de arriscar um pouco mais, conforme envolvimento com o *corpus* de pesquisa, chama a atenção a possibilidade de construir algumas categorias para o INUSITADO. De início, hesitamos se o faria ou não, já que o vocábulo “categoria” parece remeter a “fechamento” de sentido e, portanto, a somente uma possibilidade de análise. Estas não são perspectivas com as quais coadunamos, visto que não se conhece todo o (im)possível da língua, do sujeito, do sentido. Há real. Há singularidade.

Para essa construção, gostaríamos de tocar em algumas questões propostas por Authier-Revuz que, em seu trabalho, lida com questões relacionadas ao funcionamento da linguagem. Vale dizer que essa autora sofre afetamento da Psicanálise.

De início, julgamos relevante dizer que Authier-Revuz considera que a linguagem é heterogênea. Nesse sentido, “abordagens teóricas diversas têm mostrado que toda fala é *determinada de fora* da vontade do sujeito da enunciação e que este é ‘mais falado do que fala’” (grifos da autora) (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 26). Ou seja, o “de fora” está para a ordem da heterogeneidade do dizer; também, para a ordem de um *sujeito descentrado*<sup>47</sup>, isto é, constituído por outros dizeres, o que implica dizer que ele não é, portanto, fonte de seu discurso.

---

<sup>47</sup> Em seu livro *Entre a transparência a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*, Authier-Revuz (2004, p. 48) afirma que “contrariamente à imagem de um sujeito ‘pleno’, que seria causa primeira e autônoma de uma palavra homogênea, sua posição é a de uma *palavra heterogênea* que é o *fato de um sujeito dividido* (o que não significa nem desdobrado, nem compartimentado)” (grifos da autora). É o sujeito efeito da linguagem discorrido pela Psicanálise lacaniana.

Considerando-se que o sujeito da enunciação não é fonte de seu dizer, gostaríamos de tecer um paralelo com questões saussurianas. Dessa forma, parece que, ao considerar a língua como um “tesouro” oriundo de outras gerações, Saussure toca nessa questão de o sujeito ser constituído por outros dizeres. Ou seja, “a qualquer época que remontemos, por mais antiga que seja, *a língua aparece sempre como uma herança da época precedente*” (grifos nossos) (SAUSSURE, 2006, p. 85). Essa questão da *herança da época precedente* deixa-nos entrever que o sujeito não é senhor de suas palavras, mas clivado por elas. Ou seja, seus dizeres são fruto de outros dizeres, o que nos permite associar ao fato de a língua, sob prisma saussuriano, *sofrer a influência de todos*. É o outro se inscrevendo no discurso do outro.

Embasando-nos em Authier-Revuz, coadunamos com a perspectiva da opacidade da linguagem. Todavia, há efeito de transparência, no sentido de haver a compreensão, é o um (imaginário). Por outro lado, é possível perceber o funcionamento de não-um por meio das não-coincidências<sup>48</sup>, que são baseadas na heterogeneidade mostrada.

Conforme Authier-Revuz, há a heterogeneidade mostrada (outro) e a heterogeneidade constitutiva (Outro). A mostrada é parte da constitutiva, é uma “negociação” com esta, não é, portanto, seu reflexo fiel. Nesse sentido, conforme hipótese da autora, a mostrada não é um espelho da constitutiva. Alguns exemplos acerca da heterogeneidade mostrada, ressaltando as formas marcadas são: discurso direto, glosas, etc. Ou seja, é o outro na linearidade.

A heterogeneidade constitutiva é fundante, é o Outro radical na enunciação, na linearidade. É radical, já que é inapreensível e irrepresentável. A constitutiva não é localizada, mostrada, perceptível. Está sempre no fio do dizer, ou seja, é onipresente, está na enunciação e não há como extirpar. Vê-se “flashes” da heterogeneidade constitutiva via as não-coincidências.

Nesse sentido, com base nas não-coincidências, gostaríamos de construir quatro categorias para o INUSITADO: INUSITADO METAFÓRICO, INUSITADO EUFÊMICO, INUSITADO HIPERBÓLICO (relacionando-os à não-coincidência entre as palavras e as coisas) e INUSITADO EQUÍVOCO (relacionando-o à não-coincidência das palavras consigo

---

<sup>48</sup> Vale dizer que as não-coincidências são divididas em quatro categorias: a não-coincidência interlocutiva, a não coincidência do discurso consigo mesmo, a não coincidência entre as palavras e as coisas e a não coincidência das palavras consigo mesmas. Enquanto as duas primeiras não-coincidências apóiam-se no quadro do dialogismo bakhtiniano, as duas últimas apóiam-se na Psicanálise lacaniana.

mesmas). Essas não-coincidências, baseadas na Psicanálise lacaniana, estão para a ordem do real da língua, o amor da língua, enfim, a manifestação de ALÍNGUA.

Sob a perspectiva dessas não-coincidências, cabe ressaltar que são formas não-marcadas que dizem respeito a questões interpretativas. É a presença do outro na enunciação de forma implícita. Assim como as formas marcadas, as não-marcadas se articulam com a heterogeneidade constitutiva também.

A não-coincidência entre as palavras e as coisas diz respeito à oposição entre a língua e as infinitas singularidades do real a nomear, o que parece apontar para a possibilidade de as formas ganharem sentidos outros, daí pensarmos nas categorias: METAFÓRICO, EUFÊMICO e HIPERBÓLICO. Associamos a não-coincidência entre as palavras e as coisas, ressaltando essas categorias, ao fato de haver uma hiância da língua em relação ao sentido e em relação à referência ao mundo. Essas categorias representariam, portanto, uma manifestação de ALÍNGUA.

Por outro lado, a não-coincidência das palavras consigo mesmas diz respeito ao fato de haver uma hiância da língua em relação a ela mesma, daí pensarmos em EQUÍVOCO. Ou seja, é a possibilidade de haver coisas diferentes num mesmo segmento linguístico, já que a língua não consegue ser ela mesma. Assim, a categoria EQUÍVOCO representaria também uma manifestação de ALÍNGUA.

Gostaríamos de destacar que subdividimos o INUSITADO em METAFÓRICO, EUFÊMICO, HIPERBÓLICO e EQUÍVOCO pelo fato de ter emergido nas enunciações de radioamadores, conforme nossa observação, vocábulos e/ou expressões que nos remetem a esses adjetivos para o INUSITADO. Nesse sentido, construímos que o INUSITADO METAFÓRICO está para a ordem de um dizer que, conforme nosso entendimento, ganhou um sentido outro em contraposição ao sentido corrente/estabilizado. Por outro lado, o INUSITADO EUFÊMICO está para a ordem de um dizer que, conforme nossa concepção, dá um tom de amenização a uma dada situação. Já o INUSITADO HIPERBÓLICO está para a ordem de um dizer que, conforme nossa compreensão, dá um tom de exagero. E o INUSITADO EQUÍVOCO está para a ordem de um dizer que, conforme construímos, remete



a um duplo sentido, não se desfazendo a ambiguidade. Assim, para ilustrar essas categorias, observemos recortes<sup>49</sup> do *corpus*:

TIJOLO: Positiva<sup>50</sup>... Se chamasse a gaiola, eles tomava conta só com o Advogado, só... Os outro saía tranquilo... Mas, bacana, Barra Forte, vai desculpano a brincadeira aí, *fica com Deus aí, tudo de bom pu senhor aí, um bom final de semana, um bom domingo, devagar com as louritas, né, senão a casa cai...* E o senhor vai ficando com Deus, tudo de bão, vô apavorá o carro<sup>51</sup> aqui, *tô passano aqui a city do mesmo aí e apavorá o carrão*<sup>52</sup> *aí em busca do QTH*<sup>53</sup> *pra ficá do modelo, senão A DONA ONÇA lá não vai gostano aí...*

(...)

TIGRIM: Ah, positiva<sup>54</sup>, não, eu tô notano aqui mesmo, ficô diferente, ave credo<sup>55</sup>, é pura bucha<sup>56</sup>... O *senhor* tá gripado ,é?

BARRA FORTE: Ok, não, eu tava, né, agora eu fui inventá de modulá<sup>57</sup> uma lourita, uma só aí, aí deu uma PITIMBADINHA aqui, viu?!

(...)

BARRA FORTE: Não, hoje não, viu, Touro?! Hoje, não, *tô meio pitimbado, a GARGANTONA, né?! Quando eu tô assim, eu vô chegano e o povo já vai ofertano lourita, eu não posso modular*<sup>58</sup>, *então num vai, né?!*

(...)

TOURO SENTADO: Não... Mas, sô, *nas fazenda num tem lourita não, sô! Fazenda é água pura memo, viu?! É água filtrada e pura, viu?! Aquela BOA!*

A partir desses recortes, chamamos a atenção para a ocorrência do INUSITADO METAFÓRICO, EUFÊMICO, HIPERBÓLICO e EQUÍVOCO. Nesse sentido, vale frisar que a expressão A DONA ONÇA, conforme compreendemos, ressaltando o vocábulo “onça”, não remete ao seu sentido de animal, ganhando um sentido outro ali, como, por exemplo, brava. Por outro lado, o vocábulo PITIMBADINHA, a nosso ver, parece dar um tom de suavização à

<sup>49</sup> Os recortes apresentados não estão em sua íntegra, uma vez que o objetivo nesta parte do texto é mostrar como subdividimos o INUSITADO. Assim, vale dizer que analisamos sua ocorrência na parte que lhe diz respeito, ou seja, no capítulo 3, tópico: 4. INUSITADO: uma análise (do) (im)possível.

<sup>50</sup> Positivo.

<sup>51</sup> Acelerar o caminhão ou carreta.

<sup>52</sup> Acelerar o caminhão ou carreta.

<sup>53</sup> Casa.

<sup>54</sup> Positivo.

<sup>55</sup> Algo negativo. Parece ter certa semelhança com outras expressões do jargão do rádio amador: pura maracutaia e pura bucha.

<sup>56</sup> Algo negativo. Parece ter certa semelhança com outras expressões do jargão do rádio amador: pura maracutaia e ave credo.

<sup>57</sup> Beber. Dependendo da situação enunciativa, pode significar conversar.

<sup>58</sup> Beber. Dependendo da circunstância, pode significar conversar.

situação de gripe na qual o radioamador Barra Forte se encontrava. Já o vocábulo GARGANTONA parece dar um tom de exagero, já que, conforme construímos, esse vocábulo parece não remeter a uma garganta grande, mas sim inflamada, por exemplo. E o vocábulo BOA parece remeter a coisas díspares coexistindo: água e pinga (ou, conforme jargão do rádio amador, *suco da confusão*).

Considerando-se as construções de categorias para o INUSITADO, associamos a Milner (1984, p. 184), ao dizer que “é necessário que as operações de variação praticadas pelo linguista, as diferenciações que manifestam, as delimitações que constatarem sejam repetíveis” (tradução nossa). Assim, as delimitações que tecemos via as categorias nos leva a dizer que há aquilo que está para a ordem do repetível no espaço enunciativo do rádio amador, já que é um espaço histórico. Todavia, vale dizer que há aquilo que está para a ordem do irrepetível, no sentido de haver real.



## CAPÍTULO II

### GRUPO PX DE RÁDIO AMADOR: HISTÓRIA, PRÁTICA, VOZ E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

#### 1. Aspectos históricos do rádio amador: ressaltando o agrupamento PX de Monte Carmelo, Minas Gerais

O que seria dos homens sem suas *máquinas maravilhosas*? (grifos nossos) (AGUSTINI, 2009)<sup>59</sup>.

De certa forma, a voz tem sido levada a lugares distantes por meio de aparelhos eletrônicos, abrangendo até mesmo lugares ainda sem energia elétrica, levando-se em conta o rádio a pilha, por exemplo. Ou seja, é a tecnologia permeando a cultura, o que nos permite dizer que o homem já construiu *máquinas maravilhosas*, no sentido de causar alegrias.

Nessa perspectiva, o aparelho de rádio amador, que data de mais de 100 (cem) anos de existência, nos leva a refletir acerca desses tipos de máquinas já produzidas pelo homem, já que, conforme nosso entendimento, o rádio amador causa alegrias, ressaltando que uma das características da prática de radioamadorismo é a fuga da solidão das estradas.

Faz-se relevante dizer que ainda persiste uma dúvida sobre quem foi o inventor do rádio amador. Assim, a dúvida gira em torno de que seja ou o padre brasileiro Roberto Landell de Moura ou o italiano Guglielmo Marconi. Entretanto, para o nosso trabalho, abordamos que eles desenvolveram apenas experiências semelhantes. Nesse sentido, segundo Santos (2003, p. 07):

se a dúvida persiste em razão da falta de comprovação da transmissão de 1893/1894, contra a qual concorre a patente obtida por Marconi em 1896 sobre a radiotelegrafia, comprova-se a tese de que a primeira transmissão de radiofonia foi mesmo a de Landell de Moura, ainda que se considere a experiência de 1900. Neste período e por mais alguns anos, Marconi ocupou-se tão-somente da radiotelegrafia e não da transmissão da voz.

---

<sup>59</sup> Dra. Carmen Agustini, em resposta a um e-mail para tirar algumas dúvidas relacionadas à nossa pesquisa.

A transmissibilidade e receptibilidade da voz, sem a utilização de fio e com pessoas a quilômetros de distância, ocorreram na cidade de São Paulo, por meio de um transmissor de ondas. Vale dizer que essa demonstração se deu no dia 03 de junho de 1900 e foi noticiada pelo Jornal do Comércio, datado de 10 de junho do mesmo ano, conforme destaca Santos (2003, p. 05):

no Domingo próximo passado, no alto de Santana, cidade de São Paulo, o Padre Landell de Moura fez uma experiência particular com vários aparelhos de sua invenção, no intuito de demonstrar algumas leis por ele descobertas no estudo da propagação do som, da luz e da eletricidade através do espaço (...), as quais foram coroadas de brilhante êxito (...) assistiram a esta prova, entre outras pessoas, o Sr. P. C. P. Lupton, representante do Governo britânico, e sua família.

Acerca dos cientistas Roberto Landell de Moura e Guglielmo Marconi, vale ressaltar a diferença e produtividade dos dois no contexto científico mundial. Para Albuquerque (*apud* SANTOS, 2003, p. 09), “Marconi é o iniciador da emissão-recepção eletrônica telegráfica. Landell de Moura é o pioneiro da emissão-recepção fotônica-eletrônica em fonia, sendo o precursor da radiodifusão”. Os dois, portanto, têm sua importância na ciência de acordo com as características de cada invento. Entretanto, com base nessa citação, o aparelho com o qual lidamos em nosso trabalho diz respeito à invenção de Landell de Moura, que foi, pois, o primeiro *radioamador*, ou seja, *operador de rádio amador*.

De um modo geral, a invenção do aparelho de rádio amador suscitou a interação entre diferentes cidadãos em diferentes lugares. Nesse sentido, citemos alguns exemplos: a interação de policiais em viaturas com policiais em delegacias e/ou com policiais em outras viaturas; a interação de motoristas de ambulância com funcionários em hospitais; a interação de seguranças com funcionários de centrais de segurança e/ou com outros seguranças; a interação de fazendeiros com outros fazendeiros<sup>60</sup>; a interação de marinheiros com outros marinheiros, frisando que no mar o rádio amador é denominado de rádio marítimo; enfim, entre outros cidadãos em diferentes outros lugares.

Apesar de suas diversas finalidades, de seus vários locais de uso, nossa pesquisa diz respeito ao uso do rádio amador como uma espécie de “estilo de vida”, enfatizando a prática

---

<sup>60</sup> Em relação a radioamadores fazendeiros, gostaríamos de destacar a região da Serra da Canastra, em Minas Gerais, em que a maioria dos fazendeiros possui o aparelho de rádio amador, ocorrendo, muitas vezes, a troca de receitas culinárias entre as mulheres via o rádio amador.

de radioamadorismo do grupo PX. Cumpre destacar que os outros usos do rádio amador têm sua importância, mas o rádio amador como uma espécie de “estilo de vida” nos revela uma intensa produção lexical, seja por meio do jargão ali presente ou por meio da emergência do ASPECTO LEXICAL INUSITADO, o que justifica nosso interesse em analisar a prática desse grupo em detrimento dos demais.

Faz-se necessário ressaltar que o grupo PX é constituído por operadores de rádio amador em base fixa (casa e/ou estabelecimento comercial) e/ou em base móvel (geralmente, motoristas de caminhão, carreta ou carreta bi-trem). Cumpre dizer que os motoristas desses veículos constituem o maior número de operadores do grupo. Geralmente, eles têm na parte traseira de seus caminhões, carretas ou carretas bi-trem a escrita de seus *QRAs* (codinomes). Alguns exemplos de codinomes são: *Perereca*, *Cachorro Sentado*, *Menino Louco*, *Lobo Solitário*, *Chapolin*, etc.

No que diz respeito à permissão para se interagir via rádio amador, enfatizando os operadores do grupo PX, vale destacar o Diário Oficial de 19 de julho de 1994, sobretudo a parte que se refere aos Atos do Poder Legislativo. Nessa data, entrou em vigor a lei n.º 8.919, sancionada pelo então presidente da República do Brasil, Itamar Franco, sobre a permissão de serviço de radiocomunicação. O que nos chama a atenção é o Art. 1º, visto que diz respeito justamente aos interessados em ingressar no universo do rádio amador. Assim, observemos esse artigo:

Art. 1º Ao permissionário de qualquer serviço de radiocomunicação é assegurado o direito de instalação da respectiva estação, bem como do necessário sistema ou conjunto de antenas, em prédio próprio ou locado, observados os preceitos relativos às zonas de proteção de aeródromos, heliportos e de auxílio à navegação aérea<sup>61</sup>.

Nesse sentido, desde que se cumpra essa observação, entendemos que qualquer cidadão pode possuir um aparelho de rádio amador e, assim, tornar-se apto à prática de radioamadorismo. Conforme dizia Saussure (2006) sobre a língua ser uma herança da época precedente, associamos que é via tradição que um novo radioamador adquire a norma dessa prática, ou seja, o jargão próprio aos radioamadores.

---

<sup>61</sup> **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília-DF, 19 de julho de 1994, seção 1, 1994. (Atos do Poder Legislativo).

Assim como em outros municípios ou cidades, há no município de Monte Carmelo, Minas Gerais, um agrupamento de radioamadores participante do grupo PX, que, de certa forma, permeia toda a nação brasileira. O nome desse agrupamento é São Cristóvão (o Santo dos motoristas). Esse agrupamento foi fundado por Mário Célio Romeiro, cuja estação<sup>62</sup> (codinome) é Balaleu, em 20 de junho de 1999. O município de Monte Carmelo é conhecido pelo jargão do grupo PX como *A Capital da Cobertura*, visto que há, nesse município, um número significativo de indústrias de cerâmicas produtoras de telhas.

Na lista dos *dez mandamentos*<sup>63</sup> apresentados pelo *Agrupamento São Cristóvão*, chama a atenção o comentário exposto após tais mandamentos, já que condiz com algumas características que são abordadas por nós a respeito da prática de radioamadorismo no tópico: 3. A prática de radioamadorismo do grupo PX: uma espécie de “estilo de vida”, deste capítulo. Nesse sentido, há o seguinte comentário: “Lembre-se: o espaço de câmbio pode salvar vidas. *Faça o bem, não olhe a quem*. PX Monte Carmelo. A comunicação nos faz ver melhor o mundo em que vivemos. *A troca de estímulos nos mostra os grandes amigos*” (grifos nossos)<sup>64</sup>. Isto é, compreendemos que, além de haver o estímulo à prática da *solidariedade* (*faça o bem não olhe a quem*), há o estímulo à troca de *afeto* e à *amizade* (*a troca de estímulos nos mostra os grandes amigos*).

Gostaríamos de destacar que o grupo PX de radioamadorismo possui uma faixa própria no rádio amador: a faixa de 11 (onze) metros (27 MHz), ressaltando o funcionamento do aparelho de rádio amador que pode, parece-nos, funcionar como uma espécie de “console” para seus operadores.

## **2. O aparelho de rádio amador: seu funcionamento e “console”**

O homem parece estar destinado a sempre produzir meios para interação, usufruindo deles, o que aponta para a invenção do aparelho de rádio amador, já que está para a ordem de um produto e usufruto do homem. Minimamente, esse aparelho funciona através de fonte de energia, antena, cabos, etc. Há os acessórios para seu funcionamento também: câmera de eco,

---

<sup>62</sup> A despeito de ser reconhecido o jargão *estação* como sendo *codinome* e QRA, *nome*, a grande maioria dos radioamadores enuncia *QRA* ligado a *codinome*.

<sup>63</sup> A título de curiosidade, os *dez mandamentos* do grupo dizem respeito ao fato de como se usar o rádio amador, a fim de uma adequação maior entre seus operadores.

<sup>64</sup> **PX Clube de Monte Carmelo. Agrupamento São Cristóvão.**

cujo objetivo é qualificar o áudio; beep, cujo objetivo é dar espaço de câmbio; amplificador bilinear (*bota*, no jargão do rádio amador), cujo objetivo é dar mais potência na transmissão do rádio amador, etc.

Nesse contexto, gostaríamos de dizer que há aparelhos que são designados, conforme jargão do grupo PX de radioamadores, como PX, ou seja, *rádio amador PX*. Nesses aparelhos, geralmente há 40 canais. O canal 5 (frequência 27.015) é conhecido como o *canal do motorista*. Dependendo da frequência, há as seguintes designações: 10 (dez) metros, 11 (onze) metros, 30 (trinta) metros, 40 (quarenta) metros, etc., ressaltando que cada um desses “metros” possui um tipo de antena específica.

Vale salientar que, além do grupo PX, há o grupo PY (Papa Yank), conhecido como o grupo de radioamadores profissionais, que se interage em 40 (quarenta) metros. No entanto, nosso objeto de estudo diz respeito a enunciações de radioamadores do grupo PX no município de Monte Carmelo, Minas Gerais, levando-se em conta somente enunciações via o canal 5. Cumpre dizer que os radioamadores desse grupo são conhecidos como *pxiszeiros*.

O grupo PX de radioamadores está inserido nos 11 (onze) metros, cuja frequência é 26.965 x 27.405, ou seja, do canal 1 até o canal 40. PX, conforme jargão do grupo, significa Papa Xingu, Papa Xuxa e Papa Chuchu. Em várias partes do Brasil, há agrupamentos pertencentes a esse grupo: São Cristóvão (Monte Carmelo, Minas Gerais), Rota (Uberlândia, Minas Gerais), Unacap - União Nacional de Cargueiros Pesados (Manaus, Amazonas), Grupo dos Amigos (Goiânia, Goiás), etc.

Faz-se relevante dizer que o rádio amador funciona como uma espécie de ausente-presente, no sentido de ser um mediador nas enunciações de radioamadores. É um exemplo de intervenção da ferramenta técnica na mediação de enunciações. Nesse sentido, essa ferramenta parece ser uma das características da espontaneidade e certa liberdade ali, o que parece apontar, pois, para a possibilidade de emergência do ASPECTO LEXICAL INUSITADO, uma vez que essas características parecem propiciar o extravasamento do sujeito da enunciação.

O rádio amador dá a impressão de funcionar como uma espécie de “consolo” para seus operadores, o que nos remete a um poema de Carlos Drummond de Andrade: *Explicação*.



Assim, logo na primeira estrofe desse poema, Andrade afirma: “Meu verso é minha consolação. / Meu verso é minha cachaça. *Todo mundo tem sua cachaça. / Para beber, copo de cristal, canequinha de folha-de-flandres, / folha de taioba, pouco importa: tudo serve.*” (grifos nossos) (ANDRADE, 2008, p. 113). Entendemos que *todo mundo tem sua cachaça*, no sentido de ter algo que conforte, dê suporte à existência.

Ademais, acerca dos versos *para beber, copo de cristal, canequinha de folha-de-flandres, / folha de taioba, pouco importa: tudo serve*, eles nos levam a refletir sobre marcas de aparelho de rádio amador, como, por exemplo: cobra, voyager, alla, etc., uma vez que, de certa forma, “pouco importa” a marca do aparelho, no sentido de que o “consolo” para a existência está para uma outra ordem, parece-nos, a ordem do enunciar via rádio amador, conforme podemos observar via a prática de radioamadorismo.

### **3. A prática de radioamadorismo do grupo PX: uma espécie de “estilo de vida”**

#### **3.1 A fuga da solidão das estradas**

Como já abordamos, a maior parte do grupo PX de radioamadores é constituído por motoristas de caminhão, carreta ou carreta bi-trem. Esses radioamadores nos dão a impressão de que essa prática pode funcionar como uma espécie de fuga da solidão das estradas, visto que esses operadores podem permanecer por várias horas sozinhos conduzindo seus veículos, permitindo com que as enunciações via o aparelho de rádio amador funcionem como essa espécie de fuga.

Nesse sentido, julgamos produtivo abriremos um parêntese para um paralelo com o poema *A flor e a náusea*, de Carlos Drummond de Andrade, conforme o seguinte trecho:

uma flor nasceu na rua! / Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego. / Uma flor ainda desbotada / ilude a polícia, rompe o asfalto. / Façam completo silêncio, paralise os negócios, / garanto que uma flor nasceu. (...) (ANDRADE, 2002)

Destacando o título do poema, tomamos o vocábulo *flor* pela expressão *rádio amador* e o vocábulo *náusea* pelo vocábulo *solidão*, já que, de modo geral, embora haja muitas pessoas em diferentes veículos nas estradas, há a *solidão* de diversos motoristas em suas

viagens. Assim, o *rádio amador*, como a *flor* no poema, rompe com a *solidão (náusea)*, levando-se em consideração enunciações relativas a interações de radioamadores.

Para ilustrar o caráter de fuga da solidão das estradas, observemos a enunciação de dois radioamadores:

BARRA FORTE: Tá legal, Zé, com sua permissão e o Tijolo, xô vê. Ô Carlim, escuta o Barra Forte quando ele fala?

CARLIM: *Um abraço pru senhor aí*, tá bão, vai seno eu aqui, tá bão?! Carlim, carguero pesado aqui, companhia do Zé Urso e do Tijolo ali. Bacana, tá bão, *satisfação, aquela boa noite pu senhor aí...* Aí, com certeza, que *tá tudo beleza jóia aí*. Tá bão, colega, tô aqui imbicado *em direção do QTH*<sup>65</sup>, né?! Tá loco, acelerano o *carrão*<sup>66</sup> *do patrão* pra vê se nas hora mais *avançada na madrugada* chegá no *QTH*<sup>67</sup> *pra ficá bacana pru nosso lado, QSL*<sup>68</sup>?!

BARRA FORTE: Tá legal, Carlim, que *QSL*<sup>69</sup>, tá bão, meu jóvio... Taí, né, acelerano o *carrão*<sup>70</sup> *do patrão*, o que liga é o *QT*<sup>71</sup>, né?! Contente aqui, viu, Carlim, *contestá e recepcioná* o *amigo* através do vento, ô Carlim, *câmbia*<sup>72</sup>...

A partir dessa materialidade linguística, gostaríamos de chamar a atenção para algumas características da prática de radioamadorismo: afeto, respeito, poesia e amizade. Assim, vale destacar os dizeres: *um abraço pru senhor aí. Satisfação, aquela boa noite pu senhor aí. Tá tudo beleza jóia aí*. Esses dizeres parecem dar um tom de afeto, destacando o tom de respeito via o substantivo *senhor*. Por outro lado, os dizeres *o carrão do patrão, avançada na madrugada* e *contestá e recepcioná* levam-nos a perceber poesia via as rimas ali presentes. Ademais, o vocábulo *amigo*, enunciado por Barra Forte, remete à amizade que transparece nesse espaço enunciativo.

Faz-se necessário destacar os dizeres do radioamador motorista Carlim (base móvel). Esse radioamador, interagindo com Barra Forte (base fixa), disse que estava indo *em direção do QTH pra ficá bacana pru nosso lado*. Ou seja, parece que a prática de rádio amador via

---

<sup>65</sup> Casa.

<sup>66</sup> Caminhão, carreta ou carreta bi-trem.

<sup>67</sup> Casa.

<sup>68</sup> Entendido, compreendido.

<sup>69</sup> Entendido, compreendido.

<sup>70</sup> Caminhão, carreta ou carreta bi-trem.

<sup>71</sup> Casa.

<sup>72</sup> Câmbio.

essa interação funcionou como uma forma *fugir da solidão das estradas*, já que, enquanto não chega ao QTH, a enunciação via essa prática rompe com a *solidão*.

Nessa perspectiva da fugacidade da solidão das estradas, cumpre dizer que muitos radioamadores caminhoneiros já passaram por Monte Carmelo, cantando ou, até mesmo, passando alguma música via rádio amador. Assim, parece que há a vontade de dividir os sentimentos nesse espaço enunciativo, o que nos permite dizer que muitas amizades são feitas nas estradas. Ou seja, parece haver amor no rádio amador, o que sugere que os radioamadores são amadores, no sentido de amarem as interações, as amizades e as efemeridades, havendo em suas enunciações um modo de “lidar” com a solidão, levando-nos à criação do poema *Os radioamadores*. Observemos:

os radioamadores / São “armadores”... / “Lidam” com dores... / Alguns longe de suas flores... / Seus amores... / Enfrentando dissabores... / Encontram via vento apoia(dores)... / Dando-lhes novas cores... / Novos odores... / ...Da vida, são autores... / Da liberdade, defensores... / De culturas, grandes conhecedores... / Em sonhos, acreditadores... / Em imaginações, voadores... / De enunciações, realizadores... / ...Aquecem seus motores... / Batem seus tambores... / Lá se vão alguns radio(amadores)...

Sobre o modo de “lidar” com a solidão, destacamos a criação de personagens no espaço enunciativo do grupo PX. Os radioamadores, em sua grande maioria, têm codinomes, o que nos leva a ressaltar que esses operadores parecem se “metamorfosearem”<sup>73</sup> no espaço enunciativo pxiszeiro, no sentido de colocar a fantasia em ação via suas personagens. Enunciam de um modo que não o fazem em outros espaços, o que nos leva a destacar que os radioamadores são “armadores”, no sentido de armarem suas personagens no rádio amador, ocorrendo, de certa forma, a preservação da imagem. Assim, ante uma face protegida, parece que há possibilidade maior de o “diferente” emergir.

No que diz respeito à emergência do INUSITADO via rádio amador, abrimos um parêntese para um paralelo com dizeres de Leiris (2009). Ao descrever meticulosamente um dado cômodo, rememorando uma infância feérica, esse autor conta que um soldado seu havia caído no chão, embora acredite que a palavra “soldado” não significava algo ainda muito preciso na infância. Não que o essencial tenha sido a queda do soldado, mas algo de seu

---

<sup>73</sup> Assim, faz-se relevante chamar a atenção para o radioamador Cabelo (Agrupamento São Cristóvão), já que esse radioamador tem o hábito de enunciar ao modo carioca via rádio amador, embora seja paraense, o que sugere ocupar uma posição enunciativa outra nesse espaço.

pertencimento, um brinquedo. A queda de um brinquedo com grande perigo de quebrar, dada a queda direta e a altitude. No entanto, ao se abaixar e pegar o soldado, verificou que este não havia quebrado. A sua alegria fez com que expressasse “reusement”.

Entretanto, alguém que estava no cômodo, com mais experiência, ao ouvir que ele havia dito “reusement”, afirmou que se deve dizer “heureusement”, o que o fez parar por alguns instantes. De algo seu até então, “reusement” estava para a ordem agora de um elemento compartilhado, constitutivo da linguagem, dentre vários elementos, dentre as várias possibilidades permitidas pelo sistema.

De certa forma, esse acontecimento nos leva a um paralelo: a solidão das estradas parece ser rompida pela alegria ao se interagir com o outro via rádio amador, podendo emergir, com uma frequência outra talvez, o INUSITADO, assim como emergiu “reusement” no lugar de “heureusement”. Assim, vale dizer que, conforme nossa concepção, o ser humano sozinho é muito vulnerável, o que aponta, portanto, para a importância da amizade.

### **3.2 A amizade**

No espaço enunciativo do grupo PX de rádio amador, além do convívio cotidiano entre os mesmos radioamadores, há sempre interações com novos companheiros, interações circunstanciais e contingentes, dependendo da propagação das ondas eletromagnéticas.

Desse modo, cabe dizer que, às vezes, essas ondas levam enunciações a longas distâncias, permitindo com que haja interações entre radioamadores de diversas partes do Brasil. Além disso, dependendo das ondas, pode haver até mesmo interações entre radioamadores de países diferentes. Por outro lado, é interessante ressaltar que, às vezes, é possível ouvir um radioamador que está longe, ao passo que um radioamador próximo talvez não o seja. Todavia, parece que nem a distância nem a circunstância são obstáculos para que amizades sejam criadas via rádio amador, o que nos remete à enunciação de dois radioamadores:

MALBORO: É... bacanizado<sup>74</sup> aí, *boa noite e um abraço* aí, viu, câmbia<sup>75</sup>, sou eu, Malboro, 5ª Curitiba<sup>76</sup> é a residência, aí imbicado a 2ª Serra Papa<sup>77</sup> aí, ali novamente pu QTH de basquete<sup>78</sup>, fazê descarregamento, falô, *meu amigo*, boa noite e um abraço do Malboro, QSL<sup>79</sup>?!

BARRA FORTE: Tá legal, tá bão, Malboro, boa noite e um braço pu senhor, tá bão, meu jóvio, taí, representante ali da 5ª parte do Paraná<sup>80</sup>, né, radiolando<sup>81</sup> e transmitindo em território mineiro, em busca ali da Serra Papa<sup>82</sup>, ô Malboro, vê se QSL<sup>83</sup>, câmbia<sup>84</sup>?!

Chama a atenção, a partir dessa enunciação, a possibilidade de tocar em aspectos da característica da prática de rádio amador: afeto e poesia. Nesse sentido, *Boa noite e um abraço*, enunciado por Malboro, parece dar um tom de afeto. Por outro lado, *Radiolando e transmitindo em território mineiro*, enunciado por Barra Forte, deixa-nos entrever poesia, destacando as rimas ali presentes.

Gostaríamos de destacar que o radioamador motorista Malboro, em uma interação circunstancial e contingente com Barra Forte, enunciou *meu amigo*. Ou seja, a despeito desse tipo de interação, circunstancial e contingente, o espaço enunciativo sugere ser um espaço familiar que dá abertura para radioamadores se chamarem de amigos sem jamais ter se interagido antes.

Nesse sentido, destacamos que muitos poetas já falaram sobre amizade. Carlos Drummond de Andrade, por exemplo, já discorreu sobre a importância da amizade por meio do poema *Mãos dadas*, conforme podemos observar, a partir do seguinte trecho desse poema:

---

<sup>74</sup> Positivo.

<sup>75</sup> Câmbio.

<sup>76</sup> No que diz respeito à 5ª parte, chama a atenção a divisão geográfica do Brasil, a partir do jargão do rádio amador. 1ª região - *Rio de Janeiro e Espírito Santo*; 2ª região - *São Paulo*; 3ª região - *Rio Grande do Sul*; 4ª região - *Minas Gerais*; 5ª região - *Santa Catarina e Paraná*; 6ª região - *Bahia e Sergipe*; 7ª região - *Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará*; 8ª região - *Acre, Amazonas, Maranhão, Pará, Piauí, Rondônia, Roraima e Amapá* e 9ª região - *Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Fernando de Noronha e Ilhas Oceânicas e Tocantins*.

<sup>77</sup> Ver nota anterior.

<sup>78</sup> Local de trabalho.

<sup>79</sup> Entendido, compreendido.

<sup>80</sup> Ver nota 76.

<sup>81</sup> Interagindo via rádio amador.

<sup>82</sup> São Paulo.

<sup>83</sup> Entendido, compreendido.

<sup>84</sup> Câmbio.

não serei o poeta de um mundo caduco / Também não cantarei o mundo futuro / Estou preso à vida e olho meus companheiros / Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças / Entre eles, considero a enorme realidade / *O presente é tão grande, não nos afastemos / Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas* (grifos nossos) (ANDRADE, 1983, p. 132).

Ou seja, entendemos que, embora tenham sido produzidas novas tecnologias que contemplam também a interação, como, o computador, o rádio amador permanece frequente na atual sociedade, já que há a amizade “pulsando” nesse espaço enunciativo. Diríamos que a prática de rádio amador tem sempre ganhado novos adeptos. Esses novos radioamadores dão a impressão de que serão também, de certa forma, *novos amadores* numa prática em que, a nosso ver, há a manifestação de *amor*. Dessa forma, os radioamadores deixam-nos entrever união, bem como valorização pelo momento presente, é o não se afastar muito, mas ir de *mãos dadas*, o que nos permite dizer que há horas marcadas para questões religiosas no grupo PX, demonstrando, portanto, certa união.

### 3.3 A religiosidade

De um modo geral, a relação do homem com o tempo mudou. Parece que antigamente não havia tanta preocupação em medir o tempo com plena exatidão. Contudo, houve a invenção do relógio e, juntamente com ele, a preocupação por essa exatidão. De acordo com Woodcock (1981, p. 121), “*o relógio (...) é a máquina mais importante da Idade da Máquina, pela enorme influência que exerceu sobre a vida profissional e os hábitos do homem*” (grifos nossos). Dessa citação, destacamos a relação entre *o relógio e os hábitos do homem*, ressaltando haver no grupo PX diversos hábitos e um deles incide na religiosidade.

Desse modo, cumpre dizer que, destacando aspectos religiosos, vários agrupamentos no Brasil têm a sua hora marcada para orações. Há agrupamentos, por exemplo, que oram às 9 horas e 30 minutos; outros, às 18 horas; outros, às 19 horas e 30 minutos. A participação nas orações ocorre por meio do espaço de câmbio concedido ao se perguntar, por parte do radioamador que está conduzindo a oração, se tem mais alguém no *QAP*, ou seja, na *escuta*. Observemos a enunciação de dois radioamadores para ilustrar a religiosidade no grupo PX:

MUSEU: Ah... Positiva<sup>85</sup>, véio, aqui, o QRA<sup>86</sup> é Museu [xxx] Fiz uma entrega em Paracatu e quatorze no Brasília onti e hoje, né, veio?! Sossegado indo pro QTH<sup>87</sup>, né?! Vô que vô... Daqui até Uberaba vai dá quantos quilômetros ainda?

BARRA FORTE: Tá legal, ô Museu, TKS<sup>88</sup> aí pela prima modulação<sup>89</sup>, tá bão, meu jóvio?! TKS<sup>90</sup> pela visita pu lado de cá né, Museu?! É o QRA<sup>91</sup> do *amigo* representante ali da Santa Catarina. *Ô Museu, 160 km, positivo?! (...)*

MUSEU: Positivo! Brigado! Essa via... Pra esquerda aqui e eu vi que aumentô o trem. Então, tá beleza, véio, *vai com Deus aí, Papai do Céu que proteja mais uma vez tu aí na rodage. Boa chega no QTH*<sup>92</sup>, *um abraço na família respeitadamente, tchau, timba*<sup>93</sup>...

BARRA FORTE: Falô, Museu, véio de guerra, tá bão, juventude?! *Papai do Céu ilumina aí o seu carreiro e boa chegada lá pu lado da 5ª parte*<sup>94</sup>. *Vai com Deus aí, Proteção Divina, paz de Cristo, tchau, tchau...*

A partir dessa materialidade linguística, gostaríamos de salientar algumas características da prática de rádio amador: solidariedade, afeto e religiosidade. Desse modo, ao dar a informação para o radioamador Museu sobre a distância de Monte Carmelo a Uberaba, Barra Forte deixa-nos entrever solidariedade: *Ô Museu, 160 km, positivo?!*

Por outro lado, ressaltamos que tanto o radioamador Museu como o radioamador Barra Forte enunciaram dizeres com o tom afetuoso e religioso. *Vai com Deus aí, Papai do Céu que proteja mais uma vez tu aí na rodage. Boa chega no QTH*<sup>95</sup>, *um abraço na família respeitadamente, tchau, timba. Papai do Céu ilumina aí o seu carreiro e boa chegada lá pu lado da 5ª parte. Vai com Deus aí, Proteção Divina, paz de Cristo, tchau, tchau.* O aspecto da religiosidade ocorre principalmente nas despedidas das interações.

Esse aspecto nos rememora as interações ao modo interiorano ou antigo em que as pessoas se cumprimentavam mutuamente, embora não se conhecessem, havendo nessas interações uma forma de respeito e um ritual de boa conduta e convivência entre os cidadãos.

---

<sup>85</sup> Positivo.

<sup>86</sup> Codinome.

<sup>87</sup> Casa.

<sup>88</sup> Obrigado.

<sup>89</sup> Primeira interação.

<sup>90</sup> Obrigado.

<sup>91</sup> Codinome.

<sup>92</sup> Casa.

<sup>93</sup> Tchau.

<sup>94</sup> Santa Catarina e Paraná.

<sup>95</sup> Casa.

Talvez haja aí uma forma de resguardar esses valores que, nossa sociedade capitalista e individualista, vem perdendo sobremaneira.

### 3.4 O respeito

Consideramos relevante destacar que o respeito parece permear o grupo PX, enfatizando vocábulos do tipo *senhor* e *vossa*, comumente enunciados ali, bem como o modo de dizer específico desse grupo.

O substantivo *senhor* parece ser enunciado em determinadas situações, como: para pessoas mais velhas, entre policiais, soldados do exército, etc. Já o pronome *vossa* parece estar destinado mais à escrita. No entanto, há alguns lugares onde costuma haver a emergência desse pronome, como, o *Canal da Assembleia*. Todavia, a emergência de *vossa* ali nem sempre possui um tom de respeito, mas de ironia, a nosso ver.

Para ilustrar a ocorrência dos substantivos *senhor* e *vossa*, observemos a enunciação de dois radioamadores:

TOURO SENTADO: *Quem tem QSJ<sup>96</sup> pra emprestá? Cumé que tá as coisa? Cumé que tá a vida, rapaz? Eu olhei aquele transistô do seu radinho<sup>97</sup>, rapaz, eu nunca tinha visto aquele transistô, uai, 2073, é pá cabá, viu?!*

BARRA FORTE: *Tá legal, tá bão, seu Touro, que olhou aí e nunca tinha visto um transistô assim, mas, primeiramente, um bom dia pro senhor. Cumé que tá a vossa pessoa? Cumé que tá aí o início da sexta-feira sertaneja, ô Touro, câmbia<sup>98</sup>?!*

De acordo com nossa concepção, entendemos que seja possível atribuir um sentido possível de respeito aos substantivos *senhor* e *vossa*, ambos enunciado por Barra Forte, já que emergem em meio a dizeres com tom afetoso: *um bom dia pro senhor. Cumé que tá a vossa pessoa?* Ou seja, é a relação entre os termos afetando o sentido, conforme situação enunciativa. Por outro lado, chamamos a atenção para um dizer lúdico de Touro Sentado: *quem tem QSJ pra empresta?* Ou seja, o caráter de ludicidade também é uma característica integrante da prática de rádio amador.

---

<sup>96</sup> Dinheiro.

<sup>97</sup> Rádio amador.

<sup>98</sup> Câmbio.



### 3.5 A ludicidade

Destacando que o signo linguístico está para a ordem da não fixidez e o sentido está para a ordem da construção, conforme discutimos no capítulo I, chama a atenção a possibilidade de relacionar o substantivo *senhor* a uma outra característica do grupo PX: ludicidade. Observemos a enunciação abaixo:

BARRA FORTE: Tá legal... Só que é 94, né?! 94, mas é um rádio chique aqui, viu?! Bip, retorno, só num tem eco viu, Canarim?!

CANARIM: *Ele tem a voz assim igual a do senhor, assim?!*

BARRA FORTE: Ah... É a mesma coisa, né?! É a mesma coisa tá bão, ô Canarim?!

O radioamador Canarim, referindo-se a um aparelho de rádio amador do radioamador Barra Forte, pergunta se *ele tem a voz assim igual a do senhor, assim?!* Essa pergunta parece dar um tom lúdico, ressaltando que atribuímos ao substantivo *senhor* um sentido possível de lúdico, já que parece haver jocosidade nos dizeres de Canarim.

Destacando as designações para capitais brasileiras, conforme jargão do rádio amador, faz-se interessante frisar que a ludicidade parece predominar na maioria dessas designações. Por outro lado, parece haver algumas relacionadas ao caráter pejorativo e ao caráter de denúncia social também.

Nesse sentido, cumpre enfatizar algumas designações: Rio de Janeiro (Capital do Banguê-Banguê); Brasília (Capital do Índio Sapecado); Belém (Capital da Aliança Perdida); São Paulo (Capital da Fumaça); Salvador (Capital do Acarajé). Em *Capital do Acarajé* e *Capital da Aliança Perdida*, parece possível atribuir certo tom de ludicidade; em *Capital da Fumaça* e *Capital do Banguê-Banguê*, parece possível atribuir certo tom de denúncia social; por fim, em *Capital do Índio Sapecado*, rememorando o caso do índio que foi morto por jovens em Brasília, após estes terem ateadado fogo nele, parece possível atribuir certo tom de denúncia social pela via de um tom irônico. Ademais, atribuímos um tom poético às designações: Banguê-Banguê, Índio Sapecado e Aliança Perdida.

### 3.6 A poesia

Chama atenção a poesia se manifestando via a enunciação no rádio amador, o que nos permite destacar alguns enunciados. *Debulha, põe na cuia, arrocha o nó, chuta a lata, solta a onça e empurra o burro.* Enunciado relativo ao fato de um dado radioamador já poder iniciar a sua interação. *Um abraço com cabo de aço, um aperto de mão com alicate de pressão, um reco-reco na costela e um chute na canela. Vou tomar uma ducha com o sabonete da Xuxa, para espantar a bruxa. Um abraço para você e para todo mundo, o seu Raimundo, vizinho da frente e vizinho do fundo, e também para as almas do outro mundo. Vai devagarinho, devagarote, para não derramar a água do corote, nem queimar a junta do cabeçote.* Enunciados relativos à despedida de uma interação. A nosso ver, é possível atribuir um tom lúdico a todos esses enunciados, ressaltando a função poética.

Sob essa perspectiva da poesia, gostaríamos de destacar que a função poética “não é a única função da arte verbal, mas tão-somente a função dominante, determinante, ao passo que, em todas as outras atividades verbais, ela funciona como um constituinte acessório, subsidiário” (JAKOBSON, 1995, p. 128). Compreendemos que essa função faz parte do cotidiano, o que nos leva a associar a alguns ditos populares: *com perseverança, tudo se alcança. Quem cedo madruga, Deus ajuda.* Tal função permeia a enunciação de radioamadores, conforme nossa concepção, frisando rimas, assonâncias, aliterações, etc. Assim, observemos a enunciação de dois radioamadores:

PLAY BOY: Tá bacana, tá bacana que sim, viu, Barra Forte?! QSL<sup>99</sup> os comentários, né?! Do tipo memo, *do tipo caminhoneiro mineiro*, que bacana! Tá bão, Barra Forte, chegando aqui mais uma vez no Monte Carmelo e largando o rancho<sup>100</sup> pra lá, tá bão, Barra?! Tive aqui pro lado de cá ontem, tive aqui hoje e tá bão, Barra?! E se Deus quiser amanhã vai tá aqui de novo, vê se QSL<sup>101</sup>?!

BARRA FORTE: Tá legal, tá legal, que a grega<sup>102</sup> tá *direto e reto* agora, tá bão, meu jovem?! Taí, né, essa rica modulação<sup>103</sup> do senhor alegre e faz a *galera contente do Monte Carmelo*, tá bão, Play Boy?!

---

<sup>99</sup> Confirmação de recepção: entendido.

<sup>100</sup> Casa.

<sup>101</sup> Confirmação de recepção: entendido.

<sup>102</sup> Viagem.

<sup>103</sup> Conversação.

As rimas enunciadas pelo Play Boy: *do tipo caminhoneiro mineiro* (ressaltando a assonância da vogal o), e pelo Barra Forte: *direto e reto e a galera contente do Monte Carmelo* (ressaltando a aliteração da consoante t) nos levam a dizer que o rádio amador é um espaço que se abre para a possibilidade de se “brincar” com os elementos linguísticos, ressaltando a musicalidade se manifestando via voz.

#### **4. A voz no rádio amador: enfatizando a musicalidade**

De certa forma, o sujeito está e pode ser inserido em diversos espaços enunciativos na sociedade, já que não está restrito somente ao espaço familiar, por exemplo. Todavia, dependendo de cada espaço, parece haver uma forma outra de se enunciar e de se (inter)agir, o que nos leva a associar ao espaço enunciativo *pxiszeiro*.

Nesse sentido, vale dizer que as enunciações via o espaço enunciativo do grupo PX parecem ser constituídas por uma voz mais musicada, já que há uma posição enunciativa outra ocupada pelo sujeito enunciador nessa prática. Ou seja, uma prática que sugere ser um espaço familiar, no sentido de os radioamadores, embora interagindo entre si pela primeira vez, trocarem afeto. Assim, conforme Benveniste (2006, p. 87), “o que em geral caracteriza a enunciação é a *acentuação da relação discursiva com o parceiro*, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo” (grifos do autor). Talvez seja possível afirmar que essa acentuação tem a ver com a própria entoação da voz. Essa entoação, portanto, caracterizaria o próprio ato enunciativo, algo já previsto na relação eu-tu.

Sob a perspectiva da musicalidade da voz no rádio amador, vale destacar que “a música abrange fenômenos psíquicos e culturais que ultrapassam em muitos aspectos as delimitações dos conceitos convencionais de estética” (DAVID, 2006, p. 02). Dessa citação, uma questão surge para nós: a música, assim como a poesia, permeia a cultura, acompanha a história da vida do homem, manifestando-se nas mais diversas práticas sociais, abrangendo, conforme nossa concepção, a prática de rádio amador.

Desse modo, ao apertarem o PTT (Push to Talk), os radioamadores permitem com que o chiado natural do aparelho de rádio amador cesse e a voz seja manifestada. Durante suas interações, os radioamadores costumam dar um espaço de câmbio, no sentido de desapertarem o PTT, o que nos permite dizer que esse chiado ocorre novamente, embora comumente de

forma ligeira. Essa efemeridade do chiado se dá porque, conforme entendemos, é a voz que tem relevância nas enunciações via rádio amador. Ou seja, ela é como se fosse um cartão de visita do radioamador.

Nesse sentido, compreendemos que a voz pode afetar a semântica da língua. Conforme Rio-Torto (1993, p. 289), “o papel da entoação pode ser decisivo para a orientação do sentido favorável ou desfavorável da avaliação que o falante exerce sobre o avalia(n)do. *A entoação pode ser favorável, elogiosa, apreciativa*, ou desfavorável, reprobatória, depreciativa” (grifos nossos). Assim, é a possibilidade de se atribuir sentidos diferentes a um enunciado, enfatizando a manifestação da voz neste. Parece que, pelo fato de o espaço de enunciação do rádio amador ser um espaço familiar, a entoação da voz tem um tom favorável, elogioso e apreciativo, ou seja, é a amizade, o afeto e a solidariedade incidindo na voz dos radioamadores. Nesse sentido, em vez de emergir um simples *positivo* nas enunciações dos radioamadores, emerge um *pooositivo*, algo, pois, mais cantado.

Nessa perspectiva, “uma entoação discreta, mitigada, reservada, corresponde a uma atitude não eufórica, não favorável, reservada, enquanto *uma entoação eufórica corresponde a uma atitude favorável, à expressão da satisfação*” (grifos nossos) (RIO-TORTO, 1993, p. 289). Ou seja, entendemos que um *pooositivo*, ou um *pooositiva*, ou um *pooositivado* tem a ver com uma *entoação eufórica que corresponde a uma atitude favorável, à expressão da satisfação*.

A língua via enunciação dos radioamadores parece se realizar de uma forma afetuosa e, também, jocosa. Essas características têm relação com a própria questão do que é ser um *tubarão* no rádio amador, isto é, um *bom operador de rádio amador*, já que, para sê-lo, conforme nossa compreensão, é importante que o radioamador, além de jogar com os elementos linguísticos, promovendo poesia, manifeste a voz afetuosa e jocosamente.

Sob essa perspectiva da realização da língua, julgamos importante destacar que, sob prisma saussuriano, há língua sem haver fala. Todavia, não há fala sem língua, ou seja, não há realização sem língua. Por outro lado, pode haver realização da língua sem a fala, a voz, o meio físico, ressaltando *a imagem acústica, o aspecto psíquico*; pode-se, por exemplo, recitar um poema internamente, havendo a realização da língua.

Em seu texto *Saussure e a voz*, Maliska (2008) discute a relação de Saussure com a voz, destacando que o ensino desse autor se deu predominantemente pela voz, isto é, pela forma oral, que dá suporte à fala. Maliska afirma que a fala é materializada na voz, e é predominante nas manifestações de linguagem. A voz é uma forma de a língua se materializar. Entretanto, para as questões relativas à Linguística, destacando a fonética e a fonologia, no lugar da voz veio a noção de fonema. Assim,

bem sabemos que voz e fonema não são a mesma coisa, pois o fonema é uma unidade mínima distintiva do sistema sonoro de uma língua, ou seja, possui uma articulação do som ou do traço distintivo sonoro, com o significado ou o sentido no interior de uma língua; já a voz é o som ou o conjunto de sons emitidos pelo “aparelho” fonador, que não mantém, necessariamente, laços com o significado, com o significante, com o sentido ou com a própria língua (grifos nossos) (MALISKA, 2008, p. 06).

Ou seja, entendemos que a voz é uma manifestação sonora que pode interferir na linguagem. Se a voz *não mantém, necessariamente, laços com o significado, com o significante, com o sentido ou com a própria língua*, compreendemos que, de certa forma, ela pode afetar o significado, o significante, o sentido, afetando, pois, a língua. Desse modo, gostaríamos de destacar a enunciação de dois radioamadores:

BARRA FORTE: *Pooositivo... Tá bão, ô Play Boy, é isso aí memo, né?! Daqui pra li, cê vai vivendo e aprendendo aí, e adquirindo mais experiência aí, tá bão, ô Play Boy?!*

PLAY BOY: *Bacaaana... Pooositivo... Tá bão, Barra?! Desse tipo memo, tá bão, Barra Forte?! Tô pu lado de cá, móvel parado, ancorado<sup>104</sup> e nem mexe pra lado nenhum, tá bão, Barra Forte?! Vê cumé que fica as coisera<sup>105</sup> aqui, ali, encher o caixote<sup>106</sup> se Deus quisé ali... Ô Barra, vai queimar uns dois litros de petróleo daqui pra lá, positivo?!*

A partir dessa materialidade linguística, ressaltamos a poeticidade se manifestando via dizeres dos radioamadores Barra Forte e Play Boy: *vivendo, aprendendo e adquirindo. Móvel parado, ancorado*. Ademais, salientamos a voz afetando signos linguísticos: *pooositivo* e *bacaaana*. Ou seja, esses signos parecem dar um tom de afeto, dada a voz se manifestando de forma mais musicada na língua. Todavia, vale dizer que a voz não é a língua. Ou seja, “é impossível que o som, elemento material, pertença por si à língua. Ele não é, para ela, mais que uma coisa secundária, *matéria que põe em jogo*” (grifos nossos) (SAUSSURE, 2006, p.

---

<sup>104</sup> Parado.

<sup>105</sup> Coisa.

<sup>106</sup> Encher o caminhão, carreta ou carreta bi-trem.

137). Essa citação nos permite associar essa perspectiva de que o som para a língua é *matéria que põe em jogo* ao fato de que a voz pode interferir na semântica da língua, já que o sujeito da enunciação pode, por meio da voz, articular a língua de uma forma mais afetuosa e, também, jocosa. Nesse sentido, a musicalidade nos dizeres dos radioamadores sugere haver ali um modo outro de subjetivação, comparando-se a outros espaços enunciativos, o que não implica dizer que a musicalidade na voz não ocorra em outros espaços.

Nessa perspectiva da musicalidade da voz, a forma mais musicada de se enunciar nos rememora um famoso dito popular: *quem canta, os males espanta*. Conforme nossa compreensão, esse dito toca na questão da importância da música para o homem, o que nos leva a dizer que o enunciar de forma mais musicada sugere uma tentativa outra de tamponar a falta que é constitutiva do sujeito.

Assim, a voz, na prática de radioamadorismo, ganha um estatuto outro, porque se constitui como uma forma de “lidar” com a solidão e o silêncio das estradas, notadamente, a solidão e o silêncio podem ser também relativos à própria vida, à própria existência da pessoa. A voz, nas interações via rádio amador, pode se configurar como um suporte para a existência de si, assim como a escrita é suporte para muitos. Desse modo, a voz produz musicalidade, sugere um modo diferente de se interagir, indicando ser, portanto, uma das características da oralidade e, por conseguinte, do espaço do rádio amador.

## **5. A oralidade: ampliação lexical, formação de palavras e INUSITADO**

Considerando-se o laço que une os radioamadores, ou seja, a amizade, a solidariedade e o afeto, parece que ele se configura como uma das características que abre espaço para se “brincar” com a língua ao lado da oralidade. Assim, a prática de rádio amador do grupo PX nos leva a dizer que, “atualmente, junto à literatura, é inegável que *linguagens várias têm contribuído para a renovação do nosso léxico*” (grifos nossos) (VALENTE, 2007, p. 163). Ou seja, compreendemos que essa prática de rádio amador é um exemplo dessas *linguagens várias que têm contribuído para a renovação do nosso léxico*, não só via o jargão do grupo PX, mas também via o INUSITADO.

Sob a perspectiva da oralidade, gostaríamos de destacar que ela parece proporcionar uma abertura maior para a ampliação lexical. Nesse sentido, para Nazar (2006, p. 160),

é mesmo de um jogo que se trata quando lemos um texto ou quando escutamos alguém falar. É verdade que *a fala se presta melhor à atividade deste brincar, uma vez que ela está exposta às vicissitudes que lhe são próprias*, sobretudo as que dizem respeito às formações do inconsciente, como o ato falho e o chiste (grifos nossos).

Isto é, entendemos que a oralidade, pelo fato de estar *exposta às vicissitude que lhe são próprias*, proporciona uma abertura outra para a emergência do INUSITADO, o que nos leva a associar a Biderman (2001, p. 207), ao dizer que “é da essência da linguagem oral buscar o máximo de expressividade”. Nesse sentido, ressaltamos como exemplo programas de bate papo da internet, uma vez que há a oralidade incidindo na escrita, o que parece ser uma das características para a emergência outra de algo “diferente”. Desse modo, vale dizer que Rio-Torto (1993) considera a oralidade como caracterizada pela aleatoriedade, espontaneidade e inovação.

Na perspectiva da ampliação lexical, cumpre destacar que o léxico é um sistema aberto que está para a ordem de registro de aspectos sociais, culturais e históricos da humanidade. Conforme Silva (2007), qualquer léxico é marcado pelo caráter de mobilidade, no sentido de sempre surgirem, por exemplo, novos vocábulos e novas expressões na língua. Nesse sentido, ressaltando a formação de palavras da Língua Portuguesa, de acordo com Silva e Koch (1994), os processos de formação de novas palavras de maior produtividade dizem respeito à *derivação* e à *composição*, em contrapartida, por exemplo, à *abreviação* e à *reduplicação*. Biderman (2001) afirma que a derivação sufixal é o processo de formação de novas palavras mais comum na Língua Portuguesa.

Nesse quadro teórico da derivação sufixal, vale destacar que, conforme Rio-Torto (1993, p. 364), os operadores sufixais são mais abundantes que os operadores prefixais. Interessante observar que o sufixo -inh é o mais versátil de todos os sufixos. Assim, faz-se necessário dizer que essa autora não considera a marca de gênero associada ao sufixo. Por exemplo, no lugar de considerar -inha como sufixo, considera -inh. Rio-Torto afirma que, suprimido o sufixo derivativo, antecedente à marca de gênero, tem-se o segmento da palavra denominado por base.

Abrimos um parêntese para dizer que, segundo Rio-Torto (1993), os sufixos mais produtivos e disponíveis encontram-se sobretudo na linguagem comum e na linguagem

coloquial ou familiar. Nesse sentido, associamos a produtividade lexical do espaço de enunciação do rádio amador ao fato de esse espaço ser, parece-nos, um espaço familiar.

Em consonância com esses autores, no espaço do grupo PX, parece que a derivação sufixal predomina na emergência daquilo que denominamos por ASPECTO LEXICAL INUSITADO. Essa derivação diz respeito ao acréscimo de morfema derivacional (sufixo) ao morfema lexical (radical). Distinguindo esses morfemas, conforme Zanoto (2006), o *lexical* porta a significação básica do vocábulo, ao passo que o *derivacional* diz respeito à função gramatical do vocábulo. Esse autor discorre sobre alomorfia, dizendo que são formas diferentes para o mesmo morfema, como, chuva e pluvial (formas diferentes do mesmo radical), o que parece apontar para o INUSITADO CHECÃO, que vem no lugar de cheque, conforme analisamos.

Por outro lado, pautando-nos em Rio-Torto (1998), tomamos, no lugar de morfema lexical (radical), a noção de base, que pode recobrir, designadamente, as modalidades de tema e radical. Para nossas análises, tomamos a noção de base e sufixo percorrido por essa autora. Assim, de acordo com Rio-Torto (1993, p. 192),

*o sufixo é um operador morfológico cujo valor é indissociável dos processos de derivação de que participa, sendo, pois, uma unidade morfo-lexical através da qual se instaura uma relação semântico-categorial entre a base a que ele se associa e o derivado com ele construído. (...) A base também desempenha um papel determinante na nova relação sintático-categorial.*

A partir dessa citação, compreendemos que para construirmos sentidos possíveis para um vocábulo formado por derivação sufixal, é necessário levarmos em conta não só o sufixo agindo sobre a base, mas a própria base e o produto derivado. Todavia, torna-se relevante dizer que, com base em Rio-Torto (1993, p. 42), frequentemente aquilo que é considerado favorável ou desfavorável ao sufixo e/ou ao produto derivado é determinado pela semântica das bases. Ou seja, é a base afetando, de certa forma, o derivado.

Desse modo, levando-se em conta essas considerações sobre produto, base e sufixo, gostaríamos de ressaltar que dois vocábulos formados por derivação sufixal que se configuram como ocorrência do INUSITADO: CATIRÃO: base (catir-) e sufixo (-ão) e PUNHADINHO: base (punhad-) e sufixo (-inh). Nesse sentido, por meio da derivação



sufixal, parece ser possível perceber um modo outro de subjetivação, conforme análises. Essa derivação é um prova cabal da produtividade lexical via oralidade.

Para nossa pesquisa, chama-nos a atenção os sufixos, ou seja, os operadores derivacionais: -inh, -ão, -ônic e -ona, uma vez que constituem vocábulos por nós considerados como ocorrência do INUSITADO. Esses vocábulos, embora constituídos por bases e sufixos comuns, vêm por via de uma (im)previsibilidade. Ou seja, é a própria linguagem funcionando como uma espécie de matriz para criação. Destacando esse caráter de (im)previsibilidade, segundo Rio-Torto (1993, p. 66),

*a coexistência de significações derivacionais distintas num mesmo significante representa um fator de economia do sistema, mas ao mesmo tempo gera um índice de imprevisibilidade, uma vez que, perante uma palavra desconhecida, não se sabe quantos e quais os valores derivacionais que ela comporta, e qual a sua hierarquia (grifos nossos).*

Essa citação nos permite dizer que o ASPECTO LEXICAL INUSITADO, ressaltando um dado produto derivacional, pode remeter à *coexistência de significações derivacionais distintas num mesmo significante*, o que parece apontar e coadunar-se com parte de nossa hipótese de pesquisa de que o INUSITADO representaria uma manifestação de ALÍNGUA. Isso leva a associar-nos à perspectiva da Linguística da Enunciação, que trabalha com análises e sentidos possíveis.

Destacando as possibilidades várias de associação entre elementos linguísticos no ato enunciativo, Rio-Torto (1993, p. 75) nos diz que,

*significativamente, a coexistência dum conteúdo quantitativo (de aumento ou de diminuição) e dum conteúdo de apreciação ou de depreciação, ora variáveis e imprevisíveis, ora mais ou menos convencionais, afecta não só os dois sufixos mais disponíveis no português, -inh e -ão, mas também outros afixos do português contemporâneo (grifos da autora).*

Essa citação nos leva a dizer que a enunciação pode afetar a semântica dos sufixos, bases e produtos derivacionais. Nesse sentido, numa dada enunciação, um dado sufixo associado a uma dada base pode produzir sentidos (im)previsíveis, levando-se em conta pessoa, tempo e espaço.

Com base em Rio-Torto (1993), cumpre ressaltar que a natureza das relações semânticas, salientando as operações de formação de novas palavras, está para a ordem de respostas que serão sempre insatisfatórias (RIO-TORTO, 1993, p. 165), no sentido de que, conforme nossa compreensão, o sentido não está jamais pronto, já que há sujeito em jogo, ou seja, subjetividade.

Interessante dizer que um produto derivacional pode apresentar apenas algumas das propriedades consideradas comuns da base e dos afixos, podendo haver associação de propriedades específicas e particulares, o que nos leva a associar às categorias *metafórica*, *eufêmica*, *hiperbólica* e *equivoca* do INUSITADO. Essas propriedades específicas e particulares, conforme Rio-Torto (1993, p. 188), “asseguram a singularidade definitiva da palavra”. O INUSITADO é singular, já que é pontual, assim como a enunciação. Ademais,

se muitas das particularidades são determinadas pelo próprio semantismo da base ou do afixo, sendo transferidas destes para o derivado, *muitas outras [particularidades] são imprevisíveis, porque específicas do próprio produto, enraizando na sua inserção em áreas referenciais específicas e/ou na sua ocorrência/utilização concreta(s) em actos de linguagem particulares* (grifos nossos) (RIO-TORTO, 1993, p. 203).

Com base nessa citação, vale dizer que o produto derivacional pode ser afetado tanto pela base como pelos sufixos numa dada enunciação. Todavia, há que ressaltar que, no que se refere a particularidades do semantismo da base e do sufixo, *muitas outras [particularidades] são imprevisíveis, porque específicas do próprio produto*, levando-se em conta um dado ato e/ou espaço enunciativo; em nosso caso, o espaço enunciativo do rádio amador. Esse espaço nos leva a afirmar que é um espaço histórico, ou seja, é uma representação histórica, no sentido de haver características que o constitui historicamente, afetando os dizeres que ali emergem, o que não implica dizer que seja imutável, já que há sujeito.

Conforme analisaremos no capítulo subsequente, COSTELINHA não parece remeter a uma costela pequena. Ou seja, são os produtos derivacionais afetados pelo espaço enunciativo do rádio amador numa dada enunciação, o que sugere que um dado espaço enunciativo pode interferir na semântica do produto derivacional. Assim, sufixos aparentemente diminutivos ou aumentativos associados a bases comuns, ressaltando o INUSITADO, por exemplo, apontam para a denominação de novas classes semântico-referenciais. Ou seja, são as bases ganhando sentidos outros no espaço do rádio amador.

Desse modo, gostaríamos de associar a Saussure (2006, p. 91) que, discorrendo acerca da necessidade de mudança, ou seja, acerca da mutabilidade do signo linguístico, da língua, afirma não ter distinguido “*os diferentes fatores de alteração*”; seria preciso encará-los em sua variedade para saber até que ponto são necessários” (grifos nossos). Esses *diferentes fatores de alteração* podem sugerir a ideia de diferentes espaços enunciativos, a nosso ver. Nesse sentido, o espaço enunciativo do rádio amador, dada as suas características, parece propiciar uma emergência outra do ASPECTO LEXICAL INUSITADO.

## CAPÍTULO III

### O ASPECTO LEXICAL INUSITADO EM ENUNCIÇÃO VIA RÁDIO AMADOR

#### 1. Introdução

A cultura parece estar sempre se movendo, no sentido de que o conhecimento não cessa de ser produzido. Assim, vale dizer que a ciência relaciona-se ao conhecimento. Para uma pesquisa ser científica, é necessária a validação de um método, com explicações coerentes e fundamentadas em fatos analisados, o que se difere do senso comum ou doxa (opinião). Na ciência, além de haver a construção de argumentos, há a demanda de um poder heurístico. A análise deve, por conseguinte, coadunar-se à teoria (e vice-versa).

Conforme nossa concepção, trabalhar com pesquisa é trabalhar com a questão da verdade. Levando-se em conta cada sujeito, a verdade é relativa. Nesse sentido, um poema de Carlos Drummond de Andrade parece ilustrar a questão da relatividade da verdade. Seu título é *A verdade dividida*:

a porta da Verdade estava aberta, mas só deixava passar / meia pessoa de cada vez. / Assim não era possível atingir toda a verdade, porque cada metade trazia o perfil da meia verdade. / E sua segunda metade voltava igualmente com meio perfil / e os meios perfis não coincidiam. / Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta. / Chegaram ao lugar luminoso onde a verdade esplendia seus fogos. / Era dividida em metades diferentes uma da outra. / Chegou-se a discutir qual a metade mais bela, / nenhuma das duas partes era totalmente bela. / E carecia optar. *Cada um optou conforme seu capricho, / sua ilusão, sua miopia* (grifos nossos) (ANDRADE, 1984).

Face à questão da verdade numa dada área do conhecimento, vale destacar que há, na Linguística, várias verdades, no sentido de haver vários pontos de vista diferentes criando o (seu) objeto. Segundo Saussure (2006, p. 24), “de qualquer lado que se aborde, em nenhum

lugar o objeto integral da lingüística se oferece a nós”. Assim, *o lugar do observador*<sup>107</sup> é essencial, visto que é a partir desse lugar que outras concepções se dão. De certa forma, *cada um optou conforme seu capricho, sua ilusão, sua miopia*. Ou seja, segundo sua formação, história de leituras, etc.

Ademais, dentro dessas questões, compreendemos que cada pesquisador tem um olhar diferente acerca dum material para análise, já que, conforme Milner (2006, p. 58), “em qualquer hipótese, trata-se de deixar ver e assegurar que o que vemos é um mundo: só muda a *tonalidade*” (grifo nosso). Ou seja, tomamos o vocábulo tonalidade pelo vocábulo singularidade. Desse modo, a entrada num material eleito para análise está para a ordem da singularidade, o que sugere não haver uma “receita” para analisar no campo da enunciação, o que nos permite dizer que, embora com um “mesmo”<sup>108</sup> objeto de estudo, não há a produção da “mesma” análise. Assim, cumpre ressaltar que o *corpus* é construído em Linguística da Enunciação.

## **2. Constituição do *corpus*. Os dados não falam!**

Flores et alii (2008) afirmam que, sob a perspectiva enunciativa, o estudo da linguagem deve levar em consideração o uso relacionado a tempo, espaço e sujeito da enunciação. Contudo, cabe lembrar que uso ali não se associa a instrumento, já que, como dizia Benveniste, a linguagem é da natureza do homem, ou seja, não está fora do homem. Então, esse “uso” é relativo ao ato singular de se apropriar da linguagem.

Analisar, sob essa perspectiva, aponta para possibilidades de análise e, por conseguinte, para sentidos possíveis, já que, “se a enunciação é única, única também é análise que dela se faz” (FLORES et alii, 2008, p. 11). A enunciação é única e irrepitível, considerando-se pessoa (eu-tu), tempo e espaço. Por outro lado, “é da ordem do repetível apenas a organização do sistema da língua” (FLORES, 2006, p. 71). Nesse sentido, cada análise está para a ordem da irrepitibilidade. Daí se dizer, talvez, que o campo da enunciação

---

<sup>107</sup> Julgamos relevante ressaltar que há diferentes objetos de estudo com diferentes pontos de vista, levando-se em consideração o lugar do observador, na Linguística. “A palavra ‘lugar’ (...) deve ser aproximada da noção de ‘ponto de vista’ e de ‘pressuposto’, e a palavra ‘observador’ deve ser considerada apenas como uma referência ao ato de pôr-se diante de uma realidade qualquer” (GABOARDI, 2006, p. 02). Nesse sentido, considerando-se a verdade de cada teoria, é importante frisar que se faz ciência, pois, de modo distinto.

<sup>108</sup> Acerca das aspas no vocábulo “mesmo”, cabe dizer que não é um mesmo objeto de estudo, já que a linguagem está para a ordem da equivocidade, ou seja, da opacidade, o que nos leva a dizer que dois leitores/pesquisadores não leem um “mesmo” texto.

está para a ordem das movências, das não certezas, das possibilidades, o que parece apontar para o fato de o *corpus* ser construído.

Desse modo, consideramos importante tocar no fato de que o material não é o *corpus*. Assim, o material eleito para nossa dissertação de mestrado diz respeito a *duas fitas cassetes*<sup>109</sup> gravadas pelo radioamador Barra Forte e transcritas pela radioamadora Dona Baixinha. Todavia, a constituição do *corpus* ocorreu a partir de *recortes* de transcrições<sup>110</sup> dessas fitas, ressaltando as enunciações em que pudemos construir o ASPECTO LEXICAL INUSITADO, foco do trabalho.

Nesse quadro teórico, vale dizer que “em enunciação o *dado* não é jamais ‘dado’. Em outras palavras, inexistem formas de acesso a dados coletados de modo a fazer com eles o que se convencionou chamar de ‘análise de dados’” (grifo dos autores) (FLORES et alii, 2008, p. 40-41). Nesse campo, o dado é construído, levando-se em conta o ponto de vista. Conforme esses autores, a natureza do ponto de vista adotado apresenta dois aspectos: observação e descrição. O observável está para a ordem da maneira como o sujeito se marca em seus dizeres. A descrição, por outro lado, está para a ordem daquilo que é denominado fato enunciativo de linguagem, que diz respeito ao fenômeno para explicitação da maneira como o sujeito se marca em seus dizeres.

Nesse sentido, faz-se necessário dizer que uma das formas pela qual o sujeito se marca via enunciação no rádio amador se dá via o ASPECTO LEXICAL INUSITADO, que é produto de um ponto de vista, ou seja, um fato enunciativo de linguagem, o que remete à questão de que “o *fato* é, de certa forma, um começo de análise já que ele é o produto de uma interpretação” (grifo dos autores) (FLORES et alii, 2008, p. 41). Dessa forma, considerando-se que ao se inscrever em uma teoria, há a eleição de um objeto, o fato permite que se responda algo desse objeto, já que é parte deste. Conforme Milner (1984), um fato é um fragmento de teoria e, também, um fragmento de objeto, o que nos permite dizer que um fato é um dado que o cientista recorta para explicar, ou seja, é um dado teorizado. É a partir de um fato que se pode descrever e analisar um objeto de estudo. Desse modo, cumpre dizer que

---

<sup>109</sup> As gravações feitas de interações de radioamadores ocorreram de forma aleatória, ou seja, não estabelecemos nenhum critério relativo às características dos informantes, como, sexo, faixa etária ou grau de escolaridade, dado que nos interessamos pela produtividade lexical no interior da prática de rádio amador.

<sup>110</sup> Não discutiremos aqui a questão da transcrição; no entanto, vale registrar que a transcrição não está jamais isenta da presença subjetiva daquele que a realiza; assim, há na transcrição uma perda irreparável da cena original, porque ali já há interpretação, já há sujeito.

nosso fato é o ASPECTO LEXICAL INUSITADO, enquanto nosso objeto é a enunciação no rádio amador.

Gostaríamos de abrir um parêntese para dizer que “a enunciação é um estudo que prevê que estrutura e sujeito não são disjuntos, mas que estão imbricados e implicados” (FLORES et alii, 2008, p. 19). Dessa forma, a língua comporta uma estrutura aberta (sistema aberto), e esta comporta um sujeito que movimentava as formas linguísticas, atualizando o sistema, imprimindo marcas na língua. A estrutura comporta, pois, atualização. É a possibilidade, portanto, de se tocar no fato de que, no campo da enunciação, a dicotomia língua/fala proposta por Saussure não está dissociada. Isto é, “trata-se não mais de opor a língua à fala, mas de ver que a língua comporta a fala e vice-versa” (FLORES et alii, 2008, p. 17-18). Estes dizeres levam-nos a uma associação a dizeres de Coseriu, ao considerar que “‘língua’ e ‘fala’ não são momentos sucessivos, mas simultâneos e inseparáveis duma única realidade, que chamamos linguagem” (COSERIU, 1982, p. 55). Em Saussure, por outro lado, parece ser possível dizer que a língua é tida como objeto exclusivo de estudo, embora haja, conforme nossa concepção, uma função-sujeito permeando o Curso de Linguística Geral.

Todavia, Flores et alii (2008) reconhecem que há em Saussure aspectos que remetem à enunciação, levando-se em conta o CLG. Um exemplo acerca desses aspectos diz respeito ao fato de Saussure considerar que não há identidade, sob o ponto de vista semântico, entre um *Senhores!* e outro proferido numa dada conferência por uma pessoa. Nesse sentido, há a possibilidade de se associar esse aspecto saussuriano a Benveniste (2006, p. 82-83), ao dizer que

para o mesmo sujeito, os sons não são jamais reproduzidos exatamente, e que a noção de identidade não é senão aproximativa mesmo quando a experiência é repetida em detalhe. Estas diferenças dizem respeito à diversidade das situações nas quais a enunciação é produzida.

Com base nessa citação, Benveniste, que leva em conta a estrutura em seus estudos, deixa-nos entrever que incluiu o sujeito, abordando as marcas da enunciação do sujeito presentes no enunciado. Assim, cumpre dizer que o ato de enunciação sugere possibilidades de análise, já que, por exemplo, há traços da enunciação, para além das marcas de pessoa, espaço e tempo, naquilo que se enuncia.

Sob essa perspectiva, associamos essas possibilidades de análise a um dizer de Saussure (2006, p. 146), ao afirmar que “uma palavra qualquer pode sempre evocar tudo quanto seja suscetível de ser-lhe associado de uma maneira ou de outra”. Dessa citação, uma questão surge para nós: um material eleito para análise suscita análises diferentes, ou seja, compreendemos que é a palavra evocando associações diferentes, uma vez que o sujeito é dessemelhante. Portanto, de nossa perspectiva, *os dados não falam!*

### **3. Um modo de descrever e analisar a enunciação no rádio amador focando o INUSITADO**

Em nosso método de pesquisa, levantamos ocorrências do ASPECTO LEXICAL INUSITADO nas gravações, havendo, por nós, sua descrição linguística a partir de sua constituição *morfológica, sintática e semântica*. Em relação à análise, ela se deu a partir da construção de um procedimento teórico de interpretação construído de acordo com a especificidade do fato em análise. Essa especificidade decorreu do olhar teórico sobre aquilo que denominamos o INUSITADO.

Para a análise do INUSITADO, tomamos a definição de sentido, em sua modalidade semântica, abordada por Benveniste (2006). Esse autor divide os estudos linguísticos em dois níveis: o *nível semiótico* (estuda o signo pelo signo) e o *nível semântico* (estuda o signo convertido em discurso via enunciação). Enquanto que a modalidade semiótica está para a ordem da unidade dotada de sentido, “a semântica é o ‘sentido’ resultante do encadeamento, da apropriação pela circunstância e da adaptação dos diferentes signos entre eles. *Isto é absolutamente imprevisível. É a abertura para o mundo*” (grifos nossos) (BENVENISTE, 2006, p. 21). O sentido, em seu nível semântico, não é estático, está para a ordem do espaço de enunciação, o que nos permite dizer que é histórico. A referência (eu, aqui, agora) está em jogo em relação ao nível semântico. Por conseguinte, *isto é absolutamente imprevisível*, abrindo para a possibilidade de ALÍNGUA, já que sua manifestação é relativa ao *imprevisível*.

Sob a perspectiva da referência, cumpre dizer que ela “é definidora do sentido porque este se caracteriza pela *relação estabelecida entre as idéias expressas sintagmaticamente na frase e a situação [historicizada] de discurso*” (grifos nossos) (FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 32). Nesse sentido, a *relação entre as idéias expressas sintagmaticamente na frase* permite-nos um paralelo com a noção de valor linguístico de Saussure. Desse modo, vale ressaltar que



o valor linguístico se dá a partir das relações entre os termos, ao passo que o sentido, além de poder ser afetado por tais relações, considera a *situação [historicizada] de discurso*, levando-se em consideração a *referência* na enunciação. A noção de valor permeia, também, nosso modo de analisar o INUSITADO.

Por outro lado, o nosso conhecimento de integrante do grupo pesquisado é de suma importância para a pesquisa; conhecer o jargão desse grupo é fundamental para a realização das análises, uma vez que esse conhecimento permite distinguir aquilo que é da ordem do jargão daquilo que é da ordem do INUSITADO. Todavia, faz-se necessário dizer que, além de o INUSITADO poder vir no lugar do jargão do rádio amador, pode vir, também, no lugar de vocábulos e/ou expressões da cultura popular, já que todo radioamador, de modo geral, ocupa diversas posições enunciativas na sociedade.

Na perspectiva das questões aqui abordadas, cumpre ressaltar que o lugar do observador é um elemento constitutivo do procedimento teórico de análise. Para Saussure (2006, p. 15), “bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, [...] é o *ponto de vista que cria o objeto (...)*” (grifos nossos). Ou seja, entendemos que se aborda a língua pela teoria, o que significa dizer que teoria e prática não são disjuntas, embora haja possibilidades diferentes de análise.

Desse modo, focando algumas associações possíveis, ao analisar as enunciações de radioamadores, vale dizer que, face à regularidade, algo parece ter “escapado”. Nesse sentido, associamos a regularidade à norma do grupo PX, ou seja, ao jargão, conforme vocábulos e expressões sublinhadas e definidas em nota de rodapé. Por outro lado, os vocábulos e expressões que estão com um destaque maior (sublinhadas e em caixa alta, exceto o código Q) apontam para a emergência do ASPECTO LEXICAL INUSITADO, já que emergiram no lugar de outros vocábulos e/ou expressões já esperadas e estabilizadas socialmente na prática de radioamadorismo.

O INUSITADO dá a impressão de marcar uma diferença face ao semelhante. Isto é, há a tentativa de se fazer o um, mas o INUSITADO sugere o funcionamento de não-um, apontando para uma espécie de fratura no fio do dizer. Assim, gostaríamos de associar a Saussure (2006, p. 109), ao dizer que “*na língua, força alguma garante a manutenção da regularidade quando ela reina em algum ponto*” (grifos do autor). Ou seja, compreendemos

que, face à regularidade, ao um, há a irregularidade, o não-um fraturando o fio do dizer. Há momentos em que a prevalência do imaginário é furada por “flashes” do real. Desse modo, focando o INUSITADO, abordamos sentidos possíveis, isto é, são análises que não se fecham, deixam resto, já que há real.

#### 4. INUSITADO: uma análise (do) (im)possível

##### 4.1 LEVANTA O DEDO QUE O BARRA FORTE ESCUTA

A partir do recorte abaixo, pontuamos uma expressão que, de nosso ponto de vista, se configura como ocorrência do ASPECTO LEXICAL INUSITADO. Desse modo, observemos a enunciação de dois radioamadores:

BARRA FORTE: Ok... Falô, Juca<sup>111</sup>, *eu agradeço aí também, viu?! Vai com Deus aí e faça boa viajada aí! Papai do Céu faz aí a presença no QT de lataria<sup>112</sup> sem dá QRM<sup>113</sup> aí! Vai com Deus aí, tá bão, ô Advogado... Ô Tijolo?!*

TIJOLO: Pode falá, Barra Forte, nós tá na escuta aqui, ó, a todo ouvido aqui, ó...

BARRA FORTE: Tá legal, tá bão, Tijolo, *agradeço também, viu?! Sempre será bem-vindo pro lado de cá, passando aqui é só arrochá o grito<sup>114</sup> no Barra Forte, ou melhor, LEVANTA O DEDO QUE O BARRA FORTE ESCUTA, né?! Ô Tijolo, *vai com Deus aí, proteção Divina.**

De início, esse recorte permite-nos dizer que o assunto diz respeito a uma despedida, levando-se em conta, por exemplo, o seguinte dizer de Barra Forte: *faça uma boa viajada aí!* Essas representações, juntamente com as representações: *eu agradeço aí também, Papai do Céu faz aí a presença, sempre será bem-vindo pro lado de cá, vai com Deus aí, Proteção Divina*, parecem apontar para algumas características da prática de rádio amador: respeito, religiosidade e afeto.

Em meio a esses apontamentos, cabe dizer que a norma do grupo PX permeou a interação de Barra Forte e Tijolo via o jargão: *Juca, QT de lataria, QRM e arrochá o grito*,

---

<sup>111</sup> Amigo.

<sup>112</sup> Caminhão, carreta ou carreta bi-trem.

<sup>113</sup> Problema.

<sup>114</sup> Chamar via o rádio amador.

que apontam para a tentativa de se fazer o um (semelhante), ou seja, a prevalência do imaginário.

No entanto, houve algo que parece ter fraturado esse um. De início, Barra Forte enunciou: *passando aqui é só arrochá o grito no Barra Forte*, o que aponta para tentativa de fazer um, já que *arrochá o grito*, como já afirmamos, integra o jargão do grupo PX. Em seguida, enunciou a expressão *ou melhor*, que introduz uma outra versão para o dizer anterior. Assim, emergiu em seus dizeres a expressão LEVANTA O DEDO QUE O BARRA FORTE ESCUTA. Essa expressão está para a ordem do INUSITADO, já que veio por via de uma contingência e efemeridade, apontando para o funcionamento de não-um. A nosso ver, era esperada a expressão *arrochar o grito*, que já está estabilizada na prática social do rádio amador. Todavia, parece ter havido a incidência do real, subvertendo a regularidade.

Considerando-se a expressão LEVANTA O DEDO QUE O BARRA FORTE ESCUTA, podemos afirmar que ela está para a ordem da categoria do INUSITADO METAFÓRICO, já que a interação via rádio amador não se dá face a face e, por conseguinte, não se vê o outro levantando o dedo. Assim, esse INUSITADO sugere que as palavras estão numa relação particular, apontando para sentidos outros, representando, a nosso ver, uma manifestação de ALÍNGUA, já que excedeu ao esperado. A própria língua deu acesso à ALÍNGUA.

Nesse sentido, considerando-se a relação entre os signos linguísticos e a própria enunciação, LEVANTA O DEDO QUE O BARRA FORTE ESCUTA parece dar um tom de proximidade, um valor afetivo, visto que é só levantar o dedo para ser “escutado”, apontando para a amizade no espaço do rádio amador. Cumpre ressaltar que o sistema linguístico já prevê a relação entre essas formas linguísticas. Portanto, é uma associação significativa possível no sistema, porém diferente na norma. Por outro lado, essa relação está para a ordem da imprevisibilidade, visto que poderia ter se dado de outra forma, levando-se em conta o espaço enunciativo do grupo PX. Assim, LEVANTA O DEDO QUE O BARRA FORTE ESCUTA é (im)previsível, marcando uma diferença em meio à semelhança, o que sugere a singularidade extravasada, no sentido de ter havido uma associação diferente entre os signos linguísticos, afetando o sentido.

## 4.2 MEIO PROBLEMÁTICO AÍ DA GRIPE e PITIMBADINHA

No que se refere ao recorte abaixo, pontuamos uma expressão e um vocábulo que se configuram como ocorrência do ASPECTO LEXICAL INUSITADO. Nesse sentido, observemos a enunciação de dois radioamadores:

TIGRIM: Okapa<sup>115</sup>, não, só tem um *probleminha*, parece que tá *meia roca* aí, né, o *senhor* tá MEIO PROBLEMÁTICO AÍ DA GRIPE, alguma coisera<sup>116</sup> aí, tá?!

BARRA FORTE: Tá legal que eu fiquei a semana toda... Hoje que eu tô dano uma *melhoradinha*, viu?! Modulei<sup>117</sup> muito pouco essa semana, viu, Tigrim, num saía nem voz, positiva<sup>118</sup>?!

TIGRIM: Ah, positiva<sup>119</sup>, não, eu tô notano aqui mesmo, ficô diferente, ave credo<sup>120</sup>, é pura bucha<sup>121</sup> ... O *senhor* tá gripado, é?

BARRA FORTE: Ok, não, eu tava, né, agora eu fui inventá de modulá<sup>122</sup> uma lourita, uma só aí, aí deu uma PITIMBADINHA aqui, viu?!

A princípio, conforme a materialidade linguística dos dizeres dos radioamadores Barra Forte e Tigrim, enfatizamos que o assunto diz respeito a uma gripe. As representações desses radioamadores permitem entrever dizeres descontraídos, ao modo das “associações livres”, como, *ave credo* e *pura bucha*. Esses dizeres sugerem uma das características da prática de rádio amador: ludicidade. Por outro lado, a emergência do vocábulo *senhor*, conforme enunciação de Tigrim, sugere outra característica dessa prática: respeito, embora esse vocábulo possa ser relacionado a outras características também, dependendo da circunstância em que ele emerge.

Interessante notar que há alguns dizeres que sugerem eufemismo: *probleminha*, *meia roca*, *melhoradinha*. Assim, cumpre ressaltar que não consideramos esses eufemismos como ocorrências do INUSITADO, uma vez que parecem permear a cultura popular.

---

<sup>115</sup> Positivo.

<sup>116</sup> Coisa.

<sup>117</sup> Conversei. Dependendo da situação enunciativa, pode significar beber.

<sup>118</sup> Positivo.

<sup>119</sup> Positivo.

<sup>120</sup> Algo negativo. Parece ter certa semelhança com outras expressões do jargão do rádio amador: pura maracutaia e pura bucha.

<sup>121</sup> Algo negativo. Parece ter certa semelhança com outras expressões do jargão do rádio amador: pura maracutaia e ave credo.

<sup>122</sup> Beber. Dependendo da situação enunciativa, pode significar conversar.

Conforme a enunciação dos radioamadores Barra Forte e Tigrim, percebemos que a norma do grupo PX permeou seus dizeres, ressaltando os seguintes termos do jargão: *okapa*, *coisera*, *modulei*, *positiva*, *ave credo* e *pura bucha*. Esses termos apontam para a tentativa de se fazer o um, é a questão do semelhante nesse espaço enunciativo, ou seja, a regularidade. Assim, indicam, parece-nos, a prevalência do imaginário.

Por outro lado, o não-um parece ter fraturado o um nessa enunciação por meio de um vocábulo e uma expressão que se configuram como ocorrência do ASPECTO LEXICAL INUSITADO: MEIO PROBLEMÁTICO AÍ DA GRIPE e PITIMBADINHA. Esses dizeres estão, a nosso ver, para a ordem da contingência, ou seja, vêm no lugar de outros dizeres já estabilizados pela prática social. Nesse sentido, parece que já está estabilizado se dizer *meio gripado* na cultura popular, mas não MEIO PROBLEMÁTICO AÍ DA GRIPE. Também, parece que está estabilizado na cultura popular se dizer *dar uma pitimbada*, *estar numa pitimba danada*, mas não PITIMBADINHA. Então, o ponto onde se deu a emergência desses dizeres diferentes parece apontar para a incidência do real, isto é, a prevalência do real. Esses dizeres representam, a nosso ver, uma das inúmeras possibilidades de manifestação de ALÍNGUA, ocorrendo o “um” a mais no registro desta.

Sob essa perspectiva, conforme nossa concepção, esses dizeres diferentes são exemplos da ocorrência da categoria do INUSITADO EUFÊMICO. Dessa forma, no lugar de perguntar se o Barra Forte estava gripado, Tigrim perguntou se ele estava MEIO PROBLEMÁTICO AÍ DA GRIPE. Ou seja, compreendemos que essa expressão, levando-se em conta a função do advérbio meio, parece dar um tom de suavização à situação. Esse advérbio indica, de certa forma, atenuação. A relação entre os signos linguísticos, movimentada pelo sujeito da enunciação, afeta a semântica da língua.

Também, no lugar de responder que deu uma pitimbada, por exemplo, após ter “inventado” de tomar uma cerveja (*modulá uma lourita, uma só aí*), Barra Forte respondeu que deu uma PITIMBADINHA. Isto é, entendemos que esse vocábulo parece dar um tom de suavização também. Desse modo, a semântica da base pitimbad-, que parece apontar para um tom negativo, associada ao sufixo -inh, afetou o produto derivacional PITIMBADINHA de modo a não excluir, a nosso ver, esse tom negativo, apenas amenizando-o.

O sistema linguístico, que é um sistema aberto, já prevê a emergência da expressão e do vocábulo analisados, já que suas combinações são possíveis. Então, eles estão para a ordem da previsibilidade. Por outro lado, emergem no lugar de dizeres já estabilizados pela prática social, conforme cultura popular, apontando para o fato de estarem para a ordem da imprevisibilidade. Nesse sentido, aquela expressão e aquele vocábulo estão para a ordem da (im)previsibilidade. São dizeres que marcam diferença naquela enunciação, o que nos permite dizer que representam um modo outro de subjetivação. A nosso ver, esses dizeres sugerem ter sido uma forma de extravasar a singularidade.

### **4.3 CATIRÃO e CHECÃO**

Conforme o recorte abaixo, pontuamos dois vocábulos que estão para a ordem do ASPECTO LEXICAL INUSITADO. Nesse sentido, observemos a enunciação de dois radioamadores:

BARRA FORTE: Tá legal... Fica à vontade aí. Ô Touro, vô passá lá então e levo aí pru *senhor*, pru *senhor* testá aí *o equipamento*, positivo?!

TOURO SENTADO: Positivo, Barra! Não, pega lá, traz aqui, tô achano que esse aqui tá com defeito memo porque andei dano uma oiada nele, aí cê traz ele, *nóis vai colocá o danado e vê se ocê vai falar com São Pedro, viu?!*

BARRA FORTE: Falô, seu Touro, aí nóis aproveita e já já pega a fonte com o *senhor*, dá aí um *burrachudo* com uns trinta dia aí, viu?!

TOURO SENTADO: Positivo! Ai, ai... Aí, é pá cabá! Não, mas tá bão, uai?! Trinta dia num instantim passa, né?!

BARRA FORTE: Positiva<sup>123</sup>! Pois é, fiz um CATIRÃO aqui, peguei um CHECÃO com trinta, num instantim passa, viu, Touro?!

Essa materialidade linguística permite-nos afirmar que houve a incidência do respeito, conforme vocábulo *senhor* enunciado tanto por Barra Forte como por Touro Sentado. Também, permite-nos afirmar que ocorreram dizeres descontraídos, o que já é da demanda do espaço de enunciação do rádio amador. Nesse sentido, Touro Sentado afirmou que *nóis vai coloca o danado e vê se ocê vai falar com São Pedro, viu?!* Esse *danado* se refere a um aparelho de rádio amador, ou seja, *o equipamento*, conforme Barra Forte, que enunciou que ia *dá um burrachudo com uns trinta dia aí, viu?!*. Parece-nos que tanto os dizeres de Barra Forte

---

<sup>123</sup> Positivo.

como os dizeres de Touro Sentado apontam para a ludicidade, que constitui uma das características da prática de radioamadorismo.

As representações linguísticas de Barra Forte e Touro Sentado sugerem ter havido a tentativa de um (semelhante), ressaltando o respeito e a ludicidade, apontando para a prevalência do imaginário, embora tenha emergido apenas um vocábulo que pertence ao jargão do rádio amador: *positiva*.

Por outro lado, face à regularidade, houve uma fratura no fio do dizer. Referimo-nos à ocorrência do ASPECTO LEXICAL INUSITADO via dois vocábulos: CATIRÃO e CHECÃO, ambos enunciados por Barra Forte. São ocorrências do INUSITADO, já que vêm via uma contingência e efemeridade. Ou seja, a nosso ver, outros vocábulos já estabilizados pela prática social eram esperados no lugar desses: *catira*<sup>124</sup> e *cheque* ou *borrachudo*. Entretanto, o real parece ter incidido, mostrando o funcionamento de não-um. Do nosso ponto de vista, os vocábulos CATIRÃO e CHECÃO representam uma manifestação de ALÍNGUA, visto que parecem estar para a ordem do avesso da língua, o que não implica dizer que não seja um deslocamento possível e previsível, de certa forma, pelo sistema linguístico, uma vez que, lembrando de dizeres drummondianos, *as palavras não nascem amarradas*.

Os vocábulos CATIRÃO e CHECÃO parecem apontar para a categoria que nomeamos como INUSITADO HIPERBÓLICO, já que nos remetem a um certo tom de exagero, levando-se em conta o sufixo -ão agindo sobre a base, afetando o produto derivacional. Ou seja, CATIRÃO e CHECÃO sugerem algo grandioso. Enquanto que naquele vocábulo houve a união da base *catir-* ao sufixo -ão, neste houve a união da base *chec-*, levando-se em conta uma alomorfia de *chequ-*, ao sufixo -ão.

#### **4.4 PÁ CABÁ**

No que refere ao recorte abaixo, gostaríamos de dizer que foi possível entrever a emergência de um ASPECTO LEXICAL INUSITADO, enfatizando o lugar de uma expressão que, usualmente, ocupa outros lugares nas enunciações via rádio amador. Observemos a enunciação de dois radioamadores:

---

<sup>124</sup> Interessante dizer que o vocábulo *catira* pode significar, em algumas circunstâncias, *barganha*, em oposição ao significado relacionado a um tipo de dança.

TOURO SENTADO: Positivo! Ô Feiticeiro... Cê tá por aí? Cê captura eu mais o Barrinha ou *cê tá ocupado aí contano os QSJ*<sup>125</sup>? É, Barra, ele deve tá contano o dinheiro lá, viu?! Ô Feiticeiro *pitimbado*<sup>126</sup>, larga esse dinheiro aí um pouquinho, de contar isso aí, vem cá na *caxinha*<sup>127</sup>, quero conversá cocê, ô *pitimbado*<sup>128</sup>!

FEITICEIRO: Bom dia! *Se fô QSJ*<sup>129</sup>, *eu dô...*

TOURO SENTADO: Positivo! Bom dia, Feiticeiro, *cê tá contano os QSJ*<sup>130</sup> *pra ir pra praia*, tá?!

FEITICEIRO: Negativo! Pelo menos, tá guardado.

TOURO SENTADO: Que que cê tá contano aí, então?! *Tá contano pra pagá os funcionário*, é?

FEITICEIRO: Conversei com o Oreia Seca, *cê quer que ele vai praí?*

TOURO SENTADO: *PÁ CABÁ...* *Uai, só se ele ficá no lugar da minha cristal*<sup>131</sup>, *que ela vai sair. Ele fica no lugar dela?*

FEITICEIRO: *Ele falô que num vai não. Cê tava pescano, tava, Touro?*

A partir dessa materialidade linguística, gostaríamos de destacar que parece ser possível construir uma das características que permeia a prática de radioamadorismo. Assim, Touro Sentado, procurando pelo Feiticeiro via rádio amador, perguntou: *cê tá ocupado aí contano os QSJ?* Em seguida, Feiticeiro respondeu: *se fô QSJ, eu dô*. Touro Sentado perguntou ao Feiticeiro: *cê tá contano os QSJ pra ir pra praia* ou *se é pra pagá os funcionário*. Ou seja, compreendemos que são dizeres que apontam para a ludicidade, uma forma de brincar, já que há amizade na prática de rádio amador. Esses dizeres remetem a um modo de dizer ao modo das “associações livres”, manifestando uma voz mais musicada.

Vale ressaltar que emergiram nos dizeres desses radioamadores alguns termos pertencentes ao jargão consubstanciado à prática de rádio amador: *QSJ, caxinha e cristal*. São provas cabais de que há dizeres estabilizados nessa prática social. Ou seja, é a norma do grupo PX, a regularidade, o semelhante, a tentativa de se fazer o um, enfim, a incidência do imaginário.

---

<sup>125</sup> Dinheiro.

<sup>126</sup> Parece-nos que o adjetivo *pitimbado* permeia a cultura popular, não se restringindo somente a esse grupo.

<sup>127</sup> Rádio amador.

<sup>128</sup> Conforme nota 126.

<sup>129</sup> Dinheiro.

<sup>130</sup> Dinheiro.

<sup>131</sup> Esposa.



Por outro lado, há um ponto no fio do dizer que parece ter “escapado” dessa ordem da regularidade. Assim, dentro da perspectiva da ludicidade, Feiticeiro diz ter conversado com o Oreia Seca, e, nesse sentido, perguntou ao Touro Sentado: *cê quer que ele vai praí?*. O radioamador Touro Sentado respondeu: PÁ CABÁ.

A expressão PÁ CABÁ é, a nosso ver, um ASPECTO LEXICAL INUSITADO, já que emergiu no lugar de vocábulos já esperados e, portanto, já estabilizados ali, como, *positivo* e *negativo*. Assim, em meio ao jogo do um, o não-um parece ter incidido, fraturando o fio do dizer, apontando para a prevalência do real.

Interessante observar que os vocábulos *positivo* e *negativo* emergiram em dizeres dos radioamadores Touro Sentado e Feiticeiro. No entanto, a língua está para a ordem da não totalidade, há deslizes de significantes. O significante não consegue ser ele mesmo e a representação. Desse modo, é a possibilidade de dizer que PÁ CABÁ comporta um *positivo* e um *negativo* ao mesmo tempo, já que dá um tom de dúvida, apontando para a possibilidade de uns, ou seja, *positivo* ou *negativo*? *Negativo* ou *positivo*? É, a nosso ver, o registro do equívoco na língua, isto é, uma manifestação de ALÍNGUA. *Positivo* e *negativo* apontam para coisas díspares coexistindo, não se desfazendo o equívoco, não havendo a designação unívoca. PÁ CABÁ sugere, portanto, a categoria de INUSITADO EQUÍVOCO.

Assim como a ALÍNGUA, o chiste registra o equívoco na língua. Parece-nos que o registro de ALÍNGUA produziu um efeito chistoso: *uai, só se ele ficá no lugar da minha cristal, que ela vai sair. Ele fica no lugar dela?* Esse lugar ao qual o Touro Sentado se referiu sugere jocosidade. Face aos dizeres do Touro Sentado, Feiticeiro afirmou: *ele falô que num vai não*.

PÁ CABÁ aponta, portanto, para um modo outro de subjetivação, marcando uma diferença face à regularidade, o que remete ao fato de a singularidade ter sido extravasada. Essa expressão está para a ordem da (im)previsibilidade, isto é, prevista pelo sistema linguístico, mas imprevista onde emergiu, já que o sistema apresenta outras formas estabilizadas pela prática social que se adequariam à circunstância.

#### 4.5 ESSA GALERA TUBARÔNICA e O ESCONDERIJO DO RICARDÃO

A partir do recorte abaixo, que está centrado na enunciação relativa à interação entre dois radioamadores, pontuamos duas expressões que se configuram como ocorrência do ASPECTO LEXICAL INUSITADO. Observemos essa enunciação:

PLAY BOY: [xxx] O Monte Carmelo tá pu lado de cá, fui dano volta, tá bõ, Barra Forte?! *Satisfeito aqui de chegá, aqui pro lado de cá e aí vê ESSA GALERA TUBARÔNICA recebê a gente de braço aberto, que bacana!* Tá bõ, Barra Forte, *eu que agradeço mais uma vez o cambiado*<sup>132</sup>, e tá bõ, Barra Forte, e vim 100%, okapa<sup>133</sup>?!

BARRA FORTE: Tá legal, tá bõ, Play Boy?! Taí, QRA<sup>134</sup> de Play Boy, morador ali da 4ª Uberlândia<sup>135</sup>, *o carreiro ali foi a 365, complementô aqui com a 198, parece, a MG. O que ligou aqui foi a Eletrosom. O enchimento do caxote*<sup>136</sup>, *a galera vai sabendo, né?! O ESCONDERIJO DO RICARDÃO, tá bõ, ô Play Boy, câmbio?!*

Conforme essa materialidade linguística, gostaríamos de destacar que o radioamador Play Boy, de forma afetuosa e poética, a nosso ver, afirmou que estava *satisfeito de aqui chegá, aqui pro lado de cá*, ou seja, de chegar a Monte Carmelo, porque há um Agrupamento do PX que o recebe *de braço aberto, que bacana!* Parece que Play Boy deixa entrever por meio de suas representações algo relacionado a uma boa receptibilidade dada pelo Agrupamento São Cristóvão àqueles que passam por esse município. Nesse sentido, associamos essa receptibilidade à amizade e ao afeto que permeiam o espaço enunciativo do grupo PX.

Ressaltando o jargão presente nos dizeres dos radioamadores Play Boy e Barra Forte: *cambiado, okapa, 4ª Uberlândia e o enchimento do caxote*, cumpre dizer que esses termos nos remetem à norma da prática de rádio amador. Ou seja, é a prevalência do imaginário, o efeito de unidade, a regularidade.

Todavia, uma expressão enunciada pelo radioamador Play Boy parece ter fraturado o um: ESSA GALERA TUBARÔNICA, remetendo-nos ao não-um incidindo nos dizeres desse radioamador, mostrando-nos “flashes” do real, já que não se “agarra” o real.

---

<sup>132</sup> Conversa.

<sup>133</sup> Positivo.

<sup>134</sup> Codinome.

<sup>135</sup> 4ª região: Minas Gerais.

<sup>136</sup> Carregamento do caminhão, carreta ou carreta bi-trem.

Cumpra enfatizar que já é corrente na prática do grupo PX o vocábulo *tubarão* (no rádio amador, um substantivo adjetivado) para caracterizar o bom operador de rádio amador. Esse vocábulo faz parte do jargão dos radioamadores.

Parece que, pelo fato de já ser corrente enunciar *tubarão*, era esperado nas representações de Play Boy o vocábulo *tubarões*. Entretanto, o radioamador Play Boy se vale de uma forma corrente enunciada na prática oral pelos brasileiros, ou seja, pluralizar, sem valer-se do morfema gramatical -s, mas por meio do substantivo coletivo *galera*. A esse substantivo foi acrescido o adjetivo qualificativo formado pela base tubar- mais sufixo -ônic.

Destacando o vocábulo TUBARÔNICA, este é formado pelo processo de derivação sufixal. O sufixo -ônic parece ser pouco recorrente na Língua Portuguesa, como presentes nos vocábulos *arquitetônica* e *mnemônica*. Esse sufixo permite-nos dizer que ele traz uma intensidade outra de som contribuindo para a musicalidade e poeticidade na oralidade. Ou seja, é a relevância da voz no rádio amador. Parece-nos que a semântica da base afetou o sufixo e o produto derivacional, uma vez que o vocábulo TUBARÔNICA reforça o significado de tubarão.

A expressão ESSA GALERA TUBARÔNICA leva-nos a construir um sentido possível de certa admiração com um tom de afeto, já que os radioamadores do Agrupamento São Cristóvão foram elogiados por Play Boy. Ou seja, ESSA GALERA TUBARÔNICA deixa-nos entrever que a galera à qual esse radioamador se refere é uma galera repleta de tubarões, isto é, de bons operadores de rádio amador. Essa expressão remete-nos à categoria do INUSITADO METAFÓRICO, ou seja, são as palavras numa relação particular apontando para um sentido outro.

A despeito dessa relação particular, contingente e efêmera, o sistema linguístico já prevê essa relação, já que é uma combinação possível. Assim, ESSA GALERA TUBARÔNICA é uma expressão (im)previsível, marcando uma diferença em meio à regularidade. Essa diferença no fio do dizer leva-nos a associar ao fato de a singularidade ter sido extravasada.

Por outro lado, na sequência da interação, Barra Forte descreveu, de certa forma, o trajeto percorrido por Play Boy até chegar a Monte Carmelo: *o carro ali foi a 365,*

*complementô aqui com a 198, parece, a MG. Ademais, Barra Forte parece ter descrito a carga presente no caminhão, carreta ou carreta bi-trem do Play Boy, dizendo, antes disso, que o enchimento do caxote, a galera vai sabendo, né?!*

Nesse sentido, o que podemos pontuar de “diferente” nos dizeres de Barra Forte incide na expressão O ESCONDERIJO DO RICARDÃO. Essa expressão indica que, em meio à norma, ao jargão, ao um, o real parece ter incidido, mostrando-nos o funcionamento de não-um, que rompe o esperado. Ou seja, é o não-um fraturando o um, já que essa expressão está para a ordem da contingência e efemeridade.

A expressão O ESCONDERIJO DO RICARDÃO parece descrever a possível carga presente no veículo do Play Boy: guarda-roupa. Afirmamos isso já que é próprio da cultura popular, conforme programas humorísticos, o nome próprio RICARDÃO ser conhecido como o amante que fica escondido no guarda-roupa, quando o marido traído por sua esposa chega a casa. Desse modo, a nosso ver, era esperado o vocábulo guarda-roupa, mas emergiu aquela expressão, o que atribui ao dizer de Barra Forte um aspecto lúdico, um tom jocoso, o que é da ordem da demanda do espaço de enunciação do rádio amador. O vocábulo RICARDÃO parece se configurar como um exemplo acerca das formas não-marcadas que dizem respeito a questões interpretativas, ou seja, é a presença do outro na enunciação de forma implícita.

Ressaltando o substantivo próprio RICARDÃO, este é constituído pelo sufixo -ão. Em nossa cultura, já é próprio enunciar nomes de pessoas para dar características às pessoas, como, *Mauricinho* e *Patricinha*. Em oposição ao sufixo -inh que, nesses nomes, dependendo da conjuntura, podem ser pejorativos, ou seja, reduzem a qualidade de alguém, o sufixo -ão, presente em RICARDÃO, leva-nos a construir um sentido possível de esperteza e sagacidade, ou mesmo de “muito bom”, marcando uma diferença. Ou seja, compreendemos que o espaço enunciativo do grupo PX interferiu na semântica do produto derivado.

Cumpramos dizer que os vocábulos RICARDÃO, *Mauricinho* e *Patricinha* têm a sua singularidade no sistema linguístico. Entretanto, isso não implica dizer que não possam adquirir novos valores, afetando, de certa forma, o sentido. Nesse sentido, a expressão O ESCONDERIJO DO RICARDÃO sugere a categoria do INUSITADO METAFÓRICO, visto que o vocábulo Ricardão, conforme sentido figurado, parece vir no lugar do vocábulo amante, “rolo”, “feijão queimado” (amante no jargão do rádio amador), etc. Ademais, essa expressão

aponta para a singularidade extravasada, no sentido de ter havido um jogo com os elementos linguísticos.

Conforme nossa compreensão, tanto a expressão ESSA GALERA TUBARÔNICA como a expressão O ESCONDERIJO DO RICARDÃO representam uma das inúmeras possibilidades de manifestação de ALÍNGUA, já que romperam com o esperado em termos linguísticos. Vale dizer que uma das características de ALÍNGUA aponta justamente para o não esperado, indicando a hiância que há da língua em relação ao sentido e da língua em relação à referência ao mundo.

#### 4.6 UM PUNHADINHO DE KM

No que se refere ao recorte abaixo, pontuamos uma expressão que se configura como uma ocorrência do ASPECTO LEXICAL INUSITADO. Desse modo, observemos a enunciação de dois radioamadores:

MUSEU: Ah... Tá beleza! Barracão de zinco<sup>137</sup>! Tem um QTH<sup>138</sup> também pela Santa Catarina, véio...

BARRA FORTE: Ah... Tá legal, *tá logo ali pertinho*, UM PUNHADINHO DE KM e já chega por lá. Tá bão, meu jovem, *boa noite e um braço aí*. Barra Forte, *o locutor que vos fala, okapa*<sup>139</sup>?!

MUSEU: Ah... Positiva<sup>140</sup>, véio, aqui o QRA<sup>141</sup> é Museu [xxx] Fiz uma entrega em Paracatu e quatorze no Brasília onti e hoje, né, véio?! *Sossegado indo pro QTH*<sup>142</sup>, né?! Vô que vô... Daqui até Uberaba vai dá quantos quilômetros ainda?

A partir dessa materialidade linguística, é possível perceber características da prática de rádio amador do grupo PX, como, ludicidade, afeto e voz outra, ressaltando os dizeres: *tá logo ali pertinho, boa noite e um braço aí e o locutor que vos fala*. Além disso, é possível também perceber uma outra característica: fuga da solidão das estradas, frisando um dizer de Museu: *sossegado indo pro QTH*. Assim, esse *sossegado* parece ter relação com o fato de se

---

<sup>137</sup> Caminhão, carreta ou carreta bi-trem baú.

<sup>138</sup> Casa.

<sup>139</sup> Positivo.

<sup>140</sup> Positivo.

<sup>141</sup> Codinome.

<sup>142</sup> Casa.

interagir com o outro via rádio amador. Ou seja, é o rádio amador funcionando como uma forma de “conforto” para seus operadores.

Face às representações dos radioamadores do recorte acima, gostaríamos de enfatizar a norma permeando seus dizeres via os jargões *barracão de zinco*, *QTH*, *okapa*, *positiva e QRA*. Ou seja, entendemos que é a prevalência do imaginário, isto é, a semelhança.

Por outro lado, algo “diferente” emergiu nos dizeres de Barra Forte. Assim, o que pontuamos de INUSITADO nesses dizeres diz respeito à expressão UM PUNHADINHO DE KM, que remete à prevalência do real. Isto é, em meio ao jogo do um, o não-um veio como uma espécie de fratura no fio do dizer via esse INUSITADO.

Destacamos que Museu disse ter um QTH em Santa Catarina e, Barra Forte, de forma jocosa, a nosso ver, enunciou que, em relação à distância de Monte Carmelo, dá UM PUNHADINHO DE KM. Todavia, essa distância não é nada perto, já que essas cidades estão em Estados distantes uns dos outros. Então, parece-nos que era esperado que o Barra Forte dissesse *muitos kms* ou *muitos quilômetros*, mas não foi o que aconteceu. Ou seja, em meio à regularidade, algo da ordem da irregularidade emergiu.

Ressaltando o vocábulo PUNHADINHO, este possui o sufixo -inh. Esse sufixo, dependendo da circunstância onde emerge, pode ter o valor semântico de diminutivo, pejorativo, afetividade, ironia, eufemismo, etc. Entretanto, atribuímos um sentido possível de eufemismo ao produto lexical PUNHADINHO, já que esse produto parece amenizar a distância entre Monte Carmelo e Santa Catarina, porém com um certo tom irônico, visto que essa distância não é nada pequena. Assim, compreendemos que a semântica da base punhad-afetou o sufixo -inh e o produto derivacional PUNHADINHO, já que punhad- remete a algo de valor eufêmico, o que nos leva a associar a dizeres, por exemplo, de donas de casa ao dizer para se colocar *um punhadinho de sal* em alguma comida. Essa associação indica a presença do outro na enunciação de forma implícita.

Sob essa perspectiva, a expressão UM PUNHADINHO DE KM indica a categoria de INUSITADO EUFÊMICO. É uma expressão que marcou uma diferença em relação à semelhança. Ou seja, em meio à semelhança, algo da ordem do diferente emergiu. A nosso ver, a expressão UM PUNHADINHO DE KM confirma nossa hipótese de pesquisa, uma vez

que representa uma manifestação de ALÍNGUA pelo fato de ter excedido a língua, que a suportou. Assim, vale ressaltar que essa expressão parece apontar para um furo no dizer causado pelo funcionamento do inconsciente. É o real em ação.

#### **4.7 A NOTONA BRABA**

A partir de um outro recorte, pontuamos a emergência de uma expressão que se configura como uma ocorrência do ASPECTO LEXICAL INUSITADO. Observemos a enunciação de dois radioamadores:

BARRA FORTE: Tá legal que é isso aí memo, né, seu Touro?! É verdade, é desse tipo aí memo, mas eu não vi o Feiticeiro hoje, cê viu, Touro?!

TOURO SENTADO: Positivo... Deve tá aí na frequência, né?! *O Feiticeiro tem hora que ele interte lá contano os QJ<sup>143</sup> lá no cofre e num fala com ninguém não, viu?! Interte só com nota de 100 QJ<sup>144</sup>, viu?!*

BARRA FORTE: Tá legal que é verdade! Vai interteno com A NOTONA BRABA lá... Hein, Touro, qual que é o numeral do transistor aí?

Ressaltando as representações de Touro Sentado, podemos dizer que a ludicidade permeou seus dizeres: *o Feiticeiro tem hora que ele interte lá contano os QJ lá no cofre e num fala com ninguém não, viu?! Interte só com nota de 100 QJ, viu?!.* Ademais, cumpre dizer que a norma do grupo PX permeou seu modo de dizer via o jargão QJ.

Por outro lado, o que podemos pontuar de “novo” diz respeito à expressão A NOTONA BRABA enunciada por Barra Forte, que parece ter caído no engodo do jogo lúdico do Touro Sentado. Essa expressão está para a ordem do ASPECTO LEXICAL INUSITADO, já que veio via contingência e efemeridade. Via essa expressão, parece ter havido a incidência do real, uma vez que, segundo nossa concepção, era esperado que o Barra Forte dissesse, conforme jargão do rádio amador, algo do tipo *vai interteno lá com a nota de 100 QJ*. No entanto, o não-um parece ter fraturado a regularidade, mostrando-nos algo da ordem do real.

A expressão A NOTONA BRABA aponta para a presença de metáforas enquanto expressões contingentes no lugar de outras já estabilizadas socialmente entre os

---

<sup>143</sup> Dinheiro.

<sup>144</sup> Dinheiro.

radioamadores do grupo PX. Desse modo, construímos para essa expressão a categoria de INUSITADO METAFÓRICO, marcando uma diferença, ou seja, um modo de subjetivação outro. Conforme nosso entendimento, essa expressão aponta para uma manifestação possível de ALÍNGUA, já que rompe com proposições universalizantes.

Vale dizer que, na cultura popular, já é corrente o vocábulo *oncinha* para designar a cédula de cinquenta reais. Percebemos que o sufixo -inh, em *oncinha*, parece ter o valor semântico de afetividade e de maior proximidade. A cédula de cinquenta reais, conforme nosso entendimento, tem maior circulação entre as pessoas, de uma forma geral, se comparada à circulação da cédula de cem reais.

Por outro lado, o vocábulo NOTONA se difere do vocábulo *oncinha*, visto que aquele, conforme o sufixo -ona agindo sobre a base, conota, em oposição à afetividade e proximidade, dificuldade e longinquidade. Ademais, o adjetivo BRABA sugere a ideia de dificuldade e longinquidade. O vocábulo NOTONA parece indicar que a voz é de grande relevância no espaço de enunciação do rádio amador, conforme a intensidade do som nesse vocábulo.

#### **4.8 UMA COSTELINHA FORA**

No que diz respeito ao recorte abaixo, a expressão a ser descrita e analisada é um ASPECTO LEXICAL INUSITADO. Nesse sentido, observemos a enunciação de dois radioamadores:

DUDU: Positiva<sup>145</sup>... [xxx] *tem uns quinze a vinte dias que busco meu QT*<sup>146</sup> também pra vê se tá em ordem... Por enquanto, tô muito pouco tempo fora de casa, vai sendo ali só uns sete dias e vou ficá mais uns quinze, mais ou menos, um pouquinho mais fora, pra depois retorná a ele pra vê cumé que anda as coisa por lá, positiva<sup>147</sup>?!

BARRA FORTE: Ah, tá legal, tá bão, Dudu... Taí, né, uma quinzena fora aí, fora do QT<sup>148</sup>, né, mas num dá nada não, se dé é poca coisa, tá bão, Dudu?! E daqui prali completa a grega<sup>149</sup> ali e vai em busca ali do rancho<sup>150</sup>, positivo?!

---

<sup>145</sup> Positivo.

<sup>146</sup> Casa.

<sup>147</sup> Positivo.

<sup>148</sup> Casa.

<sup>149</sup> Viagem.

<sup>150</sup> Casa.



DUDU: Positivo, né, arrumá UMA COSTELINHA FORA pra vê se vira alguma coisa porque pu lado de perto de casa foi difícil, tá ruinzinho pra banda de lá, e agora a safrinha da cebola tá pra banda de cá, e os ceboleiro aqui de cima batalhano melancia [xxx] fazê a busca ali no Ceasa, virá ali no São Paulo pra vê cumé que anda os movimento, positiva<sup>151</sup>?!

Fugir da solidão das estradas se configura como uma das características da prática de radioamadorismo do grupo PX. Uma prova cabal disso pode ser verificada por meio desse recorte, ressaltando marcas deixadas pelo radioamador motorista Dudu: *tem uns quinze a vinte dias que busco meu QT*. Assim, o rádio amador pode funcionar como uma espécie de “conforto” para os radioamadores que se encontram longe de seus lares.

Enfatizando os jargões enunciados pelos radioamadores Dudu e Barra Forte: *positiva, QT, grega e rancho*, cumpre dizer que a norma do grupo PX permeou seus dizeres. Ou seja, houve a prevalência do imaginário, isto é, a tentativa de se fazer o um.

Por outro lado, emergiu uma ocorrência do ASPECTO LEXICAL INUSITADO via a expressão UMA COSTELINHA FORA enunciada por Dudu. Conforme jargão do grupo PX, parece que era esperado que o Dudu enunciasse que iria tentar *um basquete fora*, ou seja, *um trabalho fora*; no entanto, ocorreu deslize de significante, emergindo UMA COSTELINHA FORA.

Todavia, ressaltando essa expressão, parece que o duplo sentido resiste pela equivocidade da palavra COSTELINHA. É a possibilidade de tocar em *basquete* e em outra coisa também: *batonete*, que significa *mulher* no jargão do rádio amador. Ou seja, é a possibilidade de construir para a expressão UMA COSTELINHA FORA um tom de traição, já que COSTELINHA, conforme o discurso religioso, remete à primeira mulher, Eva, que foi criada a partir da costela do primeiro homem, Adão. Nesse sentido, UMA COSTELINHA FORA aponta para, conforme o jargão dos radioamadores, *uma batonete fora*, ou seja, *uma mulher fora do lar onde está a esposa, a mulher, a cristal* (conforme jargão do rádio amador).

Sob essa perspectiva do equívoco registrado pela expressão UMA COSTELINHA FORA, cumpre dizer que é um INUSITADO representando, a nosso ver, uma manifestação de ALÍNGUA, coadunando com nossa hipótese de pesquisa. Desse modo, construímos para

---

<sup>151</sup> Positivo.

essa expressão a categoria de INUSITADO EQUÍVOCO, ou seja, é o duplo sentido coexistindo, não se desfazendo, ocorrendo o “uns”.

Frisando o vocábulo COSTELINHA, este é produto derivacional constituído morfologicamente pela base costel- acrescido do sufixo -inh. Construindo um sentido possível para esse vocábulo, parece que esse sufixo teve a função de acrescentar à base costel- um valor semântico de pejoratividade. COSTELINHA, levando-se em conta o suíno, é um tipo de carne mais barato no mercado, já que é de uma qualidade outra se comparada, por exemplo, ao lombo. Nesse caso, o sufixo -inh não apresenta um valor de diminutivo, como tradicionalmente lhe é atribuído. Refere-se, antes, à forma popular “bico”, ou seja, um serviço a fim de complementar a renda, e à forma popular “rolo” ou ao jargão do rádio amador *feijão queimado* (amante). Ou seja, entendemos que são particularidades (im)previsíveis interferindo na semântica do produto derivado.

#### 4.9 CODORNONA

No que se refere ao recorte abaixo, pontuamos um vocábulo que se configura como uma ocorrência do ASPECTO LEXICAL INUSITADO. Assim, observemos a enunciação de três radioamadores:

AMENDOIM: Barra?!

BARRA FORTE: Oio?!

AMENDOIM: Ah, tá, boa noite aí... Tô acabando de fazer o teste na radiola<sup>152</sup>. [xxx] Teve alguma mudança daquela hora pra agora, ã?!

BARRA FORTE: Positiva<sup>153</sup> que mudou, *ficou bem pior*, viu, Mendoim?! Agora que num tá entendeno quase nada, okapa<sup>154</sup>?!

AMENDOIM: Ficou pior, foi?!

BARRA FORTE: *Bem pior!* Agora tem uma CODORNONA aí dentro que tá braba...

MUSEU: O radinho<sup>155</sup> dele tá pitimbado, véi...

---

<sup>152</sup> Rádio amador.

<sup>153</sup> Positivo.

<sup>154</sup> Positivo.

<sup>155</sup> Rádio amador.

A partir dessa materialidade linguística, gostaríamos de destacar que emergiram alguns jargões consubstanciados à prática de rádio amador do grupo PX: *positiva, okapa e radinho*. Ou seja, compreendemos que é parte do efeito de unidade nessa prática.

De início, Barra Forte, referindo-se ao aparelho de rádio amador do Amendoim, disse que esse aparelho tinha ficado *bem pior*, ressaltando seu funcionamento. Detendo-nos no advérbio *bem*, este parece intensificar o argumento relativo à piora do rádio amador, havendo a justificativa: *agora que num tá entendeno quase nada*.

Sob essa perspectiva acerca do funcionamento do aparelho de rádio amador do Amendoim, parece-nos que há um tom lúdico nos dizeres do radioamador Barra Forte, que enunciou um ASPECTO LEXICAL INUSITADO via o vocábulo CODORNONA. Esse vocábulo parece apontar para a incidência do real, ocorrendo o funcionamento de não-um em meio ao jogo do um, ou seja, da regularidade. Entendemos que é o diferente fraturando o semelhante. Assim, cumpre ressaltar que há momentos, conforme o vocábulo CODORNONA, em que o amor na língua é registrado. CODORNONA, a nosso ver, é um exemplo de amor na língua, ou seja, de manifestação de ALÍNGUA, visto que rompeu com o esperado.

Barra Forte parece associar o barulho do rádio amador do Amendoim ao canto da ave codorna, enunciando o vocábulo CODORNONA. Esse vocábulo está para a ordem da efemeridade e da contingência, marcando uma diferença, isto é, um modo outro de subjetivação. A nosso ver, era esperado que o Barra Forte dissesse algo relacionado a um jargão já consubstanciado aos radioamadores: QRM, que significa algo ruim, dá um tom negativo. Isto é, que o rádio amador do Amendoim estava com QRM. No entanto, houve uma associação “diferente”, porém permitida pelo sistema linguístico. Vale lembrar que é via enunciação que a língua é afetada.

Cumpre destacar que CODORNONA é formado por derivação sufixal. Assim, o sufixo -ona agindo sobre a base codorn- parece remeter a uma *codorna muito grande*, emitindo um som muito alto, mas metaforicamente e com um certo tom irônico, a nosso ver. Ou seja, o produto derivacional CODORNONA parece apresentar, portanto, algumas propriedades comuns da base codorn- e do sufixo -ona, levando-se em conta para este o valor semântico de muito grande. Nesse sentido, construímos que o aparelho de rádio amador do

Amendoim emitia um barulho muito alto naquela conjuntura, diferente do barulho esperado, o que é possível verificar via de nossa gravação.

Face a essas questões, construímos para o vocábulo CODORNONA a categoria de INUSITADO METAFÓRICO, já que esse vocábulo, naquela conjuntura, não parece se referir ao animal “codorna”. Assim, para a construção dessa categoria, levamos em conta a relação entre os signos linguísticos expressos na enunciação e a própria enunciação. Ou seja, é a noção de valor linguístico, bem como o sentido em sua modalidade semântica afetando nosso olhar sobre o INUSITADO.

#### 4.10 A DONA ONÇA

A partir do recorte abaixo, pontuamos uma expressão que se configura como uma ocorrência do ASPECTO LEXICAL INUSITADO. Desse modo, observemos a enunciação de dois radioamadores:

TIJOLO: Bacana, a turma queria sair sem pagá, queria que o Advogado ajeitasse lá, ainda mais ele...

BARRA FORTE: Pois é, é desse tipo memo aí, mas num dá nada não, viu, Tijolo, se dé é pouca coisa, positivo?!

TIJOLO: Positiva<sup>156</sup> ... Se chamasse a gaiola, eles tomava conta só com o Advogado, só... Os outro saía tranquilo... Mas, bacana, Barra Forte, vai desculpano a brincadera aí, *fica com Deus aí, tudo de bom pu senhor aí, um bom final de semana, um bom domingo, devagar com as louritas, né, senão a casa cai...* E o senhor vai ficando com Deus, tudo de bão, vô apavorá o carro<sup>157</sup> aqui, *tô passano aqui a city do mesmo aí e apavorá o carrão*<sup>158</sup> *aí em busca do OTH*<sup>159</sup> *pra ficá do modelo, senão A DONA ONÇA lá não vai gostano aí...*

Essa materialidade linguística permite-nos construir algumas características para a prática de rádio amador do grupo PX: religiosidade, afeto, respeito e ludicidade, via dizeres do radioamador Tijolo, como, *fica com Deus aí, tudo de bom pu senhor aí, um bom final de semana, um bom domingo, devagar com as louritas, né, senão a casa cai*. Ademais, via os

---

<sup>156</sup> Positivo.

<sup>157</sup> Acelerar o caminhão ou carreta.

<sup>158</sup> Acelerar o caminhão ou carreta.

<sup>159</sup> Casa.

jargões *positiva*, *apavorá o carro*, *apavorá o carrão* e *QTH*, destacamos aquilo que é da ordem do semelhante nessa prática, ou seja, é algo da ordem da regularidade.

Por outro lado, emergiu uma expressão nas representações deixadas pelo radioamador motorista Tijolo que parece ter fraturado a norma do grupo PX. Referimo-nos à emergência da expressão A DONA ONÇA, que parece mostrar a incidência do real, já que vem via contingência e efemeridade. A nosso ver, era esperada, conforme o jargão do rádio amador, a expressão *a dona cristal* para se referir à esposa, mulher. Todavia, houve uma associação outra, ao modo das “associações livres”, que fez o significante deslizar e abrir para outros sentidos. A expressão A DONA ONÇA leva-nos a dizer que representa uma manifestação de ALÍNGUA, já que está para a ordem da irregularidade, do impossível, enfim, da contingência.

Acerca da expressão A DONA ONÇA e da expressão *a dona cristal*, percebemos uma antítese entre elas, visto que a “onça” (animal) nos remete a uma resistência bem maior se comparado ao “cristal”, enfatizando, por exemplo, uma taça de cristal, ou seja, forte e frágil. Enquanto que para *a dona cristal* se requer algo, parece-nos, que diz respeito a um cuidado mais meticuloso para se manter o relacionamento, para A DONA ONÇA, por outro lado, se requer algo, parece-nos, que diz respeito a uma pressa maior, já que a “onça” (animal) é muito rápida, forte e brava, daí se ter um cuidado de uma outra ordem se comparada à ordem do “cristal” (objeto). Além disso, *a dona cristal* dá um tom de transparência, também de relacionamento lícito, ressaltando o casamento.

Conforme cultura popular, parece ser comum se dizer que, quando uma pessoa está brava, ela está uma fera, ou, então, que *ela virou uma onça*. Nesse sentido, vale dizer que a expressão A DONA ONÇA remete-nos às formas não-marcadas que dizem respeito a questões interpretativas, ou seja, é a presença do outro, semelhante, de forma implícita, articulando com a heterogeneidade constitutiva.

Cumpramos destacar que tanto a expressão A DONA ONÇA como a expressão *a dona cristal* representam uma metáfora na língua, já que vêm no lugar de outras formas, porém mantendo relação de sentido com estas. Dessa forma, construímos para a expressão A DONA ONÇA a categoria de INUSITADO METAFÓRICO, marcando uma diferença em meio ao jogo do um, mostrando a singularidade extravasada, ou seja, é o sujeito “brincando” com as

possibilidades permitidas pelo sistema linguístico, já que o espaço enunciativo pxiszeiro, de certa forma, o permitiu.

#### 4.11 DO LADO CANHOTO e O CARONA DA VEZ

O recorte abaixo nos permitiu pontuar duas expressões que configuram como ocorrência do ASPECTO LEXICAL INUSITADO. Desse modo, observemos a enunciação de dois radioamadores:

VILA: Tá jóia... Agora memo tô aqui na pista do Monte Carmelo, em frente aqui do trevo, sigo em frente, entro pelos coqueiros aqui, ok?! As palmeiras, é palmeira, né?!

BARRA FORTE: Positiva<sup>160</sup>! Aí o senhor vai passar um hotel aí, um hotel DO LADO CANHOTO e *logo na frente do hotel tá a agenciadora de carga* aí. Cê vai vê um punhado de carguero ancorado<sup>161</sup> aí. Ali vai dá um jeito procê ali, vai ajeitá procê aí.

VILA: *Falô, falô, macanudo*<sup>162</sup>! *Muito obrigado! Cê tá doido, ajuda muito boa, por isso que é bão o rádio, né?! Ajuda a gente fazer amizade, né?! Com certeza, a hora que a gente precisa também é muito bão, ok?!*

BARRA FORTE: Ok, Vila... Não, eu te comento que a radiola<sup>163</sup> é O CARONA DA VEZ, positivo?!

Face às representações dos radioamadores Barra Forte e Vila, cumpre ressaltar a relevância de se apontar algumas características que constituem a prática de rádio amador: solidariedade, poeticidade, musicalidade, afeto, amizade e fuga da solidão das estradas. Desse modo, Barra Forte, de forma solidária, a nosso ver, forneceu uma informação para o Vila acerca de uma agenciadora de cargas, dizendo: *logo na frente do hotel tá a agenciadora de carga*. Acontecem, também, via rádio amador, orientações ligadas a localidades de cidades, borracharias, pousadas, restaurantes, postos de gasolina, etc.

Por outro lado, Vila, de forma poética e musical, a nosso ver, enunciou: *falô, falô, macanudo!* e, por conseguinte, de forma afetuosa, a nosso ver, agradeceu o Barra Forte via os dizeres: *muito obrigado! Cê tá doido, ajuda muito boa, por isso que é bão o rádio, né?!*. Também, ressaltamos a amizade via o dizer: *ajuda a gente fazer amizade, né?!*. Ademais,

---

<sup>160</sup> Positivo.

<sup>161</sup> Estacionado.

<sup>162</sup> Bom operador de rádio amador.

<sup>163</sup> Rádio amador.

frisamos a fuga da solidão das estradas, bem como a solidariedade novamente via o dizer: *com certeza, a hora que a gente precisa também é muito bão, ok?!*, conforme nossa compreensão.

Gostaríamos de chamar a atenção para a questão do semelhante no grupo PX via os jargões: *positiva, carguero ancorado, macanudo e radiola*. Ou seja, esses jargões sugerem a tentativa de se fazer o um nesse espaço enunciativo. Todavia, há o não-um desestabilizando sempre, mostrando-nos “flashes” do real, ou seja, algo da ordem da verdade do sujeito.

Sob essa perspectiva do não-um, enfatizamos a emergência de duas expressões presentes nos dizeres do Barra Forte: DO LADO CANHOTO e o CARONA DA VEZ. Essas expressões parecem apontar para a prevalência do real, já que vêm via contingência e efemeridade, fraturando o fio do dizer e apontando, a nosso ver, para uma das possíveis manifestações de ALÍNGUA, que toca no real.

Desse modo, destacando a expressão DO LADO CANHOTO, era esperada a expressão, conforme nossa concepção, *do lado esquerdo*; todavia, houve deslize de significante, emergindo aquela expressão no dizer do Barra Forte. Entendemos que *canhoto* é um adjetivo comumente enunciado para caracterizar a pessoa cuja mão ou pé mais hábil é o esquerdo. No futebol, por exemplo, quando um dado jogador costuma utilizar a perna esquerda com maior frequência, se comparada ao uso da direita, para chutar a bola, é dito que ele é *canhoto*. Além do mais, quando um jogador é *direito*, por chutar a bola com maior frequência com a perna direita, e faz um gol com a perna *canhota*, ressalta-se nos programas futebolísticos a façanha.

Nesse sentido, a expressão DO LADO CANHOTO parece dar um tom de exaltação, o que nos permite construir a categoria de INUSITADO HIPERBÓLICO para essa expressão, já que poderia ter emergido apenas um simples *do lado esquerdo*, mas há real desestabilizando, dando um tom, às vezes, de certo exagero aos dizeres, conforme nosso entendimento.

Sobre a emergência da expressão O CARONA DA VEZ, enunciada pelo Barra Forte, gostaríamos de destacar que esse radioamador parece ter sido afetado pelo léxico do futebol novamente, uma vez que é comum nesse esporte enunciar a expressão *a bola da vez* para se

referir a uma boa jogada, por exemplo. Assim, houve uma associação diferente entre os signos linguísticos, o que nos remete à possibilidade de essa relação diferente afetar o sentido.

Parece ser comum na cultura popular se dizer que alguma coisa é *da hora*, mas não *da vez*. Dessa forma, a expressão O CARONA DA VEZ se configura como uma metáfora que vem no lugar de outra metáfora, mantendo certa relação de sentido. Essa expressão nos leva a associar a alguns sentidos possíveis para ela, como, *o carona da hora, do momento*, ou seja, entendemos que o rádio amador é, portanto, uma boa companhia. Nesse sentido, esse fato enunciativo de linguagem nos mostra, de certa forma, algo do objeto de estudo com o qual trabalhamos.

Assim, construímos para a expressão O CARONA DA VEZ a categoria de INUSITADO METAFÓRICO. Tanto essa expressão como a expressão DO LADO CANHOTO remetem ao fato de o dizer ser heterogêneo, ou seja, o sujeito é descentrado, constituído por outros dizeres. É a presença do outro no fio do dizer, porém de forma implícita, articulando com a heterogeneidade constitutiva.

A despeito de essas expressões terem emergido no lugar de outros vocábulos e/ou outras expressões já estabilizadas socialmente, cumpre ressaltar que elas estão para ordem da (im)previsibilidade, uma vez a combinação delas foi permitida pelo sistema linguístico, marcando uma diferença.

#### **4.12 ESSA VOZ DE LOCUTOR DE OURO e VIAGINHA**

A partir do recorte abaixo, pontuamos um vocábulo e uma expressão que se configuram como ocorrência do ASPECTO LEXICAL INUSITADO. Nesse sentido, observemos a enunciação de dois radioamadores:

BARRA FORTE: *Tá legal, tá bão, Carabina, quero ver não conhecer, né, ESSA VOZ DE LOCUTOR DE OURO, né, tubarão<sup>164</sup> todo aí do Monte Carmelo, retornando a city em busca dum descarregamento, tá bão, ô Carabina, bom dia!*

CARABINA: *Ah... Ok, Barrinha, não é memo, chegano aqui agora aqui ó [xxx] pô a carreta no lugar, dô outra VIAGINHA na semana, é pá cabá, né?! Tá bão, Barrinha, vô ficá aqui na city hoje, amanhã, *domingão do**

---

<sup>164</sup> Bom operador de rádio amador.



*Faustão*, aí vai sair à tarde, vô fazê o carregamento mais cedo, é pá cabá, né?! Tá bõ, Barrinha [xxx] *com a permissão do senhor e os demais aí*, eu vô pô os pé no chão pra ver cumé que vai ficá as coisera<sup>165</sup> aqui, Barrinha. Depois a gente fala novamente.

Essa materialidade linguística, ressaltando algumas representações linguísticas, levamos a associar ao fato de a poesia e a voz musicada “pulsarem” nas enunciações de radioamadores. Nesse sentido, vale salientar os dizeres: *tá legal, tá bõ, Carabina*, remetendo-nos à assonância da vogal *a*, e *domingão do Faustão*, remetendo-nos à rima presente nesta expressão. São dizeres mais cantados se comparados ao modo de dizer em espaços enunciativos de instâncias formais.

Conforme as marcas deixadas pelo radioamador Carabina, gostaríamos de destacar que o respeito se configura como uma das características da prática de rádio amador, destacando o dizer: *com a permissão do senhor e os demais aí*. Ademais, cumpre frisar que a norma dessa prática se deu via os jargões *tubarão e coisera*, ou seja, são dizeres que vêm via tradição no rádio amador, fazendo parte do estilo do grupo PX. Assim, esses jargões apontam para a existência da regularidade nessa prática, ou seja, para a tentativa de se fazer o um.

Por outro lado, a expressão ESSA VOZ DE LOCUTOR DE OURO e o vocábulo VIAGINHA levam-nos a dizer que o não-um parece ter fraturado o um. Houve, parece-nos, a prevalência do real, desestabilizando a regularidade. Algo já previsto na relação intersubjetiva, uma relação de não encaixe perfeito, já que os sujeitos são sempre dessemelhantes.

De início, gostaríamos de destacar que a expressão ESSA VOZ DE LOCUTOR DE OURO deixa-nos entrever que a voz tem grande relevância na prática de rádio amador, o que a torna, de certa forma, mais musicada. Dada essa relevância, atribuímos a essa expressão um tom de valorização à voz, já que Barra Forte disse: *quero ver não conhecer*, ou seja, conhecer a voz do radioamador Carabina. Assim, para referirmos a esse tom de valorização, consideramos a relação entre os signos linguísticos e a própria enunciação ocorrida nessa conjuntura.

---

<sup>165</sup> Coisa.

A expressão ESSA VOZ DE LOCUTOR DE OURO parece apontar para o fato de não ser uma voz qualquer, visto que é de locutor de “ouro”, o que aponta para sentidos outros: locutor que sabe interagir bem no espaço enunciativo do rádio amador, locutor que tem uma voz marcante, no sentido de ser, de certa forma, facilmente reconhecida por outros radioamadores, etc. Desse modo, construímos para essa expressão a categoria de INUSITADO METAFÓRICO. Ou seja, são os signos linguísticos numa relação particular abrindo para sentidos outros.

Acerca do vocábulo VIAGINHA, chama a atenção os dizeres que a rodeia para a construção de um sentido possível. Assim, o radioamador Carabina disse ter chegado de viagem no sábado e que ia *pô a carreta no lugar* para dar uma outra VIAGINHA no domingo à tarde. Parece ser possível dizer que esse vocábulo dá um tom eufêmico ao dizer de Carabina, já que, apesar de domingo, fará uma VIAGINHA. Ademais, o sufixo -inh parece agir de forma eufêmica sobre a base *viag-*, que é uma alomorfia de *viagj-*. Não compreendemos esse sufixo funcionando como um diminutivo, ou seja, uma viagem pequena, mas como uma espécie de modalização, ou seja, manifestação de atenuação, o que nos permite construir para esse vocábulo a categoria de INUSITADO EUFÊMICO.

Desse modo, cumpre ressaltar que tanto a expressão ESSA VOZ DE LOCUTOR DE OURO como o vocábulo VIAGINHA apontam para o fato de terem marcado uma diferença em meio à semelhança. Essa expressão e esse vocábulo já são previstos pelo sistema linguístico, uma vez que sua combinação na enunciação onde emergiram foi uma combinação possível, porém abrindo para sentidos outros. É o sujeito extravasando a singularidade, destacando jogos com os elementos linguísticos. O sujeito do inconsciente não sabe tudo de si, não controla seus dizeres. Nesse sentido, ESSA VOZ DE LOCUTOR DE OURO e VIAGINHA apontam, conforme entendemos, para uma das inúmeras possibilidades de manifestação de ALÍNGUA, já que parecem apontar para as inúmeras singularidades do real a nomear.

#### **4.13 UM BANHO NA MINHOCA**

O recorte abaixo permitiu-nos pontuar uma expressão que se configura como ocorrência do ASPECTO LEXICAL INUSITADO. Ademais, nesse recorte, houve um jogo jocoso de significantes. Nesse sentido, observemos a enunciação de dois radioamadores:

BARRA FORTE: Ah, então, tá legal... Mas num fui ouvino o Pirata não, viu?! *Tô achano que ele tá com o papagaio e a garrafa de rum montila na mão por aí, positivo?!*

SIMPATIA: Ah, tá... Ele ia fazê quatro entregas aqui no Monte Carmelo.

BARRA FORTE: Pois é, mas eu num vi ele, viu, Simpatia...

SIMPATIA: Pitimbado mesmo... Nós tava ajeitano pra ir no Douradoquara, dá UM BANHO NA MINHOCA, ã?!

(Não identificado): Ô [xxx], tá no QAP<sup>166</sup>?

BARRA FORTE: Ah, tá legal, dá UM BANHO NA MINHOCA... *Mas pra pescá ceis leva minhoca e vara, Simpatia?*

SIMPATIA: *Nóis leva só a rede...*

BARRA FORTE: Ah, tá legal... Então, beleza, Simpatia, pode ficá à vontade aí, chama o Pirata aí...

De início, gostaríamos de ressaltar que chama a atenção o tom lúdico presente nos dizeres de Barra Forte, referindo-se ao radioamador Pirata: *tô achano que ele tá com o papagaio e a garrafa de rum montila na mão por aí, positivo?!*. Ou seja, a ludicidade, os dizeres descontraídos, um modo de dizer ao modo das “associações livres”, ressaltando uma voz mais musicada, são parte integrante das características da prática de rádio amador do grupo PX.

Por outro lado, parece que o duplo sentido resiste pela equivocidade dos vocábulos “minhoca”, “vara” e “rede”. Conforme a cultura popular, “minhoca” e “vara” se configuram como signos designadores do órgão sexual masculino. Os participantes mantêm a jocosidade via esses vocábulos equívocos. O assunto gira em torno de uma “pescaria”. Assim, levando-se em consideração o duplo sentido em UM BANHO NA MINHOCA, já que “na” no lugar de “em” (“banho em minhoca”, animal) remete-nos à seguinte pergunta: qual minhoca? Animal ou órgão sexual masculino?

Dessa forma, considerando a relação entre os signos linguísticos e a própria enunciação, o que pontuamos de INUSITADO diz respeito à expressão UM BANHO NA MINHOCA, já que parece vir por via da contingência e efemeridade. Assim, entendemos que era esperada a expressão *um banho nas minhocas*, visto que uma pescaria requer que se leve

---

<sup>166</sup> Ouvindo, na escuta.

várias minhocas. Todavia, o real parece ter incidido, mostrando o funcionamento do não-um. Portanto, construímos para essa expressão a categoria de INUSITADO EQUÍVOCO, o que remete para uma manifestação de ALÍNGUA, coadunando com nossa hipótese de pesquisa, já que há “uns” no registro da expressão UM BANHO NA MINHOCA, não se desfazendo o equívoco.

Vale destacar que a manifestação de ALÍNGUA, via a expressão UM BANHO NA MINHOCA, parece ter produzido um efeito chistoso: *mas pra pescá ceis leva minhoca e vara, Simpatia?* Ou seja, esse levar “minhoca” e “vara” parece sugerir jocosidade, ressaltando o duplo sentido desses vocábulos.

Além disso, ressaltando *nóis leva só a rede...*, o significante “rede” nos remete a um duplo sentido também: qual rede? A de pescar ou a de dormir? Face a essas equivocidades, a esses deslizos, rememoramos o significante “putaria” no lugar de “pescaria”, levando-se em conta um grau de semelhança fônica.

Dentro dessas considerações, cumpre dizer que Barra Forte entrou no jogo de palavras do Simpatia, que enunciou que ia dar UM BANHO NA MINHOCA, flagrando o duplo sentido dessa expressão, perguntando ao Simpatia: *pra pescá ceis leva minhoca e vara, Simpatia?* Em seguida, o Simpatia, com relação a essa pergunta feita pelo Barra Forte, respondeu: *nóis leva só a rede*. Essa resposta foi, a nosso ver, uma artimanha para não cair no engodo articulado pelo Barra Forte, um engodo que aponta para um levar a “minhoca” e “vara” no sentido dado pela cultura popular. Desse modo, além de “minhoca”, vale dizer que “vara” e “rede” representam exemplos de manifestação de ALÍNGUA. São todas possibilidades já previstas pelo sistema linguístico, marcando uma diferença no fio do dizer.

#### **4.14 GARGANTONA e BOA**

Com relação ao recorte abaixo, pontuamos dois vocábulos que se configuram como ocorrência do ASPECTO LEXICAL INUSITADO. Todavia, cada vocábulo está para a ordem de uma categoria diferente, conforme pudemos construir. Dessa forma, observemos a enunciação de dois radioamadores:

BARRA FORTE: Tá legal! Tô esperano só a dona cristal<sup>167</sup> dá uma chegada aqui e vô ausentar aqui e passo por lá, okapa<sup>168</sup>?!

TOURO SENTADO: Positivo! Cê vai nalgum QT rural<sup>169</sup> hoje?

BARRA FORTE: Não, hoje não, viu, Touro?! Hoje, não, *tô meio pitimbado*, a GARGANTONA, né?! *Quando eu tô assim, eu vô chegado e o povo já vai ofertano lourita, eu não posso modular*<sup>170</sup>, então num vai, né?!

TOURO SENTADO: Não... Mas, sô, *nas fazenda num tem lourita não, sô! Fazenda é água pura memo, viu?! É água filtrada e pura, viu?! Aquela BOA!*

BARRA FORTE: Não! O senhor tá enganado, tem e num é pouca não, é muita, viu?! Esses QT rural<sup>171</sup> tudo já tem armazenada lá a lourita, okapa<sup>172</sup>?!

A partir dessa materialidade linguística, chama a atenção dizeres já estabilizados no espaço enunciativo do grupo PX. Referimo-nos a jargões desse grupo: *dona cristal*, *okapa*, *QT rural e modular*. A esses jargões, dizemos que são parte da norma desse grupo, o que nos permite dizer que há a regularidade nessa prática, ou seja, a tentativa de se fazer o um.

Todavia, como o rádio amador é um espaço em que há a emergência de dizeres descontraídos, o que nos remete ser ao modo das “associações livres”, emergiram dois vocábulos que estão para a ordem do ASPECTO LEXICAL INUSITADO: GARGANTONA e BOA. Esses vocábulos estão para a ordem da contingência, já que vêm no lugar de dizeres já estabilizados socialmente. Entretanto, o real não cessa de desestabilizar, e esses vocábulos parecem mostrar “flashes” do real, ou seja, o funcionamento de não-um.

De início, gostaríamos de dizer que o Touro Sentado perguntou ao Barra Forte se este iria em algum *QT rural*. Barra Forte respondeu que não iria pelo fato de estar *meio pitimbado*, ou seja, meio doente, conforme conjuntura. Em seguida, disse que era por conta da GARGANTONA que, a nosso ver, veio no lugar do vocábulo garganta, que já é estabilizado pela prática social.

---

<sup>167</sup> Esposa, mulher.

<sup>168</sup> Positivo.

<sup>169</sup> Fazenda, roça.

<sup>170</sup> Beber. Dependendo da circunstância, pode significar conversar.

<sup>171</sup> Fazenda, roça.

<sup>172</sup> Positivo.

Detenhamo-nos no vocábulo GARGANTONA. Esse vocábulo é um produto derivacional constituído pela base gargant- associado ao sufixo -ona. Parece-nos que o sufixo -ona agindo sobre a base gargant- na enunciação em que emergiu esse vocábulo dá um tom irônico e de exagero ao derivado, já que GARGANTONA não parece indicar ser uma garganta grande, mas inflamada, por exemplo. Assim, construímos para esse vocábulo a categoria de INUSITADO HIPERBÓLICO, apontando, a nosso ver, para uma das inúmeras possibilidades de manifestação de ALÍNGUA, que produz uma marca na língua, abrindo para possibilidades outras de sentido.

Ademais, esse vocábulo parece apontar para uma intensidade outro do som, ou seja, é a voz se manifestando via enunciação no rádio amador de uma forma jocosa, afetando a semântica do signo linguístico GARGANTONA. Esse tipo de manifestação da voz já é algo esperado no espaço enunciativo do grupo PX.

Por outro lado, Barra Forte disse: *quando eu tô assim, eu vô chegano e o povo já vai ofertano lourita, eu não posso modular, então num vai, né?! Em seguida, Touro Sentado, em tom de contestação, ressaltando o advérbio não e o conectivo adversativo mas, afirmou: nas fazenda num tem lourita não, sô! Fazenda é água pura memo, viu?! É água filtrada e pura, viu?! Essas marcas deixadas por Touro Sentado nos levam a dizer que esse radioamador enfatizou, de forma lúdica, a nosso ver, o fato de não haver cerveja em fazendas, ou seja, lourita, conforme cultura popular, mas sim água pura e filtrada. Em decorrência, esse mesmo radioamador enunciou, referindo-se a essa “água”, que em fazendas há aquela BOA, que nos remete à seguinte pergunta: qual?*

Nesse sentido, consideramos as ideias expressas sintagmaticamente e a situação historicizada da enunciativa para dizer que o duplo sentido parece resistir pela equívocidade do substantivo adjetivado BOA. Ou seja, é a possibilidade de coexistir nesta forma coisas díspares, destacando a situação enunciativa em que ela emergiu. De início, esse substantivo adjetivado parece apontar somente para o vocábulo *água*, já que Touro Sentado disse que em fazendas há *água pura e filtrada*. No entanto, conforme cultura popular, BOA designa aguardente, pinga, ou, de acordo com o jargão do rádio amador, *suco da confusão*. Ou seja, entendemos ser uma forma não-marcada que diz respeito a questões interpretativas. É o outro de forma implícita no registro do equívoco.

Sob essa perspectiva do equívoco registrado pelo vocábulo BOA, cumpre ressaltar que ele não se desfaz. Assim, é a possibilidade de associar esse vocábulo ao vocábulo *água* e à expressão, por exemplo, *suco da confusão*, ao mesmo tempo. Ou seja, há “uns” no vocábulo BOA. Assim, esse vocábulo está para a ordem da categoria que nomeamos como INUSITADO EQUÍVOCO, representando, a nosso ver, uma manifestação de ALÍNGUA, coadunando com nossa hipótese de pesquisa.

Em meio a dizeres que estão para a ordem do semelhante, GARGANTONA e BOA marcam uma diferença, mostrando-nos efeitos do sujeito na língua, ou seja, é o sujeito movimentando as formas linguísticas numa dada enunciação. Esses dois vocábulos, embora estejam para a ordem da contingência e efemeridade, já são previstos pelo sistema linguístico, uma vez que a base gargant- admite o sufixo -ona e BOA admite sentidos outros, como, por exemplo, *suco da confusão*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o nosso trabalho, concluímos que a prática de radioamadorismo do grupo PX é uma prova cabal da ocorrência de uma intensa produção lexical, ressaltando o jargão e o ASPECTO LEXICAL INUSITADO. Configura-se como uma prática propícia à emergência do INUSITADO pelo fato de haver, conforme nosso entendimento, identificação entre os operadores de rádio amador, transparecendo solidariedade, afeto e amizade em suas enunciações. Parece-nos que o jogo com a / da língua possibilita o estabelecimento de laço, um laço social que traz indícios de identificação entre aqueles que se tornam amigos à distância. Ademais, as personagens dos radioamadores, enfatizando a criação de codinomes e adereços (como, por exemplo, a mudança de sotaque), proporcionam ao radioamador uma face protegida, o que parece ser mais uma condição favorecedora à emergência do INUSITADO.

Nesse sentido, conforme demanda do próprio espaço enunciativo do rádio amador, parece-nos que o radioamador será mais “cotado” se brincar com a língua e seus recursos, promovendo ludicidade, jocosidade, etc. É um jogar com a língua de modo “espontâneo”, o que sugere ser ao modo das “associações livres”. Esse modo “espontâneo” parece incidir na própria voz, que é, a nosso ver, mais musicada nesse espaço, de modo a transmitir entusiasmo, força, presença, etc. Desse modo, chama-nos a atenção a possibilidade de dizer que os radioamadores são poetas da e na linguagem, já que “brincam” com ela, no sentido de haver associações entre elementos linguísticos diferentes das associações já estabilizadas pela prática social.

A partir de nossas análises, cumpre frisar que nossa hipótese de pesquisa foi confirmada. De início, verificamos que a emergência do ASPECTO LEXICAL INUSITADO aponta para uma produtividade lexical característica da oralidade no espaço enunciativo pxiszeiro. Por outro lado, pudemos concluir que as ocorrências de INUSITADO são manifestações de ALÍNGUA, já que registram o equívoco, o erro, a diferença, o hiato, o desigual na língua. Para essas ocorrências do INUSITADO, construímos algumas categorias. Entretanto, essas categorias não indicam que este se “fechou”, que há somente o METAFÓRICO, o EUFÊMICO, o HIPERBÓLICO e o EQUÍVOCO; afinal, não esgotamos as possibilidades, o que, diga-se de passagem, de nossa perspectiva teórica é impossível.



O que está para a ordem do imprevisto do sentido não cessa de emergir, uma vez que a enunciação, construída de linguagem, é uma operação inexata, que sempre deixa resto, já que é impossível tudo dizer.

Vale lembrar que o nosso trabalho de pesquisa se restringiu a enunciações de radioamadores do grupo PX via canal 5 no município de Monte Carmelo, Minas Gerais, o que implica dizer que gostaríamos de deixar um desejo aqui registrado. Esse desejo leva-nos a dizer que um dia gostaríamos de pesquisar enunciações de radioamadores em outros canais, em outras frequências, de outros grupos, de outros lugares, etc. Por enquanto,

Pedimos licença para finalizar de um outro modo  
Um fim que não tem fim...

Saussure já dizia que a língua é herança da época precedente,  
Mas que o signo é não fixidez.

Coseriu já dizia que a língua é permeada por normas,  
Mas que há possibilidades outras previstas pelo sistema.

Benveniste já dizia que há formas apropriadas para se subjetivar,  
Mas que é via enunciação que se dão as alterações lexicais.

Milner já dizia que há um, que há semelhante, que há imaginário,  
Mas que há real operando e desestabilizando.

Authier-Revuz já dizia que a heterogeneidade constitutiva é inapreensível,  
Mas que se vê “flashes” sua via a heterogeneidade mostrada.

Via enunciação no rádio amador,  
Percebemos que  
Há herança,  
Há norma,  
Há formas apropriadas,  
Há semelhante,  
Há inapreensível.

Há!

Via enunciação no rádio amador,  
Percebemos a manifestação de *amor*...

## BIBLIOGRAFIA

### 1. Referências bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Alguma poesia**. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

\_\_\_\_\_. **A rosa do povo**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

\_\_\_\_\_. **Corpo**. São Paulo: Record, 1984.

\_\_\_\_\_. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

\_\_\_\_\_. **Poesia e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.

ASSIS, Machado de. **Contos**. 26. ed. São Paulo: Ática, 2005.

\_\_\_\_\_. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Ática, 1996.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

\_\_\_\_\_. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In: **Cad. Est. Ling.**, Campinas, (19), jul./dez. 1990. p. 25-42.

\_\_\_\_\_. **Palavras incertas**: as não-coincidências do dizer. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral I**. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.

\_\_\_\_\_. **Problemas de lingüística geral II**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria lingüística**: teoria lexical e computacional. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COSERIU, Eugenio. **Lições de lingüística geral**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

\_\_\_\_\_. **O homem e sua linguagem**: estudos de teoria e metodologia lingüística. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1982.

\_\_\_\_\_. **Teoria da linguagem e lingüística geral**: cinco estudos. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

DAVID, Cláudio Munayer. A musicalidade da fala: o objeto sonoro em Freud. In: **Reverso**, Set 2006, vol. 28, n.53, p.107-112.

**Diário Oficial da República Federativa do Brasil.** Brasília-DF, 19 de julho de 1994, seção 1, 1994. (Atos do Poder Legislativo)

FISH, Stanley. "Is there a text in this class?". In: **Alfa**, v. 36. São Paulo: UNESP, 1992, p. 191 a 206.

FLORES, Valdir do Nascimento. Entre o dizer e o mostrar: a transcrição como modalidade de enunciação. In: **Organon**, vol. 20, n. 40-41. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Linguística e Psicanálise: princípios de uma semântica enunciativa.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

FLORES, Valdir do Nascimento, SILVA, Silvana, LICHTENBERG, Sônia, WEIGERT, Thaís. **Enunciação e gramática.** São Paulo: Contexto, 2008.

FLORES, Valdir do Nascimento e TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à linguística da enunciação.** São Paulo: Contexto, 2005.

GABOARDI, Ediovani Antônio. A questão científico-epistemológica do lugar do observador. In: **Controvérsia**, v. 2, n. 2, jul-dez, 2006.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 1.0.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação.** 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

KAUFMANN, Paul. **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

LACAN, Jacques. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LEIRIS, Michel. Reusement. In: **Projeto Análise**, acesso dia 10 de fevereiro de 2009. <[www.jorgeforbes.com.br](http://www.jorgeforbes.com.br)>

LEMOES, Maria Teresa G. de. Sobre o que faz texto: uma leitura de Cohesion in English. In: **D.E.L.T.A**, vol. 8, n. 1, 1992. p. 21-42.

MALISKA, Maurício Eugênio. Saussure e a voz. In: **ReVEL**, edição especial, n. 2, 2008.

MEIRELES, Cecília. **Cecília de bolso.** Porto Alegre, L&PM, 2008.

\_\_\_\_\_. **Romanceiro da inconfidência.** Rio de Janeiro: Aguilar, 1977.

MILNER, Jean-Claude. La constitution du fait em Linguistique. In: ARCHAD, Pierre; GRUENNAIS, Max-Peter, JAULIN, Dolores. In: **Histoire et Linguistique.** Paris: Ed. de la Maison des sciences de l'homme, 1984.

\_\_\_\_\_. **O amor da língua.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

\_\_\_\_\_. **Os nomes indistintos.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.

NAZAR, Tereza. O escrito da escrita. In: MARIANI, Bethânia (org.). **A escrita e os escritos: reflexões em análise do discurso e em psicanálise**. São Carlos: Claraluz, 2006.

NORMAND, Claudine. Os termos da enunciação em Benveniste. In: OLIVEIRA, Sérgio Lopes; PARLATO, Érika Maria; RABELLO, Silvana. **O falar da linguagem**. São Paulo: Lovise, 1996. (Série Linguagem)

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.

PETERSON, Christopher Robert. **Gíria médica: Trambiclínicas, Pilantrópicos e Embromeds**. Rio de Janeiro: 1999. (Tese de Doutorado).

POSSENTI, Sírio. Ensinar estilo? In: **XIX ENANPOLL, GT ANÁLISE DO DISCURSO**, 2004.

RASTIER, François. Le problème épistémologique du contexte et le statut de l'interprétation dans les sciences du langage. In: BOUQUET, Simon et alii (orgs.). **Langages: diversité de la (des) science(s) du langage aujourd'hui figures, modèles et concepts épistémologiques**. Paris: Larousse, 1998.

RIO-TORTO, Graça Maria de Oliveira e Silva. **Formação de palavras em português: aspectos da construção de avaliativos**. Coimbra, 1993.

\_\_\_\_\_. **Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português**. Porto: Porto Editora, 1998.

RIOLFI, Cláudia. **O discurso que sustenta a prática pedagógica: formação de professor de língua materna**. Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp: 1999. (Tese de Doutorado)

SANTOS, César Augusto Azevedo. Landell de Moura ou Marconi, quem é o pioneiro? **Anais do 26º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Intercom. Belo Horizonte: setembro de 2003.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Maria Cecília Pérez de Sousa e KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Lingüística aplicada ao português: morfologia**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

SILVA, Maria Emília Barcellos da. O dinamismo lexical: o dizer nosso de cada dia. In: AZEREDO, José Carlos de. (org.). **Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 142-146.

TEIXEIRA, Marlene. **Análise de discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido do discurso**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

VALENTE, André. A produtividade lexical em diferentes linguagens. In: AZEREDO, José Carlos de. (org.). **Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 163-175.

WOODCOCK, George (org.). Os grandes escritos anarquistas. In: WOODCOCK, George. **A ditadura do relógio**. Porto Alegre: L&PM, 1981.

ZANOTTO, Normelio. **Estrutura mórfica da língua portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro, RJ: Lucerna; Caxias do Sul: Educs, 2006.

### Filme

**De olhos bem fechados**. Stanley Kubrick. 159 min. Drama. 1999.

### Músicas

**Como os nossos pais**. Disco: Sem limite: Belchior, 2002.

**Metamorfose ambulante**. Raul Seixas. Krig-ha, Bandolo. 1973.

**Ninguém = Ninguém**. Engenheiros do Hawaii. Gessinger, Licks & Maltz, 1992.

**O tempo não pára**. Disco: O tempo não pára: Cazuza, 1997.

**Ouro de tolo**. Disco: Maluco Beleza: Raul Seixas, 2003.

**Por que os sinos dobram?** Disco: As profecias: Raul Seixas, 1979.

## 2. Bibliografia consultada

ABAURRE, Maria Bernadete Marques et alii. Considerações sobre a utilização de um paradigma indiciário na análise de episódios de refacção textual. In: **Trab. Ling. Apl., Campinas**, (25): 5-23, Jan./Jun. 1995.

BOUQUET, Simon. **Introdução à leitura de Saussure**. São Paulo: Cultrix, 2004.

DUBOIS, Jean et alii. **Dicionário de lingüística**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

DUCROT, Oswald. **Estruturalismo e Lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1970.

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

ENDRUWEIT, Magali Lopes. **A escrita enunciativa e os rastros da singularidade**. Porto Alegre: 2006. (Tese de Doutorado).

GUIRAUD, Pierre. **L'argot**. Paris: Presses Universitaires de France, 1973.

LICHTENBERG, Sônia. Usos de algo: uma aplicação da teoria de Benveniste. In: **Organon**, Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS, v. 16, n. 32/33, p. 149-160, 2002.

SANTOS, César Augusto Azevedo dos. Landell de Moura: aspectos relevantes para a trajetória do reconhecimento. In: **3º encontro nacional da rede Alfredo de Carvalho**, Novo Hamburgo, RS, 14, 15 e 16 de abril de 2005, [www.redealcar.jornalismo.ufsc.br](http://www.redealcar.jornalismo.ufsc.br) (Acesso dia 08 de fevereiro de 2009).

SAUSSURE, Ferdinand de. **Escritos de Lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 2002.

SILVEIRA, Eliane Mara. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da Lingüística**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

## **ANEXO**

### **RADIOAMADORES PARTICIPANTES DA PESQUISA: NOSSO MUITO OBRIGADO!**

AMENDOIM: técnico em eletrônica; base fixa (rádio amador em estabelecimento comercial); Monte Carmelo, Minas Gerais.

BARBOSINHA: motorista de caminhão; base móvel (rádio amador no caminhão); Monte Carmelo, Minas Gerais.

BARRA FORTE: ferroviário aposentado; base fixa (rádio amador em residência) e base móvel (rádio amador em D20); Monte Carmelo, Minas Gerais.

CANARIM: motorista de carreta bi-trem; base móvel (rádio amador na carreta bi-trem); Ribeirão Preto, São Paulo.

CANGURU: motorista de caminhão; base móvel (rádio amador no caminhão); Coromandel, Minas Gerais.

CARABINA: motorista de caminhão; base móvel (rádio amador no caminhão); Monte Carmelo, Minas Gerais.

CARLIM (ADVOGADO): motorista de caminhão; base móvel (rádio amador no caminhão); São Manoel, Paraná.

CAVALÃO: motorista de carreta bi-trem; base móvel (rádio amador na carreta bi-trem); Corumbá, Goiás.

CHAVEIRINHO: motorista de caminhão; base móvel (rádio amador no caminhão); Curitiba, Paraná.

DUDU: motorista de caminhão; base móvel (rádio amador no caminhão); Paracatu, Minas Gerais.

FEITICEIRO: técnico em eletrônica; base fixa (rádio amador em estabelecimento comercial); Monte Carmelo, Minas Gerais.

GAMBIARRA: técnico em eletrônica; base fixa (rádio amador em estabelecimento comercial); Iraí de Minas, Minas Gerais.

GILMAR: motorista de caminhão; base móvel (rádio amador no caminhão); Monte Carmelo, Minas Gerais.

GO: motorista de carreta; base móvel (rádio amador na carreta); Itumbiara, Goiás.

JC: motorista de caminhão; base móvel (rádio amador no caminhão); Serra do Salitre, Minas Gerais.

JURANDIR: motorista de caminhão; base móvel (rádio amador no caminhão); Ribeirão Preto, São Paulo.

KID: motorista de caminhão; base móvel (rádio amador no caminhão); Uberlândia, Minas Gerais.

KLEBINHO: motorista de caminhão; base móvel (rádio amador no caminhão); Curitiba, Paraná.

MALBORO: motorista de caminhão; base móvel (rádio amador no caminhão); Curitiba, Paraná.

MUSEU: motorista de carreta; base móvel (rádio amador na carreta); Videira, Santa Catarina.

PAULISTINHA: motorista de caminhão; base móvel (rádio amador no caminhão); Monte Carmelo, Minas Gerais.

PLAY BOY: motorista de caminhão; base móvel (rádio amador no caminhão); Uberlândia, Minas Gerais.

POTINHO: motorista de caminhão; base móvel (rádio amador no caminhão); Uberlândia, Minas Gerais.

RAPOSÃO: motorista de caminhão; base móvel (rádio amador no caminhão); Monte Carmelo, Minas Gerais.

SIMPATIA: motorista de caminhão; base móvel (rádio amador no caminhão); Monte Carmelo, Minas Gerais.

TIGRIM: motorista de caminhão; base móvel (rádio amador no caminhão); Monte Carmelo, Minas Gerais.

TIJOLO: motorista de caminhão; base móvel (rádio amador no caminhão); São Manoel, Paraná.

TOURO SENTADO: técnico em eletrônica; base fixa (rádio amador em estabelecimento comercial); Monte Carmelo, Minas Gerais.

VILA: motorista de carreta; base móvel (rádio amador na carreta); Petrolina, Pernambuco.

ZÉ URSO: motorista de caminhão; base móvel (rádio amador no caminhão); São Manoel, Paraná.

ZÓIO: motorista de caminhão; base móvel (rádio amador no caminhão); Monte Carmelo, Minas Gerais.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)



[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)